GRÁTIS! ÁLBUM ESPECIAL KURT COBAIN

AS HISTÓRIAS QUE COURTNEY LOVE NÃO QUER QUE VOCÊ SAIBA

SHOW Rizz

5561/1 • ANO 14 / N
EDIÇÃO 153 / ABRIL • R$ 5,

O EX-DOIDÃO STEVEN TYLER, DO

AEROSMITH

FAZ SUAS CONFISSÕES E AVISA QUE VEM AO BRASIL EM MAIO

AUTÓPSIA ESPECIAL

QUEM FERROU (E FOI FERRADO POR)

TIM MAIA

REPÓRTER BIZZ NA TURQUIA

PLANT E PAGE

EXORCIZAM O LED ZEPPELIN

PRODIGY

KEITH FLINT

contra os modismos

0153

+ RICHIE SAMBORA OASIS ALL SAINTS TITÃS SKATE TOASTERS

ALGUMAS COISAS
SE RECUSAM
A FAZER PARTE
DE TENDÊNCIAS.
PREFEREM FAZER
PARTE DA VIDA.

ORIGINAL BOOT CUT
JEANS INTRODUZIDO
NOS ANOS 60.

LEVI'S
ORIGINALS

"Adriane Galisteu cedeu seu cachê para o Espaço Viver"

"Já Troquei de Mulher 76 Vezes"

Reinaldo Silva, empresário, assinante de PLAYBOY

Com o Reinaldo Silva é assim: troca de mulher a toda hora. Vira e mexe ele se apaixona, quer ficar ao lado da nova amada, jura fidelidade. E cumpre tudo isso - pelo menos por um mês. Porque, logo depois, o Reinaldo conhece outra mulher e acontece tudo de novo. Foi assim com a Adriane Galisteu. E com todas as outras que vieram depois.

Mas não são só as mulheres que atraem o Reinaldo. Ele gosta de todas as coisas boas da vida. Gosta de conhecer lugares, coisas e pessoas inteligentes.
De encarar a vida com bom humor.

Graças ao seu jeito de "bon vivant", as pessoas já estão desconfiando que ele tem um caso - um caso com PLAYBOY.

PLAYBOY faz parte da vida do Reinaldo. Com PLAYBOY ele se sente como se estivesse em um bar tomando cerveja com os amigos. Fica sabendo das últimas novidades, dos melhores lugares para viajar. Pode olhar à vontade as mulheres mais bonitas, já que elas só estão acompanhadas por grandes entrevistas e reportagens.

PLAYBOY faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem prefere assistir 22 homens correndo atrás de uma bola.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV · FILME · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · HBO BRASIL · GAMES · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HOROSCOPO · A&D · TERRA · EURO CHANNEL · CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

Pauta

ESTE MÊS EM SHOWBIZZ

18 TIM MAIA
Só pra contrariar, publicamos a lista negra de todos os desafetos do Síndico do Brasil

34 ALL SAINTS
A resposta sacaninha ao fenômeno Spice Girls

38 TOASTERS
Os pioneiros da nova geração do ska americano

SEMPRE EM SHOWBIZZ

8 CANAL BIZZ
A ira dos fãs de Pearl Jam e a amante de Bono Vox

12 BIZZES
A diva Madonna faz análise: Rob Halford assume boiolice: Barão Vermelho com Memê

54 PLAY
Madonna, Neil Young, Goldie, Iron Maiden, as trilhas de *Full Monty* e *Boogie Nights*

64 ENJOY IT
Skate or die! Os melhores acessórios para você detonar nas rampas da vida

66 ESTILO
A moda clubber do DJ Carlos Slinger

68 TESTE
Assuma seus conhecimentos sobre os Smiths

70 ONZZE PERGUNTAS
Richie Sambora, o alter ego de Jon Bon Jovi

72 AO VIVO
O concerto-despedida de *Acústico*, projeto milionário dos Titãs

74 + BIZZES
Baba Cósmica grava com Jack Endino; Slayer ataca Max Cavalera

80 PIPOCA MODERNA
Elvis Presley não morreu, Ringo Starr anuncia vinda ao Brasil

82 DISCOTECA BÁSICA
Para chacoalhar: a trilha sonora de *Saturday Night Fever*

Fotos de capa: Reiza (Prodigy), Sony (Aerosmith)

22 AEROSMITH
Os grandes vencedores do Prêmio BIZZ contam suas histórias regadas a sexo, drogas e rock'n'roll

46 PAGE & PLANT
Direto da Turquia, a dupla dá adeus definitivo ao Led Zeppelin

30 OASIS
A passagem (quase) pacífica dos irmãos Gallagher pela América do Sul

ON

A cabeça dele parece um aeroporto de mosquitos aberto na selva Amazônica. Isso se as árvores de lá fossem vermelhas. O nariz, atravessado por um pino de metal, é como o de um pajé aloprado. Aliás, Keith Flint é isto mesmo: um grande pajé da tribo do terceiro milênio, um cacique urbano marcado a rock e punk. Quando ele dança, faz a mágica eletrônica de seu parceiro, Liam Howlett, acontecer. Flint é um dançarino, mas favor não confundi-lo com a Scheila do Tchan.

O Prodigy representa a próxima onda, a única verdadeira revolução mundial de comportamento espelhada e recriada pela música desde Kurt Cobain, que é tema de uma edição especial que vem junto desta SHOWBIZZ. Só quatro anos separam a morte de Cobain desta capa com Flint. Não é chapante? Parece que foi há um século...

Em breve, tem mais Prodigy. Nosso destemido editor-chefe, Pedro Só, está no ex-quase-futuro reino de Diana encarando os caciques.

"Good luck", como eles dizem por lá, e um abraço.

Felipe Zobaran

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Seahorses – *Do It Yourself*
Deep Purple – *Made In Japan*
Van Morrison – *Tupelo Honey*
Marilyn Monroe – *Never Before And Never Again*
Thelonious Monk – *Monk's Dream*
Disco-tributo aos anos 80 – *Freedom Of Choice*

41 PRODIGY
De malas prontas para desembarcar no Brasil, o grupo mais anárquico dos anos 90 renega a moda tecno

Canal Bizz

Este é o seu área. Discorde, elogie, dosça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Mande desenhos, retratos, colagens, fotos desinibidos. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP

Pérolas aos porcos

Fãs de Pearl Jam não se conformam com a crítica de Yield

A postura anticomercial de *Yield* divide os fãs da banda

Não admito que críticos que curtem bandinhas de m*** da mídia como Planet Hemp, Racionais MC's, Prodigy, Marilyn Manson, Hanson e outros lixos critiquem o Pearl Jam por remar contra o comercialismo. Eles dizem que, depois do *Ten*, o Pearl Jam se transformou numa banda sem originalidade e sem música para serem hits. Agora, eu pergunto: quem se importa com os hits produzidos por essa droga chamada mídia?
M.P.S. Vedder – Jaguariúna, SP

Gostaria de saber os métodos que vocês usam para avaliar um disco. Acho que todos devem parar de comparar os discos que o Pearl Jam lança com o *Ten*, cada disco é um disco. Admiro o Pearl Jam por tentar mudar e experimentar sempre.
Thiago Souza – Rio de Janeiro, RJ

Tudo bem que "Given To Fly" lembra "Going To California". O Nirvana não lembra Pixies, o Green Day não parece Hüsker Dü? Ainda bem que o Pearl Jam não é o mesmo do começo da década.
Erivelto Duarte – São Paulo, SP

"Um analista para Vedder?" É fácil criticar, mas Sérgio Martins não lembrou dos vocais inconfundíveis de Vedder – um vocal diferente, fora de foco, por vezes, "errado" – e das letras que tem muito mais a dizer que Spice Girls, Hanson, Oasis. Portanto, acho que toda a carreira da banda deveria ser levada em consideração quando se faz uma crítica.
João Pedro – via e-mail

O bom Deus deve ter planos maiores para Eddie e sua turma. É a única explicação para essa situação toda. Mas, por hora, eu gostaria que o Pearl Jam fosse pro DIABO QUE O CARREGUE!!! E vai ver que, passando uma temporada nos Infernos, tenham umas influenciazinhas melhores do que essa m*** toda que estão oferecendo por aí.
Leonardo Beduschi – via e-mail

Sérgio Martins responde: *Racionais MC's, mídia? Onde, meus caros? Digam-me qual integrante dos Racionais é bonitinho, entope a MTV de videos – depois diz "estar cansado de clipe" e posa de artista atormentado? Eddie Vedder representa tudo o que há de pior no rock: pretensão e filosofia tirada da cartilha* Caminho Suave. *Não tem a poesia de Kurt Cobain (este, sim, um verdadeiro atormentado) e muito menos dispõe do talento de um Noel Gallagher para compor belas melodias pop. E como já declarou Gene Simmons (outro roqueiro de verdade): "Se você não se sente à vontade com o rock, tente outra profissão. E se ganhar dinheiro o deixa triste, eu mando o número de minha conta e você deposita a grana lá".*

Ah, eu tô maruco (beleza)!

Adoro esta revista e quero agradecer pelas reportagens sobre The Doors e Led Zeppelin. Claro, para eu ficar satisfeito, ou melhor, o Brasil inteiro, só falta uma reportagem com o rei do rock Raul Seixas. Se isso acontecer, eu vou ficar maluco beleza.
Fabio Taguchi – Aichi Ken, Japão
Sugestão registrada, Fábio.

Leve desespero

Amigos, estou na cama, é f***. Minha maior ansiedade todo mês é a véspera de receber a SHOWBIZZ. Eu escutei um boato que o Capital Inicial tem chance de voltar, é verdade?
Kajú Ouro-Preto – Voluporanga, SP
Não é boato, Kajú. Seu brother Dinho reassumiu os vocais da banda. Aguarde mais novidades na próxima edição.

Liberdade para as borboletas

Sabe, eu fico indignada com esse negócio de que só maior de 14 pode assistir a um show de rock. Tenho 13 anos e entendo mais de música que muito roqueiro por aí. Seria bom que liberassem pelo menos até os 12, porque, quando eu fui assistir a uma apresentação do Bush em Sampa, fiquei morrendo de medo de não entrar.
Jailene Aparecida – Osasco, SP

Sofro porque só tenho 11 anos e tenho de entrar nesses shows bons acompanhado. No do Bush, eu tive de ir com minha vó de 70 anos! Coitada da véia. Espero que isso mude.
Mauro Ribeiro – Rio de Janeiro, RJ
Uma senhora de 70 anos no show do Bush? Pelo menos ela gostou do Gavin Rossdale? A culpa é do horário dos shows, que começam sempre depois das 22h – em outros países, como Inglaterra e EUA, eles rolam a partir das 19, 20h. É necessário moralizar essa bagunça para que você e outras pessoas menores de 14 anos possam curtir seu ídolo sem apelar para os mais velhos.

Só a capa nos interessa!

Oi pessoal da SHOWBIZZ, nem sei como começar! A primeira coisa que senti, ao abrir o pacote que abrigava a minha edição de março da revista, foi "desprezo!!". Com o perdão da palavra! Ficamos meses, eu e o pessoal do fã-clube, esperando por Madonna na capa! E achamos que ela estaria dessa vez, pois afinal ela tinha lançado um novo CD e este já seria um bom motivo! E também porque algumas das mais importantes revistas colocaram-na na capa (leia-se *Spin*, *Vanity Fair*). Mas aqui no Brasil parecem não terem dado muita bola para o novo trabalho, mesmo ele vendendo o número espantoso de 100 mil cópias na primeira semana (aqui no Brasil!).
Fabiano Machado, coordenador do MOFFCOL (Madonna On Fever Fan Club On Line) – via e-mail
Amamos a Madonna e o CD Ray Of Light *ganhou uma crítica favorável de Zeca Camargo (confira na seção* Play*). E se você realmente prestar atenção na matéria, vai concluir que ela não fica devendo para nenhuma outra publicação gringa. Madonna, com certeza, será capa de SHOWBIZZ, mas tenha um pouco mais de paciência.***

Fã-clubes

JOHN SYKES
Brazilian Sykes Fan's Club
Rua 24 de Maio, 62, 1º andar loja 279
CEP 01041-000
São Paulo, SP

THE SEAHORSES
Fã-clube John Squire e The Seahorses
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 300, sl. 61
CEP 01318-000
São Paulo, SP

HANSON
Hanson World Fan Club
Av. João Corrêa, 2.258
CEP 93800-000
Sapiranga, RS

FOO FIGHTERS
Foo Brother's Club
A/c Egg's, Dru, Browl, Yoshi
Rua Doutor Celso Charuri, 103
CEP 05761-190
São Paulo, SP

Sangue, saliva e "Mmmbop"

Vi uma das coisas mais ridículas da minha vida: a leitora Adriana Pereira mandou uma carta escrito "I Love Hanson" com seu próprio sangue. Espero que ele tenha saído de seus pulsos!!! Enquanto esse tipo de gente viver, seremos obrigados a ouvir esse lixo quando deveríamos estar ouvindo Legião Urbana, Nirvana. Ouçam pelo menos Alanis Morissette!
Carla Carvalho – via e-mail

Achei ridículo aquela menina escrever com o próprio sangue "I Love Hanson!"... muito imbecil fazer isso por causa daqueles viados!! Que não tocam porra nenhuma!!! Tá louco, que mina besta!! Adorei a volta do Prêmio BIZZ.
Laura Cobain – via e-mail

Será que os Hanson falam em alguma música algo sobre brigas, morte ou desunião? Se alguém quiser ouvir algo sobre isto, procure outras bandas e deixe-os em paz.
Sabrina Viebrants – Pomerode, SC
Senhoras, gosto é como uma certa parte íntima: cada um tem o seu. Os meninos do Hanson tocam direitinho e "Mmmbop" é uma bela canção pop, OK?

CARTA DO MÊS

VIDA LONGA AOS PIXIES

Não estou fazendo propaganda de ninguém, mas só os conheci agora que comprei o CD. E tenho de reconhecer, eles foram umas das maiores bandas dos anos 80. Achava que não conhecia nenhuma música deles, mas, quando ouvi os acordes iniciais de "Here Comes Your Man", me senti transportado de volta à década passada. Meu peito se encheu de esperança: pela música de antigamente, pela música de agora, que só recicla o que é velho, na vida em geral, e... logo a música acabou. E a esperança também. A década de 80 acabou. Os Pixies não tiveram um fim diferente. Tudo acaba. Liguei o rádio e estava tocando Oasis.
Sérgio Carvalho da Silva – São Bernardo do Campo, SP
OK, Sérgio, os Pixies terminaram, mas nunca é tarde para recordar. A discografia da banda em CD deve baixar em breve no Brasil, bem como o gorducho Frank Black.

Deus salve a Rainha

Sou assinante desta magnífica revista há uns 10 anos, nunca pedi nada, mas acho que chegou a hora. Vocês poderiam me mandar a discografia completa do Queen? É que estou querendo fechar minha coleção deles e acho que faltam alguns CD's.
Eduardo Bisson – via e-mail
Sinta-se em casa, Eduardo. Anota aí enquanto a gente prepara um café: Queen *(1973),* Queen II *(1974),* Sheer Heart Attack *(1974),* A Night At The Opera *(1975),* A Day At The Races *(1976),* News Of The World *(1977),* Jazz *(1978),* Live Killers *(1979),* The Game *(1980),* Flash Gordon *(trilha sonora),* Greatest Hits *(1981),* Hot Space *(1982),* The Works *(1984),* A Kind Of Magic *(1986),* The Miracle *(1989),* Innuendo *(1991). Após a morte de Freddie Mercury, foram lançados* Classic Queen *(1992),* Live At Wembley '86 *(1992),* Greatest Hits *(1992),* Queen At The BBC *(1995) e a coletânea de sobras* Made In Heaven *(1996).*

Meu corpo em tuas mãos

Adorei o show do U2. Meu, o que eu não daria para que os dedos lindos de Bono estivessem passando pelo meu corpo – de onde eu estava deu para ver os músculos do peito, coxas se contraírem, eu só pensava em estar no meio daqueles músculos. Valeu ter dormido em cima de papelão molhado, ficar numa fila das 21h30 de sexta-feira às 15h30 de sábado. Porque cada vez que eu olhava para a boca do Bono eu sabia que estava realizando um sonho.
Ana Teixeira da Silva – São Paulo, SP
É, Ana, Bono realizou desejos. Quanto ao fato de catar o menino, lembre-se da letra de "Discothèque": "You can feel it/But you can't grab it". Traduzindo: você pode sentir, mas nunca pegar.

Fundador Victor Civita (1907-1990) — Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi
Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Editor-Chefe: Pedro Só
Editores: Rogen Halloun e Sérgio Martins
Editor de Arte: Renata Yada
Editor-Assistente de Arte: Johnson Veiga
Repórter: Leticia Caimen
Correspondente: José E. Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: Adriane Grau, Bernardo Araújo, Bruno Lancellotti, Carlos Eduardo Oliveira, Claudia Gaschi, Daniel Benevides, Danilo Monteiro, Fernando Luna, Luciano Vianna, Macedo Rodrigues, Marcio Pinheiro, Paulo Cavalcanti, Pedro Faicão, Thomas Pappon, Zeca Camargo (Texto); Cristina Vet, Moema Barreto (Arte); Daniela D'Acorso, João Raposo, Jorge Rosenberg, Lucia Ferreira, Rui Mendes, Sora Maia, Thomas Kremer (Fotos); Caio Borges, Rodrigo Leão, Vilca (Revisão); Roberto Pinheiro

STAFF EDITORIAL
Direção de Jornalismo: Cynthia de Almeida
Direção de Arte: Rodolfo Tucci
Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Christina Mucci
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Palla
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Laurano
Assistente de Produto: Wagner Pinheiro

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE
Diretora: Ana Serra
Supervisora: Maiú Maiot
Contatos Comerciais: Andrea Madrid, Marlene Araújo, Juliana Farina, Marcia Braga
Coordenação/Supervisão: Igor Ismael Assan
Coordenação: Cana M. Zucas, Claudio J. da Silva
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão

Showbizz edição 133, abril de 1998, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1649. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direta à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Números atrasados** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP; fax (011) 856-3018; telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, ao preço da última edição em banca mais despesas postais. dinap.na@email.abril.com.br. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Felais, 2685, Camarate, Lisboa.

ANER EMPRESA NO GRUPO ABRIL S.A. IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS
São Paulo: Av. Nações Unidas, 7.221, CEP 05477-000, Tel. (011) 3037-2000, Caixa Postal 66254, CEP 05315-970, Fax (011) 867-3300.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2502 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel. (021) 532-0313, Caixa Postal 4816, Fax (021) 532-1466 / 532-1583.

TROCA-TROCA

Tenho todas as edições da SHOWBIZZ desde a 107 (junho/1994) até a atual. Vendo qualquer uma por R$ 2,00 ou todas (46 edições!!!) por R$ 40,00. Obs: Todas estão em perfeito estado de conservação.
Fabiano Castro Pereira
Fone: (048) 241-5282
Florianópolis, SC
E-mail: castro@inf.ufsc.br

Troco duas fitas de vídeo com todos os clipes e entrevistas da Legião Urbana por qualquer material da banda.
Ronaldo Marcos da Silva
Rua Rio Retiro, 406
CEP 32050-410
Contagem, MG

Tenho material superdiversificado do U2 e desejo doá-lo.
Célia Regina Amaral
Av. Henrique Lorea, 274
CEP 96080-180
Pelotas, RS

Gostaria de me corresponder com pessoas que gostem de rock no estilo Guns N'Roses, Nirvana e Metallica
Sara Rose
Rua Francisco Neto, 155
CEP 35700-272
Sete Lagoas, MG

Gostaria de comprar edições da SHOWBIZZ ou da BIZZ em que a Legião Urbana ou Renato Russo apareçam. Também gostaria de trocar matérias sobre esta banda.
Raquel Araujo Godoy
Rua dos Salgueiros, 35, ap. 104
CEP 09820-560
São Bernardo do Campo, SP

Troco o *Guia De Fã-Clubes* pelos CDs *In Utero* ou *Incesticide*, ambos do Nirvana.
Davidson Marcos Perez
Tel.: (062) 626-1144
Av. Brasília, s/ nº.– Centro
CEP 75935-000
Santo Antônio da Barra, GO

Oi! Meu nome é Aline, tenho 13 anos e sou fanática pela Legião. Gostaria de me corresponder com pessoas que moram em Brasília ou Sobradinho, DF.
Aline Pereira Spíndola
Rua José Batista Ferreira, 613
CEP 14870-000
Jaboticabal, SP

Tenho fotos das Spice Girls, Hanson, Backstreet Boys, Bon Jovi, Michael Jackson, Brad Pitt. Troco tudo por fotos e outros materiais da Madonna.
Cláudia Marion
Travessa Francisco Corrêa, 212
CEP 68005-280
Santarém, PA

Procuro as gravações do show do U2 no Brasil, de 31 de janeiro, transmitidos pela MTV e pelo rádio.
Tiago Miyazaki
Rua Paulo de Cândido, 76
CEP 09400-000
Ribeirão Pires, SP

Troco os CD's do AC/DC *Blow Up Your Video* e *Back In Black* pelo *Yield*, do Pearl Jam.
André Nascimento
Tel.: (061) 581-1227
QNM Conjunto D, casa 32
CEP 72205-400
Brasília, DF

Procuro em vídeo as premiações do MTV Movie Awards de 94 e 96. Procuro também qualquer show gravado em vídeo da banda Garbage. Compro ou troco por vários shows de bandas que possuo, como Alanis Morissette, Bush, No Doubt, Bon Jovi, Pulp e outros. Contactar para mais detalhes.
Daniela Morais
Av. Sernambetiba, 3600, bl. 4/303
CEP 22630-010
Rio de Janeiro, RJ.

Vendo Revistas BIZZ, edições 25 a 114, exceto a 95.
Jorge Garcia
Rua Mário Coutinho, 50
CEP 21720-440
Rio de Janeiro, RJ

Gabba Gabba reis!

Peço encarecidamente para publicarem a discografia completa dos Ramones.
Rangel Anderson – Maringá, PR

Aí vai: **Ramones *(1976)*, Ramones Leave Home *(1976)*, Rocket To Russia *(1977)*, Road To Ruin *(1978)*, It's Alive *(1979)*, End Of The Century *(1980)*, Pleasant Dreams *(1981)*, Subterranean Jungle *(1983)*, Too Tough To Die *(1984)*, Animal Boy *(1986)*, *Halfway to Sanity* *(1987)*, Ramones Mania *(1989)*, Brain Drain *(1989)*, All The Stuff & More vol. 1 e 2 *(1990)*, Loco Live *(1992)*, Mondo Bizarro *(1992)*, Acid Eaters *(1994)*, Adios Amigos *(1995)*, Greatest Hits Live *(1996)* e We're Outta Here *(1997)*.**

Joey Ramone, símbolo do punk americano
Jorge Rosemberg

ERREMOS

Faltou o crédito das fotos dos Raimundos em Salvador (edição de fevereiro): elas foram feitas por Sora Maia.

O nome correto da música do Sisters Of Mercy (na seção *Ao Vivo* de março) é "Marian" e não "Mary Ann", como foi publicado.

Crash foi filmado por David Cronenberg e não David Lynch, como estava na matéria do Joy Division (edição de março).

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
Dias 10h às 12h e das 15h às 18h
com as novas vias
FAÇA CONTATO:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br
CAIXA POSTAL 64157, CEP 05315-970, SÃO PAULO - SP
NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800

EDITORA AZUL
NOSSAS PUBLICAÇÕES

INTERESSE GERAL
Terra — VIAGEM, NATUREZA E ECOLOGIA
Saúde! é vital — PREVENÇÃO E SAÚDE
Viagem — ROTEIROS TURÍSTICOS

ENTRETENIMENTO
contigo! — SEMANAL DE TV E NOVELAS
SHOWBIZZ — ROCK, POP E COMPORTAMENTO
SET — CINEMA E VÍDEO
GAMES — VIDEOGAMES E JOGOS PARA COMPUTADOR

FEMININAS
AnaMaria — A PARCEIRA DO DIA-A-DIA DA MULHER
carícia — COMPORTAMENTO ADOLESCENTE
BOA FORMA — BELEZA, FITNESS E SAÚDE
HORÓSCOPO — A REVISTA DOS ASTROS

ESPORTIVAS
FLUIR — SURF É FLUIR

NOSSOS REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 925 - Rio de Janeiro, RJ. CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3752

Bahia: AGMR Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba - Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/Fax: (071) 341-4896/4868/1780

Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-2134/321-0908 - Fax: (061) 323-5395

Campinas: Lumino Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 29º andar - Sala 2904 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7778 - Fax: (019) 232-7975

Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-030 - Tel.: (085) 254-1666/8048 - Fax: (085) 231-4751

Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-057 - Tel.: (031) 335-8799 / 225-5657

Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - c. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844

Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Gomes Barroso, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210

Ribeirão Preto: Interm'dia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-8600 - Fax: (016) 635-9203

Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 326-1344

Santa Catarina: By Sbeghen - Rua Dr. Altineu Daura Jorge, 151 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

Vende-se Kadett GLS

Ar-condicionado - motor Powertech 2.0 M.P.F.I. - direção hidráulica - rodas de alumínio - pára-choques na cor do veículo - aerofólio traseiro na cor do veículo - faróis de neblina - travas e vidros elétricos e alarme opcionais. A partir de **R$ 17.900,00**.

Tratar em uma das Concessionárias Chevrolet.

Preço recomendado para Kadett GLS a partir de R$ 17.900,00. Preços sujeitos a alteração sem aviso prévio. Não incluem frete e opcionais. Consulte sua concessionária sobre equipamentos e acessórios disponíveis para cada modelo do Kadett. Este veículo está em conformidade com o PROCONVE. Preserve o meio. Use o cinto de segurança.

www.chevrolet.com.br

Kadett - Voe mais alto

REDE CHEVROLET
ANDANDO NA FRENTE

Bizzes

Diva no divã

Em depoimentos recentes, a nova MADONNA faz uma análise de si mesma, mostra que está mesmo mais madura e até pede desculpas

Madonna acha que se transformou numa pessoa melhor

MEA CULPA
"Me arrependo de ter humilhado e denegrido a imagem de algumas pessoas para parecer mais forte, mais esperta."

NA CAMA COM MADONNA
"Quando assisto ao documentário, me sinto como se visse a irmã da Madonna. Mais nova e imbecil."

SEPARAÇÕES
"Odeio fim de relacionamentos. Não quero falar adeus para ninguém, é tão entediante! Por que não posso ter todos os meus amantes para o resto da vida?"

SEXO
"Nunca fiz tanto sexo quanto falava ou cantava nas minhas músicas."

SEM MÁGOA
"Jamais serei aceita pela sociedade: beijei mulheres em público e hoje sou uma mãe solteira."

CRÍTICA
"Diziam que eu desapareceria em um ano. Mas foi bom para sentir que a m... que eu fazia sempre fedeu!"

EGOÍSMO
"Hoje já consigo dizer 'me desculpe'. Antes, mesmo que soubesse que estava arruinando um relacionamento ou uma situação, simplesmente não conseguia pedir perdão."

AMOR
"Ainda me apaixono com muita facilidade. É patético."

RELIGIÃO
"Estou aberta a qualquer religião ou fé que me traga conforto. Preciso disso."

LETRAS PESSOAIS
"*Ray Of Light* não é o primeiro álbum pessoal que faço. *Erotica* e *Bedtime Stories* também eram. Eu acho – quer dizer, espero – que sou uma escritora melhor agora. Tem outra diferença: antes eu caminhava pela raiva, frustração, amargura e ainda me considerava vítima e me posicionava na defensiva. Não me sinto mais assim."

EGOTRIP
"Nunca cheguei a pensar que era a artista mais fabulosa do universo. Talvez por milésimos de segundos, num show quando 120 mil pessoas gritavam meu nome. Mas logo depois me sentia vazia e só."

PRODIGY
"Liam Howlett é o típico moleque que ainda acredita na postura que alternativo não pode se misturar com pop. É imaturo e irresponsável, mas não esperava diferente. Ele não sabe o que está perdendo."

SPICE GIRLS
"Gosto delas. Sei que não deveria. Mas toda vez que alguém fala mal delas eu digo: 'Opa, não se esqueça que eu já fui uma spice girl'."

no estúdio

(Da esq. para dir.) Guto, Peninha, Frejat, Memê e Fernando: rock, blips e tóins

BARBA, CABELO E BIGODE
Vem aí *Êxtase*, o disco *moderno* do **BARÃO VERMELHO**. Então quer dizer que vocês tomam ecstasy, hein? "Ah, essa resposta é chave de cadeia... Digamos que somos apenas bons amigos", despista Roberto Frejat. Produzido por Memê, o Barão nunca esteve tão dançante nem tão eletrônico. "Fizemos barba, cabelo e bigode", brinca Frejat. "Ou seja, o disco tem loops, filtros e programações eletrônicas", diz o vocalista. Até "Cena De Cinema", música do primeiro disco de Lobão, virou jungle. "Mas é só uma mistura. Não fizemos nenhuma canção totalmente eletrônica", recua.

GOL DE ORELHA
Nem Blur, nem Pulp. Quem vai gravar a música da seleção da Inglaterra na copa é o **ECHO & THE BUNNYMEN**. Composta por Ian Mc Culloch e o ex-smiths Johnny Marr há cinco anos, "How Does It Feel To Be) On Top Of The World?" terá a participação de vários artistas e será lançada em Londres no dia 25 de maio.

AXL NEWS

White Trash Wins Lotto, musical inspirado na vida de **AXL ROSE** é uma das sensações do circuito teatral de Los Angeles. Escrito por Andy Prieboy, um dos fundadores do Wall Of Voodoo, banda dos anos 80 , a peça conta a história de um rockstar do ostracismo à fama e fortuna. Inclui também músicas com títulos sugestivos como "Cocaína E Boquetes" e "Acho Que Escrevi Uma Sinfonia". Adequado, não?

50 mil tapes

Este é o número de fitas inéditas que está no arquivo sem fundo da rádio BBC, de Londres. E nesse material foram descobertas mais gravações inéditas de **JIMI HENDRIX**, que devem ser lançadas em mais um CD da série BBC Sessions. Ao todo, são oito músicas, incluindo uma versão de "Can You Please Crawl Out Your Window", de Bob Dylan, e a inédita "Love Or Confusion From Saturday Club" e "Ain't Too Proud To Beg", numa jam com Stevie Wonder.

RECUPERADO?
SCOTT WEILAND *se drogou, foi preso, abandonado pela mulher e pelos companheiros do Stone Temple Pilots. Agora, tenta exorcizar tudo isso com banhos de loja e* 12 Bar Blues, *seu elogiado disco solo*

Você se livrou definitivamente das drogas?
Olha, se existisse uma pílula que permitisse me drogar sem ficar viciado e, conseqüentemente, louco, eu tomaria essa pílula.

Quais foram os piores momentos do vício?
Já teve um tempo em que eu faria um boquete por uma tragada de crack. Mas nunca precisei. Sou rico.

Nunca teve medo de morrer em conseqüência de uma de suas surubas?
Acho que é parte da viagem. Mas não tenho planos de embarcar nessa tão cedo.

O que o motivou a fazer um disco solo?
Os caras do Stone Temple Pilots cancelaram nossa turnê do meio do ano passado para terminar o disco da nova banda deles, Talk Show, e eu não sabia de nada. A única atitude que me restou foi começar a escrever músicas.

Existe a possibilidade de vocês voltarem a tocar juntos?
Espero que sim. Eu amo aqueles caras. Quando tocamos ao vivo, não existe qualquer banda no mundo que possa chegar perto de nós.

ALIEN
NOTÍCIAS DE OUTROS MUNDOS

QUE MARAVILHA!
A série da TV americana *Naked Truth* (exibida no Brasil pelo canal a cabo Sony) foi pro saco. É aquela gracinha da Tea Leoni agora vai provocar metida no sensual figurino da Mulher Maravilha. Ela é a protagonista da nova montagem do seriado dos anos 70, antes estrelado pela playmate Lynda Carter. Estréia no segundo semestre.

PIPOCOS
3-D body art. Segundo a revista americana *Details*, esta é a nova tendência para neguinho decorar o corpo. Trata-se de uma variação do body-piercing, em que barbells, bolas e cruzes de aço cirúrgico são implantados subcutaneamente na carcaça do maluco. "Os que eu mais gosto são uns chifrinhos que coloquei na testa", diz uma vítima da moda. Cada implante custa entre 300 e 600 dólares.

PORRADA NO ESPAÇO
Game clássico na linha de naves espaciais e tiros de laser, o Wipeout ganhou nova versão para Playstation. Com gráficos alucinantes, Wipeout 2097 é uma saga futurística cheia de ação, em que você extermina criativos inimigos espaciais ao som de Prodigy, Chemical Brothers e Leftfield.

Primeiro ele faz pose, depois manda bem dentro d'água *(no alto)*

SUPLA SURFA...

... e bem, garante a galera da Redação da revista *Fluir*, vizinha aqui de SHOWBIZZ. O bom *drop* do rapaz da foto acima foi tirada há três meses em Fernando de Noronha, quando o fotógrafo Rick Wernack estava cobrindo a temporada de ondas da ilha. "Não é uma montagem, não. O cara tá virando na base, cheio de estilo", diz o especilista Luciano Ferrero, experiente editor de imagens de surf. "Mesmo estando totalmente fora do rip do surf, acho que mandei bem. Antes, tomei uns caldinhos, né?", comenta Supla, pelo telefone, de sua casa em NovaYork. Sua vida por lá, aliás, vai bem, obrigado. Depois de anunciar o fim do Psycho 69, o lourão segue fazendo shows, agora solo. "Tenho de continuar com o nome legal que fiz no Psycho."

"Eu sou gay!"

Aos 46 anos, ROB HALFORD assume sua homossexualidade e lança *Voyeurs*, disco de estréia de sua nova banda Two, produzido por Trent Reznor

Como foi "sair do armário"?
Para mim, foi uma experiência libertadora. Era o que faltava para o meu público me conhecer de verdade.

Os fãs de heavy metal não ficaram chocados com sua decisão?
Talvez os da Inglaterra. Eles ainda pensam no Rob Halford machão, montado numa motocicleta com tachinhas e roupas de couro, ha-ha-ha! Mas desde que eu assumi, tenho recebido diversos telefonemas e e-mails apoiando a minha decisão.

Aos 46 anos, não é fácil assumir, certo?
Às vezes é muito duro. Você sabe, tem muito político de direita conversador que vem encher minha paciência. E eu estaria mentindo que dentro do heavy metal existe uma certa fobia contra os artistas gays.

Mas há outros metaleiros gays, não?
Só falta eles saírem do armário!
Com certeza! Há tantos homossexuais no heavy metal quanto em qualquer outro estilo musical. Nós estamos em todo lugar!

Quem diria que essa mistura de Nosferatu com Clóvis Bornay já levou muito metaleiro à *lou-cu-ga!*

CAMPEÕES DO ENCALHE

Fizemos uma pesquisa nas principais lojas de discos usados de São Paulo e descobrimos quais são os dez CDs mais recentes que a galera comprou, não gostou e acabou largando nos sebos na esperança de rever parte do dinheiro investido

Bilingual - Pet Shop Boys
Bedtime Stories - Madonna
Abrigo - Marina
No Code - Pearl Jam
Homo Sapiens - Jorge Ben Jor
Dance Into The Light - Phil Collins
X-Factor - Iron Maiden
Silêncio - Arnaldo Antunes
Older - George Michael
*A Formula do Sucesso** - Utopia

*(mesmo custando R$ 2 no saldão, o disco do grupo que viraria os Mamonas Assassinas não vende nem com reza forte)

"Confesso que já transei num carro com uma pessoa com mais de 120 quilos"

Billy Joe, do Green Day, contando as coisas mais horríveis que fez na vida

CHUPA-CHUPA

Olha só em quem o morcegão MARILYN MANSON está dando suas sugadinhas... A atriz que interpreta a bela Tatum, de *Pânico*, ROSE MCGOWAN, se deixou fotografar no maior love com o cantor em recente noite de lançamento da autobiografia *The Long Hard Road Of Hell*, em Nova York. Se o romance com essa irlandesa de 23 anos é mais uma jogada de marketing, não se sabe. Mas o que se viu era que a menina estava mesmo caidinha pelo cara e o chamava carinhosamente de "meu lindo Dândi".

Rose e Marilyn: acredita se quiser

VINHO 'N' ROLL

Tem roqueiro prego que vai ficando velho e olha no que dá. Faz coleção de vinho em garrafas rock'n'roll, como acontece nos EUA. Tem do Kiss, dos Beach Boys, de Bob Dylan, dos Rolling Stones... Mas atenção: para cada artista são fabricadas apenas 5 mil rótulos iguais, com exceção da série do Grateful Dead, que já vendeu 400 mil unidades, a 20 mangos cada. Pelo preço, cá pra nós, o aroma não deve ser dos mais apurados...

ALIEN

NOTÍCIAS DE OUTROS MUNDOS

COMPILAÇÃO DIGITAL

Gravar fitinha/coletânea "pra levar na viagem" virou coisa do passado... Agora você pode fazer a sua compilação em formato digital, do jeitinho que montava seus cassetes. A boa nova é graças ao CD Recorder, aparelho que não apenas reproduz como também grava CDs, que a Philips está lançando em maio no Brasil. Custa caro, mas vale a facada. O preço estimado do equipamento é de R$ 1.400, R$ 8 para o CD comum e R$ 25 para o regravável.

OLHA O PASSARINHO

O nível de preguiça de noguinho chega a índices inimagináveis. E uma pequena fábrica na Inglaterra está ganhando dinheiro com isso. Por cerca de R$ 35, tem mané comprando o kit taradão Bird In A Box. O pacote traz fotos amadoras de uma suposta namorada do sujeito, uma carta escrita por ela especialmente para o tolinho e um par de calcinhas usadas da amante imaginária. Ah, vá pro inferno!

NORMAL?

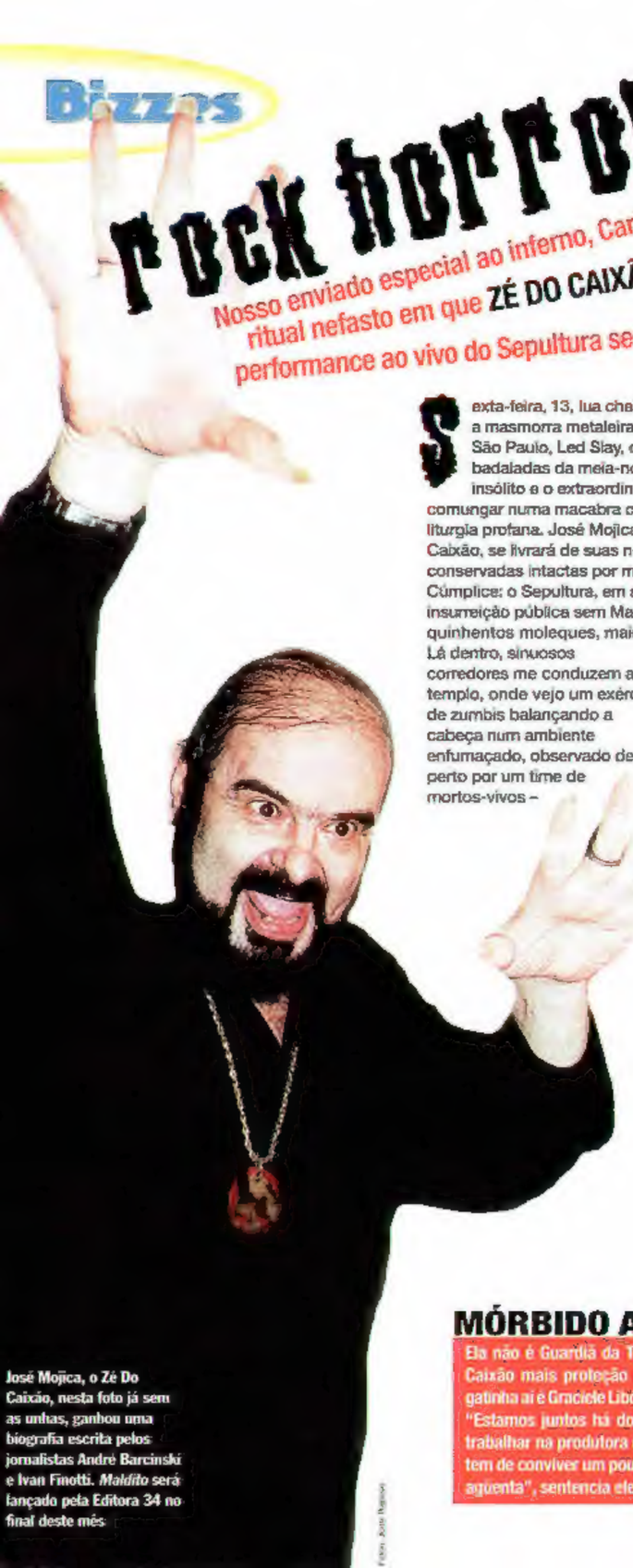
Assassino profissional também ama, sofre e... faz análise. Não é bonito? A diferença é que ele resolve seus problemas de uma maneira pouco convencional. Este é o tema de *Matador Em Conflito* (Abril Vídeo), comédia estrelada por John Cusack, que interpreta o matador. *Grosse Point Blank*, originalmente, o filme fez o maior sucesso nos EUA no ano passado e chegou até a ser exibido no Brasil. Numa temporada de umas duas sessões, diga-se.

rock horror show

Nosso enviado especial ao inferno, Carlos Eduardo Oliveira, encara ritual nefasto em que ZÉ DO CAIXÃO corta as unhas na primeira performance ao vivo do Sepultura sem Max

Sexta-feira, 13, lua cheia. Meu destino é a masmorra metaleira nos cafundós de São Paulo, Led Slay, onde, às doze badaladas da meia-noite, o incrível, o insólito e o extraordinário irão comungar numa macabra cerimônia de liturgia profana. José Mojica Marins, o Zé Do Caixão, se livrará de suas nefandas unhas, conservadas intactas por mais de 30 anos. Cúmplice: o Sepultura, em sua primeira insurreição pública sem Max. Testemunhas: quinhentos moleques, maioria metaleiros. Lá dentro, sinuosos corredores me conduzem ao templo, onde vejo um exército de zumbis balançando a cabeça num ambiente enfumaçado, observado de perto por um time de mortos-vivos – Lennon, Joplin, Morrison, Hendrix – pintados nas paredes. Pouco antes do ritual, vou até o camarim, lugar onde Mojica concentra-se, enclausurado. Percebendo a minha presença, ele se vira e urra semipossesso pelo ser alter ego: "Liberdade. Esse é o epitáfio desta noite. Vou libertar o Zé Do Caixão, deixando-o livre para usar unhas normais. Com isso, ganha o povo, que não confundirá mais criador e criatura". Seu médico traduziria liberdade por artrite, que ameaça paralisar-lhe a mão esquerda. Meia-noite. A trilha sonora sinistra embala a descida ao oculto: "Mr. Crowley", "Fear Of The Dark", "Black Sabbath", "Hell Awaits"... Vestidas de Pomba-Gira e carregando velas pretas acesas, treze gostosas, as Guardiãs da Terceira Força, seguem Zé Do Caixão. Ele pára no centro do palco, invoca impiedades e proclama: "Hoje faremos o rock do Terceiro Milênio. Vocês sentirão a força do renascimento. Deitem, deitem todos e renasçam, como se saíssem de suas sepulturas". E o incrível acontece: a horda pagã, que olha hipnotizada para o palco, lentamente começa a se curvar e obedece cegamente as palavras do mestre. Então, o Sepultura adentra o altar impuro para seu único número. E acompanha o astro da noite a declamar "Prenúncio", poema "psicografado" especialmente para o ritual. Redenção: a seguidora Cláudia Guedes saca a tesoura presenteada pelo ator Edson Celulari (!) e, enfim, corta as unhas do diabão. A do polegar é reservada para ser leiloada na Internet. As outras vão para o próprio Zé, o apresentador Faustão, o jornalista Fernando Costa Netto e o batera Igor, que registrou a performance para incluir "Prenúncio" no próximo disco do Sepultura. Uma espécie de frenesi toma conta do local. Mojica, atordoado, volta ao camarim e... desmaia inexplicavelmente. Sinistro, muito sinistro...

Igor, Mojica e Andreas



José Mojica, o Zé Do Caixão, nesta foto já sem as unhas, ganhou uma biografia escrita pelos jornalistas André Barcinski e Ivan Finotti. *Maldito* será lançado pela Editora 34 no final deste mês

Fotos: José Patrício

MÓRBIDO AMOR

Ela não é Guardiã da Terceira Força, mas dá a Zé Do Caixão mais proteção que patuá de pai-de-santo. A gatinha aí é Graciele Libório, 18 aninhos, noiva de Mojica. "Estamos juntos há dois anos, desde que comecei a trabalhar na produtora dele", diz ela. Casamento? "Ela tem de conviver um pouco mais comigo para ver se me agüenta", sentencia ele.

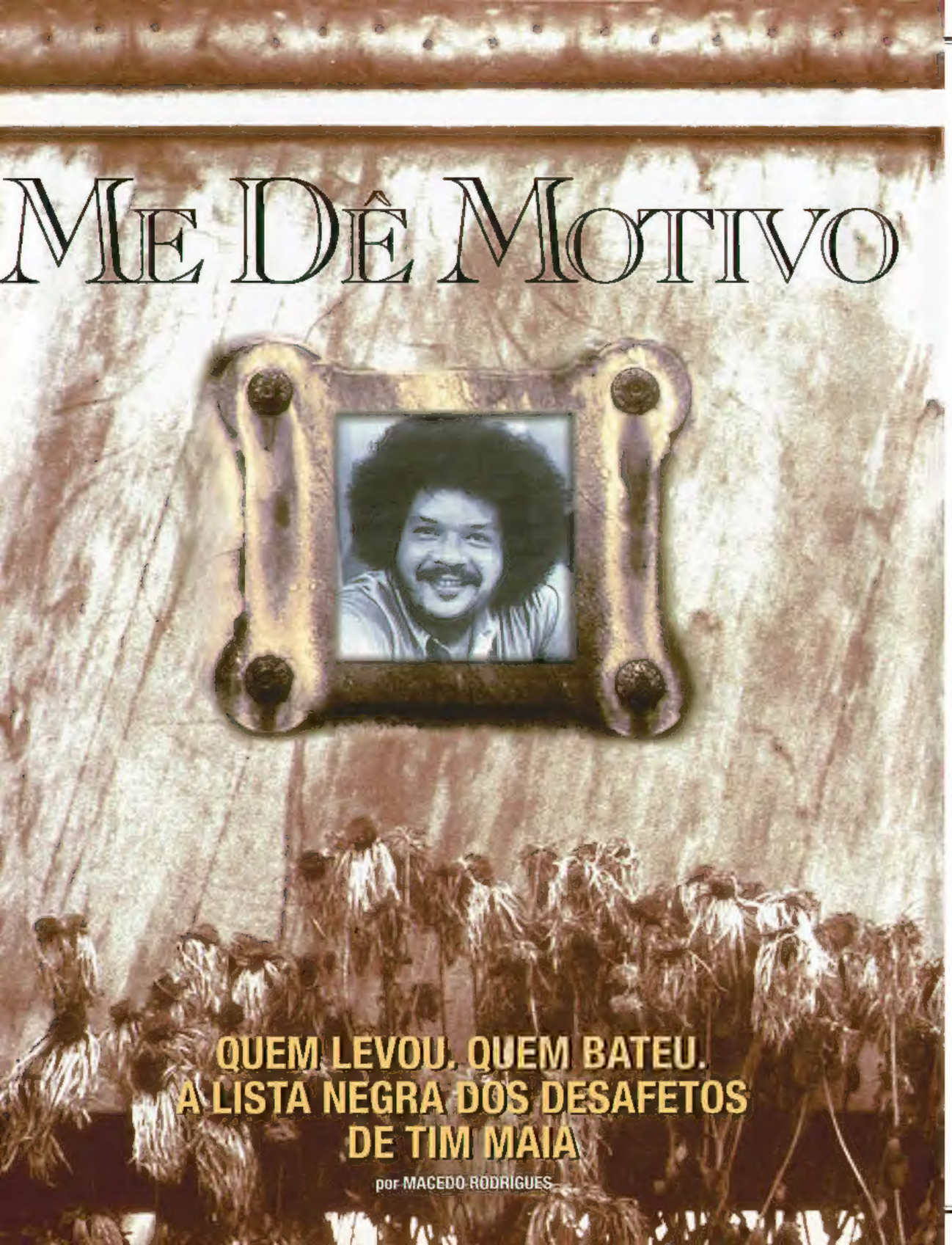
SONY

PROVOQUE SUA PERCEPÇÃO COM SONY MOBILE

LANÇAMENTO DA NOVA LINHA NACIONAL SONY MOBILE 97/ 98

D BASS A função D-BASS reforça os sons graves. Foi desenvolvida exclusivamente pela SONY para a sua linha 97/98 (CDX-C467, XR-C357, CDX-707)

Me Dê Motivo



QUEM LEVOU, QUEM BATEU. A LISTA NEGRA DOS DESAFETOS DE TIM MAIA

por MACEDO RODRIGUES

Edema pulmonar agudo, parada cardíaca e morte por colapso total do organismo, causado por infecção generalizada. A medicina explica como pode a morte de Tim Maia, no dia 15 de março. Mas, quando subiu ao palco do Teatro Municipal, em Niterói, oito dias antes de falecer no hospital, o gênio peso-pesado da música brasileira não carregava apenas 50 quilos a mais do que deveria e um histórico de pura detonação com drogas e álcool. Provocador, especialista em atacar criando frases de efeito (muitas vezes irresponsáveis, diga-se), Tim Maia batia sem dó e os revides de megaempresários, medalhões da MPB, emissoras de tevê, gravadoras, multidões de procons teleguiados, somados a um carretel sem fim de processos, ajudaram a matar o jovem-velho Tim. Física e, principalmente, artisticamente.

Não fosse dono de talento extraordinário, há tempos, ele teria desaparecido por completo do showbiz brasileiro. Mas cantava *praca*, era destemido, temido e até afagado pelos desafetos, os quais, só pra contrariar, lembramos, um a um, nesta reportagem.

Belisa Ribeiro
JORNALISTA

Ex-articuladora da campanha de Collor, a mãe do maresia Gabriel Pensador foi filar para a extinta revista *Interview* assim que *sartó* fora do naufragante governo collorido. Começou irônicamente indo à casa de Tim entrevistá-lo e (waaiiii...) publicou que o cantor não só fumava maconha, como também cultivava um pé da erva. Tim nunca perdoou dedo-duro: "As pessoas se vendem por tão pouco. Ela escreveu isso para ganhar só US 3 mil", declarou, debochado.

Carlinhos Trompete
MÚSICO

Tim denunciava: "O cara cheirava todas, queimava todas, bebia todas... Nem eu aguentava mais ele o tempo inteiro cheirado, bebum e cheio de baurete". Foi essa a causa da demissão do trompetista que, segundo o cantor, a partir de então, arrebanhou outros sete músicos para mover a famosa ação contra o líder da banda Vitória Régia. "Ganhei de cinco e só perdi de três à revelia, porque não fui lá nas audiências. Foi um assalto, um verdadeiro acharque. Eles eram autônomos, mas me acionaram como se fossem escriturários de carteira assinada."

C.U.
CANTORES UNIDOS

Tim não cansou de pregar a criação de um órgão maior de integração entre os cantores nacionais para enfrentar as gravadoras e o ECAD. O órgão já tinha até nome: C.U. (Cantores Unidos). Mas Tim morreu falando sozinho sobre seu C.U.

Edir Macedo
BISPO

"Ele não é nada mais nada menos do que um charlatão, explorador de senhoras de idade e pessoas pobres. Esse cara devia estar em cana. É aberrante", já dizia Tim no início dos anos 90. No ano passado, a emissora do Bispo, a Record, encomendou uma música de abertura para a novela *Canoa Do Bagre*. Tim compôs "Do Fundo do Coração", na qual questionava como era possível se viver na miséria. Claro que o bispo, que vive disso, não gostou e lascou a censura.

Família

Ele tinha 11 irmãos, 3 filhos, 38 sobrinhos e uns 20 sobrinhos-netos, mas ficou p... de verdade com o irmão Altivo, que ocupou o apartamento de Tim sem pagar impostos ou condomínio, o que resultou numa penhora judicial cujo valor era maior do que o do imóvel. Mas pior fez um de seus sobrinhos, que traçou Elizete, com quem Tim vivia há quatro anos. Se bem que Tim era grilado com chifres. Certa vez, ele estava convicto de que a mesma Elizete, que fora expulsa de seu apartamento, tinha dormido com um de seus filhos. O garoto se recuperava de um acidente de moto num apartamento no mesmo condomínio. "Família é que nem dente. Chega a um ponto em que vai se estragando e caindo."

Francisco (Chico) Recarey
EX-REI DA NOITE CARIOCA

Segundo Tim, Chico não era espanhol, mas um braço basco do ETA – o esquadrão dos Exploradores do Trabalho Alheio. "Ele só quer dinheiro, não quer amar", mandava Tim nas entrevistas que sucediam às temporadas sempre abreviadas nas casas de Chico Recarey. "Sempre que faço show no Scala, saio de lá devendo. E ainda bebo uísque falsificado."

Gravadoras

Quem cala, engole. E a Polygram se calou diante das acusações feitas pelo cantor em 1993. Tim estava enfurecido com lançamento do mini-CD com "Não Quero Dinheiro, Só Quero Amar" e do relançamento de mais oito discos de carreira, todos sem a sua autorização e com o percentual do artista arbitrado pela multinacional. "É sempre zero vírgula alguma coisa. Isso é totalmente ilegal e antiético. Sequer tenho contrato de CD com eles", acusou Tim. O mesmo ocorreu com a Warner, que lançou *Tim Maia Disco Club*. Mas também nunca faltou porrada na Som Livre, na BMG, na Continental... Todas para Tim formavam um "sindicato da ladronagem". "E não falo só dos presidentes. Os Manolo (BMG), João Araújo (Som Livre) e Midani (Warner) da vida querem ser mais artistas que os artistas. Estão sempre gastando o dinheiro da gente em Nova York". Além disso, Tim tinha a convicção de que as gravadoras pressionavam os revendedores de discos a não comprarem suas produções independentes.

»

Ivo Meireles
MANGUEIRENSE

À época na presidência da Mangueira, o líder do Funk'N'Lata foi classificado por Tim de oportunista e demagogo. Tudo porque, em 1994, o cantor ficou comovido com uma nota de jornal contando a desolação de dona Alair, uma mangueirense da comunidade, que teve o guichê de compra de ingressos do sambódromo fechado justamente na sua vez, por causa da ganância dos cambistas. Imediatamente, Tim fez uma letra, "Alair, A Primeira da Fila", e telefonou para Ivo Meireles pedindo o endereço da senhora. No dia seguinte, estava Meireles no Jornal Nacional convidando dona Alair para o camarote da escola, sem fazer qualquer menção a Tim. "Foi golpe sujo, usou dona Alair para fazer marketing e ainda me passou a perna."

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho
O BONI

Segundo nosso autopsiado, Boni tinha algo em comum com o falecido e não devidamente autopsiado PC Faria, uma esposa apaixonada por Tim Maia. "Todo corno é grilado", dizia Tim em suas brigas com Bonifácio. Em 1992, o então todo-poderoso da TV Globo negava ter proibido a aparição de Tim nos programas da emissora, mas um ano depois escancarou em memorando interno: "(...) Informamos que está proibida, até segunda ordem, a participação de Tim Maia em qualquer programa da TV Globo (20/7/93)". Até Evandro Carlos de Andrade, na época no jornal *O Globo*, acatou. Nem "Essa Tal Felicidade", estourada na trilha da novela *Renascer*, escapou do corte. Mas também quem mandou Tim, ainda em 1987, denunciar (sem provas, diga-se) que Bonifácio era sócio de um banco em Miami, e tinha comprado dezenas de terrenos na área do projeto do centro cenográfico da TV Globo para faturar com a valorização do que hoje é o chamado Projac.

Manoel Jacinto
GURU DA SEITA UNIVERSO EM DESENCANTO

Cuidado! O guru da seita Universo Em Desencanto é individuo altamente perigoso. Com a palavra, Tim Maia: "É um louco charlatão, que só pensa em sexo. Ele toma guiné-tabu (uma espécie de baruete, em *timanianês*), que deixa qualquer um querendo sexo por três dias, sem parar. Pode até ter 90 anos que a bandeira levanta. Ele é o rei da guiné-tabu, o maior estuprador de Nova Iguaçu". Mas o fato é que o cara convenceu Tim por dois anos (de 1975 a 1977) de que um novo Jesus Cristo chegaria à terra de disco voador para nos salvar mais uma vez. Que catuaba...

Mário Priolli
EMPRESÁRIO

O inquilino do Canecão por diversas vezes fechou as portas da cervejaria para Tim. Levou vários bolos, é verdade, mas exagerou na ganância quando determinou em contrato que Tim deveria pagar 5% da renda do show a cada saída que fizesse do palco. Era, segundo Tim, outro comerciante de uísque paraguaio.

Mariozinho Rocha
PODEROSO DA INDÚSTRIA MUSICAL

O produtor musical da TV Globo resolveu processar Tim, mas, antes mesmo do processo chegar ao Fórum, teve de aturar: "Ele só me processou porque eu disse que ele leva US 10 mil por cada música que coloca nas trilhas sonoras das novelas, quando todo o mundo sabe que ele leva US 15 mil".

Paulo Roberto da Silva
EMPRESÁRIO

O "Bunda-Mole" (como Tim o chamava, mesmo tendo sido processado por isso) contratou o cantor em 1990 para fazer 11 shows e Tim só fez o primeiro. "Mas ele não é empresário de show, é vendedor de playback..." Tim foi absolvido pelo "bunda-mole" proferido, mas perdeu pelo *forfait* e teve rendas de shows penhoradas, bens seqüestrados e até sua parca arrecadação no Ecad (direitos autorais) foi depositada judicialmente para ressarcir BM

Público

O sujeito que descobriu seus direitos de consumidor no Jornal Nacional não merecia mesmo curtir um som de Tim Maia. Conselho: vai pra fila dos reclamantes responder qual é a sua queixa, meu filho. Ele não foi? Ou não cantou as músicas inteirinhas igual a você ouviu no disco? Não força...

Riotur

Caetano, Gil, Gal, Bethânia e Chico ganharam R$ 100 mil cada no réveillon de 1997, que ainda teve Paulinho da Viola sacaneado com tintinha. Pois bem, convidado para ser o homem-baile da festa em Copacabana de 1998, Tim cobrou os mesmos 30 de Paulinho, mas o diretor de eventos da Riotur, o italiano Antonio Angiollino, considerou o valor superfaturado e o show, que já havia sido anunciado na imprensa, foi cancelado. Milhões de pessoas perderam a oportunidade de ver Tim Maia pela última vez.

Roberto Carlos
REI

Tim não tinha calos nos pés. Tinha Roberto Carlos. Depois de ser deportado dos EUA por porte de maconha, Tim foi parar no presídio da Frei Caneca, flagrado furtando umas cadeiras para "comprar um negócio". Cumpriu pena de quase um ano, louco para sair dali e engatilhar sua carreira musical com seu amigo de infância e pupilo no violão Roberto Carlos, ídolo da Jovem Guarda. O rei ajudou: deu um par de botas usadas para o amigo e um "boa sorte". "Mas ele calçava 40 e eu, 44. Durante três meses, só andei com aquela porra no pé." A mágoa de Tim ficou e ele nunca deixou de espinafrar Roberto Carlos sempre que teve oportunidade. Muitos anos depois, numa tentativa de reaproximação, Roberto encomendou uma composição ao antigo amigo. Tim mostrou "Você", com a letra improvisada: "Você não lava seu pé/E esse chulé/ Muito fedorento...". A lembrança das botas compartilhadas devem ter levado Roberto a não gostar da música e recusá-la.

Roberto Marinho
DONO DA GLOBO

Para Tim, ele nunca foi o Doutor Roberto, mas, sim, personagem principal do fantástico livro *Afundação Roberto Marinho*, em que o autor, Romero Machado, denuncia toda sorte de falcatruas que rolam nas organizações Globo. Era a leitura que Tim mais recomendava nas entrevistas quando trocava de mal com a TV Globo. "Pena que, misteriosamente, o livro tenha sumido das livrarias", lamentava. Tim dizia que ali tinha elementos suficientes para conseguir cassar a concessão da emissora. E não custa lembrar que Tim morreu gravando um especial para um canal de TV a cabo do Doutor Roberto, achando que aquilo poderia dar uma levantada na sua carreira. Mas isso era para ele vivo. Morto, entrou no mesmo dia, no mesmo horário, em três especiais de rede nacional na Globo, na Band e na Record... Passou a valer mais.

Tim Maia

Tim não precisava de tantos amigos para se dar mal. Ele próprio era um dos principais agentes de sua destruição. Não há corpo que agüente por muitos anos uma cabeça doidaça, cheia de "baruetes", carreiras, uísque e afins, tudo ao mesmo tempo. Tim também deu motivo para ir embora.

Folclórico e genial

Em 1974, empolgado com a banda Vitória Régia

Tim Maia era brigão, temperamental e, por vezes, meio maluco mesmo. Mas quo ele deixava todos no chinelo quando resolvia cantar, ah deixava!

Em 31 anos de carreira, Tim (que nasceu Sebastião Rodrigues Maia em 28 de setembro de 1942) criou a soul music à brasileira, deu concertos antológicos e lançou álbuns que provam que ele estava à frente do seu tempo.

Seus quatro primeiros discos são a prova de disso. A moda é misturar música gringa com ritmos regionais? Confira "Coroné Antônio Bento" (de João do Vale) ou "O Dia De Santo Rei", funks comandados por levadas de triângulo e batida de xaxado. As bandas estão cantando em inglês? O que dizer então de "I Don't Know What To Do With Myself", do segundo disco, escondida entre as básicas "Não Quero Dinheiro" e "Você"?

Em 1974, com um ácido na cabeça e um livro místico na mão, ele se filiou à Universo Em Desencanto, seita localizada em Nova Iguaçu. Ali gravou dois discos e dois compactos de soul music radical – ou Racional, como dizia.

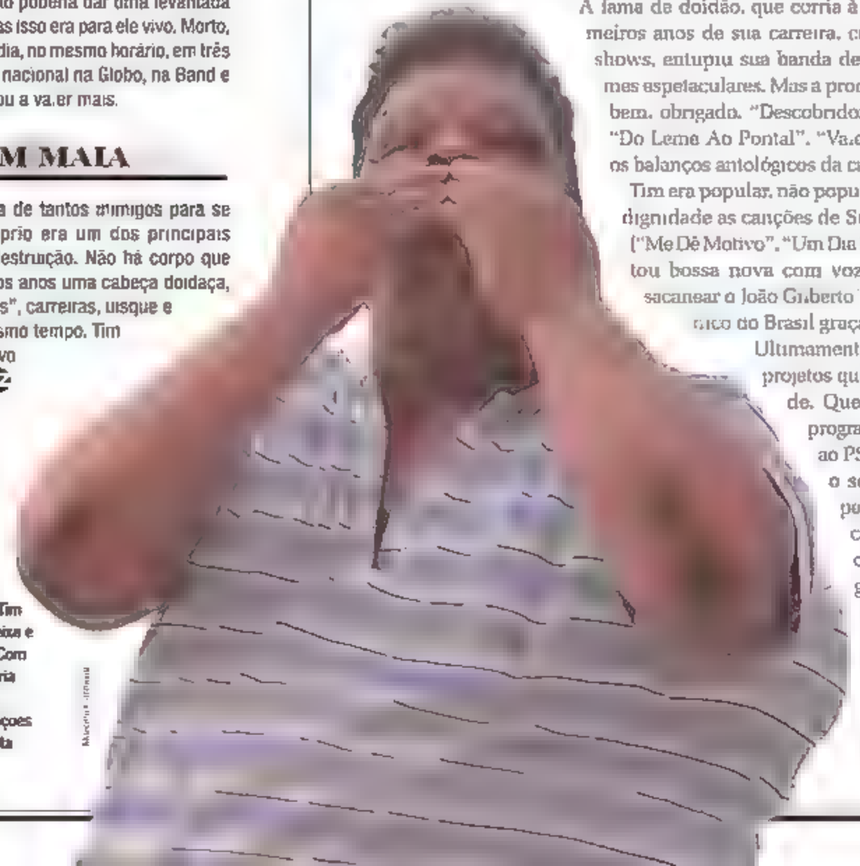
O desencanto com o Universo foi rápido. Em 1976, ele iniciou um eterno troca-troca de gravadoras e discussões sobre direitos autorais. Mesmo depois de largar a música em prol da polêmica, o cantor ainda teve gás para lançar *Tim Maia Disco Clube* (1978). Esse álbum teve como destaques "Acenda O Farol", "A Fim De Voltar" e "Vitória Régia (Estou Contigo E Não Abro)"

A fama de doidão, que corria à solta desde os primeiros anos de sua carreira, cresceu, ele faltou a shows, entupiu sua banda de broncas e queixumes espetaculares. Mas a produção de canções ia bem, obrigado. "Descobridor Dos Sete Mares", "Do Leme Ao Pontal", "Vale Tudo" estão entre os balanços antológicos da carreira do artista.

Tim era popular, não popularesco. Vestiu com dignidade as canções de Sullivan e Massadas ("Me Dê Motivo", "Um Dia De Domingo"). Cantou bossa nova com voz de trovão ("para sacanear o João Gilberto") e se tornou o Sinatra do Brasil graças a Jorge Ben Jor.

Ultimamente se lançou em dois projetos que ficaram na vontade. Queria apresentar um programa de TV e se filiou ao PSB. Seu objetivo era o senado. Se brigasse pelos pobres como encarava os donos de casas de shows, engenheiros de som incompetentes e diretores de gravadora sem consideração pelo talento de outros, que político iria dar!

Sérgio Martins



Divertido e gozador: Tim Maia não perdia a deixa e sacaneava mesmo. Com inteligência, na maioria das vezes. Como sua música, suas declarações também vão fazer falta

VIDA LOUCA VIDA

ANTES DE CHEGAR AO BRASIL PARA SHOWS EM MAIO, STEVEN TYLER, DO GRUPO CAMPEÃO DO PRÊMIO BIZZ 97, AGRADECE OS LEITORES E FALA SOBRE A AGITADA BIOGRAFIA DO AEROSMITH

por ROBERT HALFOUN

Pego na tomada. Assim é o sr. Steven Tyler. Mesmo pelo telefone, falando de Michigan, nos EUA, o vocalista do Aerosmith passa toda aquela energia que lhe é peculiar e que você vai ver nos shows que a banda faz por aqui em maio (até o fechamento desta edição, as datas e os locais para as apresentações no Rio e em São Paulo ainda não haviam sido confirmados). Extrovertido ao máximo, ele transmite uma empolgação de garoto e chega a dar gritinhos quando solta uma boa frase. Difícil acreditar que este mesmo cara fez 50 anos no dia 26 de março. "Quando as pessoas me encontram, não dizem que sou um cinqüentão. Eu não pareço velho, a banda não soa velha, por que devo me sentir velho? Quando estou no palco, me empolgo e tenho de balançar a minha bunda. É mais forte do que eu. Bom rock não tem idade", frasea, cheio de razão.

A teoria é avalizada pela admiração dos milhões de fãs ao redor do mundo inteiro e, no Brasil, pelo resultado do Prêmio Bizz 97. Na opinião dos leitores, o Aerosmith foi o melhor grupo, fez o melhor disco (*Nine Lives*), a melhor música e o melhor clipe ("Hole In My Soul"), o guitarrista Joe Perry foi eleito o melhor instrumentista e Steven Tyler ganhou como melhor vocalista. "Uau! Não tinham me dito que eram tantos prêmios. Me contaram que nós temos uma música na trilha de uma novela. Qual novela é? Lembra daquela história de uma atriz que foi assassinada? É a mesma novela?", pergunta Steven, exumando o caso Daniela Perez e referindo-se à novela *De Corpo E Alma*, de 1992. Como ele sabe dessa história? "Ah, boca falar. Sou um cara muito curioso." Extremamente simpático, Steven de cara quebra a relação repórter/entrevistado, conversando com o jornalista como se fosse amigo de longa data. Coisa de quem tem sangue italiano, *capice*?

O pai de Liv Tyler é o mais ilustre italiano-família que aportou nos EUA por volta de 1800, fugindo de um terremoto que sacudiu a Calábria (região no Sul da Itália) na época. Filho de um maestro e pianista, Victor Tallarico, o pequeno Steven sempre esteve em contato intenso com a música. "Cresci debaixo do piano do meu pai. Costumava deitar sob o Steinway dele e ficar imaginando coisas enquanto ele ouvia praticando com partituras de Debussy, Chopin e Liszt. Foi aí que nasceu esse envolvimento emocional que tenho com a música. Quando ele tocava Beethoven não conseguia nem respirar", lembra.

Com toda a paixão pela música, Steven não deixa de desenvolver outros interesses. Acaba de fazer sua estreia no cinema interpretando um bêbado em *Good Night Joseph Parker*, estrelado por Paul Sorvino e Debby Mazar. O filme deve ser lançado até o fim do ano nos EUA. "O meu papel é muito pequeno, mas ainda assim foi muito divertido. Liv me deu o toque de que tudo que eu precisava era decorar meu texto e agir naturalmente. Afinal, fui um bêbado durante 20 anos", conta às gargalhadas, com direito a um "Uhuuuuuh" agudo no final.

PÉ NA JACA TOTAL

Ex-drogado, ou melhor, ex-drogadaço, Steven Tyler é dono de uma das histórias mais sarjeteiras da história do rock'n'roll. Bebeu, fumou e cheirou tudo que pôde. Também, vale dizer, comeu todas as mulheres que seus apetites sexuais *junkies* permitiram. Mas a festa acabou no fim dos anos 70, quando o cantor chegou num ponto em que havia detonado boa parte dos neurônios, a banda e a amizade com seu melhor amigo, o guitarrista Joe Perry. Eles se conheceram em Boston, em 1970, um daqueles casos de empatia imediata. Dias depois, já estavam na mesma banda. E juntos seguiram até 28 de julho de 1979.

Naquela altura, as drogas já tinham deixado as coisas fora de controle entre os dois. E uma velha discussão sobre a altura da guitarra de Joe Perry, no camarim do Cleveland Stadium, fez com que o guitarrista deixasse o grupo. Depois de uma tremenda gritaria, Joe se acalmou e soltou: "Acho que é melhor eu deixar a banda."

Eu repliquei: 'Então vá se f**** e saia daqui!!!'", lembra Steven. "Naquele momento, as drogas venceram", completa.

Meses depois, num show em janeiro de 1980, já com o guitarrista Jimmy Crespo no lugar de Perry, Steven estava tão maluco que desmaiou no palco na frente de 20 mil pessoas. O episódio, no entanto, não o fez segurar a onda. Continuou se detonando até que, em 1985, já com Joe Perry de volta, foi "vítima" de uma conspiração médica promovida pelo empresário Tim Collins e pelo resto da banda.

Era cinco da manhã e estavam todos – os músicos, suas mulheres, Collins e o Dr. Lou Cox, especialista em casos de drogados reincidentes – esperando por Steven. Apesar de sempre atrasado, o cantor não faltava a compromissos profissionais. Haviam lhe dito que aconteceria uma entrevista ao vivo para a Europa (o fuso era a justificativa para o horário incomum). Mas o plano era levá-lo para uma clínica de reabilitação dali mesmo. Chegando no lugar e percebendo a farsa, Steven reagiu. Esbravejou, quis dar porrada, mas acabou aceitando o tratamento. "Tive de ser forte para não deixar mais o diabo entrar. Caso contrário, poderia estar morto. Isso é uma verdade: tenho consciência disso."

Hoje, depois de voltar algumas vezes à mesma clínica, Steve está careta e conta todas suas histórias na deliciosa autobiografia *Walk This Way*, escrita pelo fera da pena Stephen Davis (autor de *Martelo Dos Deuses*, principal biografia do Led Zeppelin, a primeira a revelar os excessos hedonistas de bandas de rock na estrada). Lá estão todos os detalhes, baixarias e curiosidades da carreira do Aerosmith. "Muita coisa aconteceu nos últimos 20 anos, mas bem tudo está claro na minha cabeça. Por isso, chamamos Stephen. Ele passou dois anos com a gente, sempre com o gravador ligado, e o que eu não lembrava, Joe lembrava. É por isso que, quando você lê o livro, encontra vários pontos de vista diferentes das mesmas histórias", conta, antes de dar uma pausa. Aí, continua empolgado. "Gosto muito desse livro. Como muita gente lançou biografias do Aerosmith (incluindo a ex-mulher Cyrinda Foxe Tyler, que descreve os maiores podres sobre o mundo em *Dream On*), resolvemos contar

STEVEN VAI ESTREAR NO CINEMA VIVENDO UM BEBUM: "LIV DISSE QUE ERA SÓ EU AGIR NATURALMENTE. AFINAL, FUI ALCÓOLATRA POR 20 ANOS"

NOS ANOS 70, AS DROGAS DESTRUÍRAM ATÉ A FORTE AMIZADE ENTRE JOE PERRY E STEVEN TYLER

as coisas da maneira que realmente aconteceram. Mostramos o modo como o Aerosmith se detonou durante um período e quanta merda pode acontecer dentro de uma banda de rock", diz.

Entenda-se por isso todo tipo de sujeira: problemas com empresários, gravadoras, roadies e o escambau. "Vivíamos absolutamente doidões, não era mole conviver com a gente", confessa.

ÚNICA MÁGOA

De qualquer forma, Steve diz não ter arrependimentos. "Há coisas na vida que precisam acontecer para que você se torne uma pessoa melhor. A única que realmente lamento é não ter tido um envolvimento maior com Liv." Fruto de uma aventura com a groupie Bebe Buell, Liv só foi conhecer o pai aos 11 anos, quando a mãe a levou, para assistir a um show do Aerosmith, em agosto de 1988. Até então, ela achava que seu *daddy* era Todd Rundgren, músico respeitadíssimo dos anos 70 (considerado gênio por alguns, incluindo este que vos escreve), autor do hit "I Saw The Light". Como conta Buell em *Walk This Way*, Steven brincava com a filha no restritíssimo camarim da banda quando ele deixou a menina com a mãe para se preparar para o show. "Então, Liv se virou para mim e perguntou: 'Mãe, por que ele sempre chora quando me vê?'. Mais tarde, durante o show, ela estava olhando Steven no palco quando veio até mim e sussurrou: 'Mãe, ele é meu pai, não?'. Naquele momento, eu sorri e chorei ao mesmo tempo. Depois do show, simplesmente falei para Steven: 'Ela sabe'. Então ele me deu uma encarada, respirou fundo e disse: 'Puta merda!'"

LÁBIOS DE CRIOULO

Com aquela cara e, principalmente, com aquela boca, Liv não precisou fazer nenhuma investigação para se certificar de que Steven era seu verdadeiro pai. Moleque, Steven era conhecido como "Lábios de Crioulo". "Não gostava do apelido até que minha mãe um dia me disse: 'Esquenta não, filho. Quando você crescer, as mulheres vão adorar'. Ela tinha razão, sabe?"

Segundo o guitarrista Brad Whitford, Steven era o garotão do grupo. "Tínhamos nossas mulheres, nesse ponto éramos relativamente comportados", conta Brad, em *Walk This Way*. Namorando ou até mesmo casado, o cantor sempre dava suas escapadelas. Combatia o medo de avião com uma receita simples: "Escolha uma aeromoça e a imprense no fundo da aeronave até ela virar de cabeça para baixo".

Desde pivete, ele era o que as mães costumam chamar de peste. "Sempre fui hiperativo, mas naquela época, começo dos anos 50, era visto como garoto-problema", conta, no livro. Steven cresceu no Brooklin, em Nova York, mal freqüentava a escola ("tinha muitas distrações e não conseguia prestar atenção") e tinha como atividade predileta enfiar bombinhas no traseiro de sapos só para ver os bichos explodirem. "Sabe o baseball com sapos, do Beavis & Butt-Head? Eu fazia essa droga!", lembra, rindo muito.

Steven começou a beber aos 15 anos. Antes de ir para a escola, colocava vodca no seu suco de laranja, ia até a lavanderia e metia a cabeça dentro de uma máquina de lavar. A estática do eletrodoméstico fazia com que seu cabelo ficasse arrepiado na medida para impressionar a turma que mais tarde daria origem à sua primeira banda, The Strangeurs (com u mesmo). Mais tarde, eles virariam o grupo The Chain Reaction.

PRIMEIRA VEZ

Steven lembra, cheio de nostalgia, os bons tempos da adolescência. Sua primeira vez, contudo, foi traumática. "Fumávamos um baseado e rodávamos de carro pelo Village (bairro da Grande Maçã) quando resolvemos pegar a primeira piranha que estivesse parada numa esquina. Ela parecia meio velha para nós. Tinha uns 50 anos, mas disse que transava com todos. Eramos cinco caras e a seguimos até um quartinho de um velho apartamento onde seis negões assistiam *Bonanza* na TV. Passamos pela cozinha e, chegando ao quarto, ela pediu 35 dólares. Fui o quarto da fila e foi horrendo: uma experiência terrível. Eu saí do quarto com lágrimas nos olhos e comecei a lavar o meu pau ali mesmo na cozinha. Até que um negão apareceu e gritou: 'Seu fdp, você está mijando na minha pia?' Cara, pensei que fosse morrer", conta, no livro.

AULA DE CARETICE

Hoje Steven não é mais maluco e se transformou num babão pai de família »

10 MENTIRAS

QUE UM ROCK STAR SEMPRE USA, segundo o Aerosmith, no livro *Walk This Way*

1. "É claro que eu me lembro de você"
2. "Deixa que a gente conserta na mixagem"
3. "Te ligo na segunda-feira"
4. "Eu não vou beber antes do show hoje"
5. "Normalmente, eu não faço isso com qualquer garota"
6. "Eu tenho um pouco (de droga) no meu quarto"
7. "Seu nome está na lista"
8. "A mala tá pronta. Desço para o check-out em cinco minutos"
9. "Mais umazinha e iremos pra cama cedo"
10. "O cheque? Está no correio"

Fundo do poço: Steven desmaia no meio de uma apresentação nos EUA, em 1980. Ao lado, capa de *Walk This Way*

[illegible] além de Liv, tem Mia, de 20 anos, Chelsea, 8, e Taj, 6. "Atualmente [illegible] não me drogo e não bebo nada", garante. Steven prega que a música é a droga mais forte do mundo. "Com headphones no ouvido, sua canção favorita [illegible] Se você [illegible] prefere beber e se drogar [illegible] meçar a ter problemas, interesse-se no [illegible] [illegible] muita dedicação. Faça especialmente [illegible] antetam [illegible] Steven combate [illegible] a reuniões do AA (alcoólicos anônimos) como fez durante a sua passagem pelo Brasil, em 1994. "Atualmente [illegible] acontece menos, mas vou a esses encontros quando [illegible] [illegible]

HOMEM RITMO

Baterista na época dos Strangeurs, Steven [illegible] para fazer músicas. Segundo ele, chegou a ensinar Joey Kramer nos primeiros passos do Aerosmith. "Como [illegible] dei alguns toques para ele sobre como ter uma pegada mais forte", diz. "Sabe por que o Led Zeppelin [illegible]? Porque a banda [illegible] conta. "Quando componho [illegible] bateria. Preciso do ritmo, ele sempre vem primeiro. Quando [illegible] no Rio [illegible] uma escola de samba e isso me deu a idéia para várias músicas [illegible]. Quando moleque, aprendi a tocar ritmos latinos como samba, salsa e rumba [illegible] completa.

Aos 15 anos, depois de [illegible] Steven ganhou uma bateria [illegible] [illegible] Depois [illegible] Orchestra, a banda do pai [illegible] ter certeza de que seria [illegible] O resto da história o mundo já sabe.

DISCO AO VIVO

Agora, ainda em turnê, o Aerosmith [illegible] todas as nossas apresentações [illegible] Brasil [illegible] que será uma espécie de *B[illegible]* [illegible] Só não tenho certeza [illegible]

[illegible] de Steven [illegible] aposentadoria ainda está longe de acontecer. Depois de mais de 20 anos de carreira [illegible] continuar fazendo sucesso junto ao público adolescente. [illegible] rotina [illegible] assim como eu, é jovem de espírito. Quando [illegible] de rock [illegible] pode ser [illegible] para sempre".

coisa de LOLCO

APESAR DA FAMA DE ARRUACEIROS, OS MALUCOS DO OASIS PASSAM PELO BRASIL E NÃO APRONTAM quase NADA

por BERNARDO ARAÚJO

Os brasileiros pensaram em bárbaros que cuspiam em aeromoças, destratavam o público e promoviam festas de arromba no quarto de hotel. Receberam cidadãos pacatos, que se mantiveram longe de confusão e atenderam o número possível de fãs. De quebra, ganharam duas apresentações de artistas que estão na crista da onda, contrariando a máxima de que "o país só recebe gente em decadência". Em resumo, essa foi a passagem relâmpago do Oasis – a autoproclamada "maior banda de rock da terra" – pelo Brasil.

As exigências e as frescuras ficaram por parte da equipe da banda. "A toda hora, eles ameaçavam não deixar a banda subir ao palco", confessou um integrante da equipe brasileira. A imprensa, eterno desafeto, também teve o seu quinhão de simpatia dos irmãos Liam e Noel Gallagher. O primeiro compareceu à coletiva de imprensa (no Hotel Sheraton, Rio, horas antes da primeira apresentação do grupo) ao lado do baixista Paul Guigsy. Noel era a imagem do bom humor e não se furtou ao responder às perguntas dos jornalistas – até mesmo as mais óbvias.

"Essas brigas com seu irmão são de verdade ou marketing?"

"É marketing."

"Dizem que o Oasis é uma mistura de tudo o que houve na música britânica dos últimos 30 anos batido no liqüidificador e peneirado. É verdade?"

"É."

Noel Gallagher (no detalhe) pesa do bom moço com camisete "legítima havaiana". Liam alegra no sambódromo do Ankembi

OASIS NÃO QUASE PARANDO

SAMBÓDROMO, 21 DE MARÇO

Submetidos a uma rotina escravocrata de shows, os Gallagher só podiam decepcionar quem esperava grandes emoções em São Paulo. Chapados, Liam e Noel se arrastaram através das musicas. Será que sabiam que estavam no Brasil? Sabiam, tanto que Liam, nada criativo em matéria de moda, meteu-se numa camisa da nossa seleção. Serviu de metafora.

Como a seleção, obrigada a jogar um amistoso furreca atrás do outro para ganhar montes de grana, o Oasis tambem se vendeu ao diabo nessa turnê pinga-pinga. Se bobear, os caras passam mais tempo em avião do que no palco. Dá nisso: empate com a Guatemala e tédios como o desse show em São Paulo.

Foi tudo meio deprimente; a começar pelo lugar, o sambodromo paulista, tumulo de concreto armado. A platéia às vezes se empolgava, mas momentos de apatia dominaram a maior parte do show. O estado etílico de Liam Gallagher, trôpego, só piorou a circulação de energia, quase nula.

Mano Noel tentou segurar a barra. Mas, ao vivo, sua guitarra é fraquinha demais, sem sal nenhum nos solos. O que ele fez com "Setting Sun", trocando a batida hipnótica por acordes soporíferos, foi sórdido. Nem os Beatles escaparam: a versão de "I Am The Walrus", no bis com toda a banda, deve ter feito o finado John Lennon se contorcer na tumba.

Alem de não fazer a cabeça, o show deixou uma dúvida no ar: será que é sempre assim tão chocho?

Felipe Zobaran

NOEL GALLAGHER: "NÃO SEI POR QUE VOCÊS PERDEM TEMPO COM CHATOS COMO NÓS." "VOCÊ TEM RAZÃO", RESPONDEM OS JORNALISTAS

Onde está o resto da banda?"

Na piscina. Vocês precisavam de mais alguém? Vamos lá, sejamos honestos! (*Galhofeiro*) Somos os dois mais bonitos.

Nas poucas vezes em que encarnou o Noel arrogante e metido que cospe impropérios nos tablóides ingleses, o dono do Oasis levou a dele. "Não sei por que vocês perdem tempo com chatos como nós", desabafou. Recebeu em troca um "É, você tem razão", proferido por um jornalista mais ágil, e sorriu amarelo.

Liam Gallagher trocou este debate filosófico pela cerveja. Bebeu todas ao desembarcar no Rio e só parou para dormir. No dia seguinte, entocou-se na piscina do hotel, de onde saiu apenas para a apresentação no Metropolitan. "Não saio nem para passar o som. Sou perfeito, não preciso de ajustes", declarou o moço em São Paulo, num de seus vários momentos de folga.

Logo após a coletiva, coube ao baixista Paul Guigsy receber SHOWBIZZ. Apareceu com uma camiseta da seleção brasileira, de mangas azuis, compradas naquela manhã. "Não tinha outra para vestir", justificou, maroto. Ele crê no sucesso dos comandados de Zagallo, mas torce pela seleção de seu país. "Não temos um bom meio-de-campo, mas o ataque tem sido eficiente nos amistosos."

Assim como os irmãos Gallagher, Guigsy também torce pelo Manchester City (grupo de cabeças de bagre no melhor estilo britânico). Nas paladas da tarde, ele toma conta do meio-de-campo, Liam é centroavante e Noel – claro – fica de líbero.

Pacato como ele só, impressão reforçada pelos cabelos grisalhos, precoces aos 26 anos, o rapaz demonstrava alguma ansiedade pelas férias. "Quero ter uma vida normal por algum tempo", disse. Como bom coadjuvante, ele não costuma ter problemas com o assédio das fãs. O maximo que acontece é ser cumprimentado na rua em Manchester." Paul tem uma teoria sobre todas as confusões envolvendo popstars em aviões (coisa que aconteceu com os irmãos Gallagher e recentemente, com Ian Brown, ex-Stone Roses). "Tudo o que um popstar faz vira notícia. Se um encanador ou mecânico de automóveis faz bagunça no avião, o máximo que acontece é ele tomar um esporro da aeromoça."

O ódio pelo Blur ("prefiro beber água sanitária do que ouvir um disco deles", disse Noel, na coletiva) é vagamente compartilhado pelo baixista. "Aquilo é uma besteira, aquele negócio de 'boys will be girls will be boys' (*de "Boys And Girls do álbum* Parklife)", criticou. Guigsy prefere rock dos anos 60 e 70 e reggae. "É o tipo de música que eu mais gosto."

O Oasis partiu para São Paulo na manhã seguinte ao show do Metropolitan. À tarde, colocou os instrumentos em ordem mais uma vez sem a presença de Liam, que preferiu encher a cara no piano-bar do Maksoud Plaza. "Meu irmão é uma mala, o único que se preocupa com essas coisas", disse o rebelde, enquanto entornava uma cerveja de procedência nacional (logo eles que exigiram a jamaicana Red Stripe e a irlandesa Guinness no camarim!).

Mas o PHD britânico em entornar loiras geladas não foi o suficiente para manter Liam em pé. O vocalista subiu ao palco do Sambódromo do Anhembi cambaleante. Você precisava ver fora do palco. Ele estava de olhos vidrados, parecia um zumbi. Assustou alguém da produção. O estado do vocalista reservou espaço até para as habituais piadinhas de Noel, que soltou o veneno depois de um set acústico.

O Liam vai demorar um pouquinho, vamos tocar o show sem ele", avisou para a banda. Porém, Liam voltou correndo e frustou a expectativa de quem queria ouvir só os clássicos da banda.

Após o término da apresentação, Liam e Noel nem quiseram saber da festa para 100 pessoas – uma das exigências do contrato da banda. Foram direto para o Maksoud Plaza, onde jantaram calmamente e receberam os fãs. Solícitos, conversaram e deram autógrafo para o primeiro admirador que se aproximasse.

A única confusão da muiturnê foi provocada por um integrante da equipe de som. O rapaz tomou algumas cervejas a mais e insultou uma adolescente, "declarando" a menina com cinelete. Não fosse a intervenção do segurança, certamente levaria umas bifas dadas pelo namorado da moça. Outro integrante da equipe, Dave Murray (nada a ver com o Iron Maiden), teve um acesso de macheza e tentou bater nos seguranças do Maksoud Plaza. Mas se contentou em quebrar o quarto onde estava hospedado.

O Oasis embarcou para casa na madrugada de domingo para um merecido descanso. "Quero ver a Copa do Mundo", justificou Noel Gallagher. A ausência do Oasis será compensada por uma coletânea de lados B de singles, cujo repertório está sendo escolhido pelos fãs via Internet.

O quinteto só deve voltar aos discos em 1999, com o sucessor de (What's The Story) Morning Glory?, festival de bazófias ditas pela imprensa inglesa e que devem chocar o mundo inteiro. Menos para os brasileiros, notórios conhecedores da sabedoria popular. A gente sabe que, como todo sabujo, o Oasis ladra, mas não morde.

Noel Gallagher e Paul Guigsy mantêm o bom humor durante a entrevista coletiva no Rio

OASIS SUM DE EMPATIA

SAMBÓDROMO, 21 DE MARÇO

Seria estupendo se Liam Gallagher profetisse "eu amo vocês". O máximo, se ele falasse da "emoção de tocar na terra de Pelé". Mas, para o Oasis, tocar no Brasil foi a mesma coisa que se apresentar na Malásia, nas ilhas Seychelles ou na Lua. O show foi uma prova do poder das canções de Noel Gallagher. O quinteto (leia-se a dupla, pois Paul Guigsy, Alan White e Bonehead não passam de coadjuvantes) não esbanja simpatia, muito menos promove duetos com escola de samba. Sobram as músicas e elas reinam impávidas, soberanas. Como os primeiros acordes de "Be Here Now", executada logo depois de "Rock N' Roll", do Led Zeppelin, dar seus últimos suspiros na caixa de som. Ou o refrão grudento de "Supersonic", a explosão de guitarras de "Champagne Supernova" e a melodia insuperável de "Wonderwall" e "Live Forever".

Os espaços entre uma música e outra demoravam quase um minuto. A banda parecia perguntar a Liam (chapado, chapado...) se ele tinha condições de prosseguir com o show. Mas, para alguns, esse intervalo foi necessário para sorver os últimos segundos de uma canção e se preparar para outra cacetada.

Liam canta que é um absurdo, Noel compensa a falta de carisma com guitarra e violão seguros. O set acústico – que incluí uma versão para "Setting Sun", dos Chemical Brothers – é um dos melhores momentos do show. A platéia ainda reservou algumas surpresas. Os gritinhos femininos lembravam os primeiros momentos da Beatlemania. E o coro do público em "I Am The Walrus", deu brilho à clássica canção de John Lennon. Liam e Noel reinaram no templo do samba paulistano. E não precisaram nem de telecoteco e muito menos de catirifofo para mandar seu rebolado à inglesa.

Sergio Martins

AS ALL SAINTS, ÚLTIMA TENTAÇÃO DO POP INGLÊS PARA HOMEM BABAR, COMEÇAM A GANHAR O MUNDO

por PEDRO SÓ, de Miami

CONVERSAM COM O JORNALISTA DE BLUSA ABERTA E MORDENDO UMA JUJUBA VERMELHA DE 20 CM DE COMPRIMENTO. VEM AO BRASIL EM JUNHO...

Março, clímax da noite americana mais fria do ano em Miami, no salão Alhambra do Biltmore Hotel... Aproximadamente quatro drinques na cabeça dos convivas, aproximadamente quatro moças em seus 21, 22 anos no palco. Desde o princípio vendidas como "as Spice Girls que sabem cantar e compor de verdade", elas entram com um... *playback*. E importa?

(Figurino streetwear, calças esportivas de nylon largonas, com as cinturas incrivelmonte baixas, hmmm... Tamanhos pequenos, carnes tenrinhas, nada do bife duro das lavignes e burlamaquis de academia Coreografias que são covardias. .)

Claro que importa. As All Saints venceram as rivais Spice Girls, Oasis, Radiohead e o escanbau no prêmio máximo dos Brit Awards em fevereiro. Venderam 2 milhões de discos so na Inglaterra, são a nova febre do reino. O álbum de estreia delas, *All Saints*, não é nenhuma novidade para quem conhece En Vogue e TLC, mas inclui composições de alto nível como "Never Ever" (com problemiinhas de copyright, sim, mas isso até "Bitter Sweet Symphony, do Verve, teve) e swingbeats com traquejo de rua ("Bootie Call"). E um produto pop de boa qualidade, elogiado em nove entre dez resenhas da imprensa europeia. Como é que pode elas não cantarem de verdade?

Bom, perai: esse é apenas um *showcase* para executivos da gravadora PolyGram e uma penca de jornalistas latino-americanos convidados. E Shaznay T. Lewis, a negra, autora da maioria das músicas, cantou a capella a introdução, pelo menos

Mais cedo, nos cenários scottfitzgeraldianos do Biltmore Hotel, rodeado por lindos campos de golfe e construído no começo do seculo sob medida para festas como as do conto *As Costas do Camelo*, havia rolado a entrevista

Shaznav, a da voz principal, e Nicole Appleton, a mais bonita, receberam SHOWBIZZ e um simpatico colega mexicano na varanda de uma suite. Nic, como a imprensa inglesa escreve, estava tomando um banho de sol com a blusa aberta Seios pequenos, sutiã preto. Fechou só dois botões depois que chegamos... E daí?

E daí que, em escassos dez minutinhos de conversa, as santinhas confirmam que esse papo de ser 'de verdade' é um tédio só" e esclarecem que não odeiam ser comparadas às Spice Girls. "E apenas uma chatice. Não é que a gente não queira ser comparada a elas. É fato; os discos são muito diferentes, os motivos pelos quais eles foram feitos são muito diferentes, os temas abordados são muito diferentes. Não fomos fabricadas, somos quatro amigas que se juntaram e ralaram para se expressar" conta Shaznav, descendente de jamaicanos. O que mais incomoda as All Saints no momento é a perseguição dos tablóides que a cada dia apontam alguém que papou uma delas. "Filhos da p***!", xinga Nicole

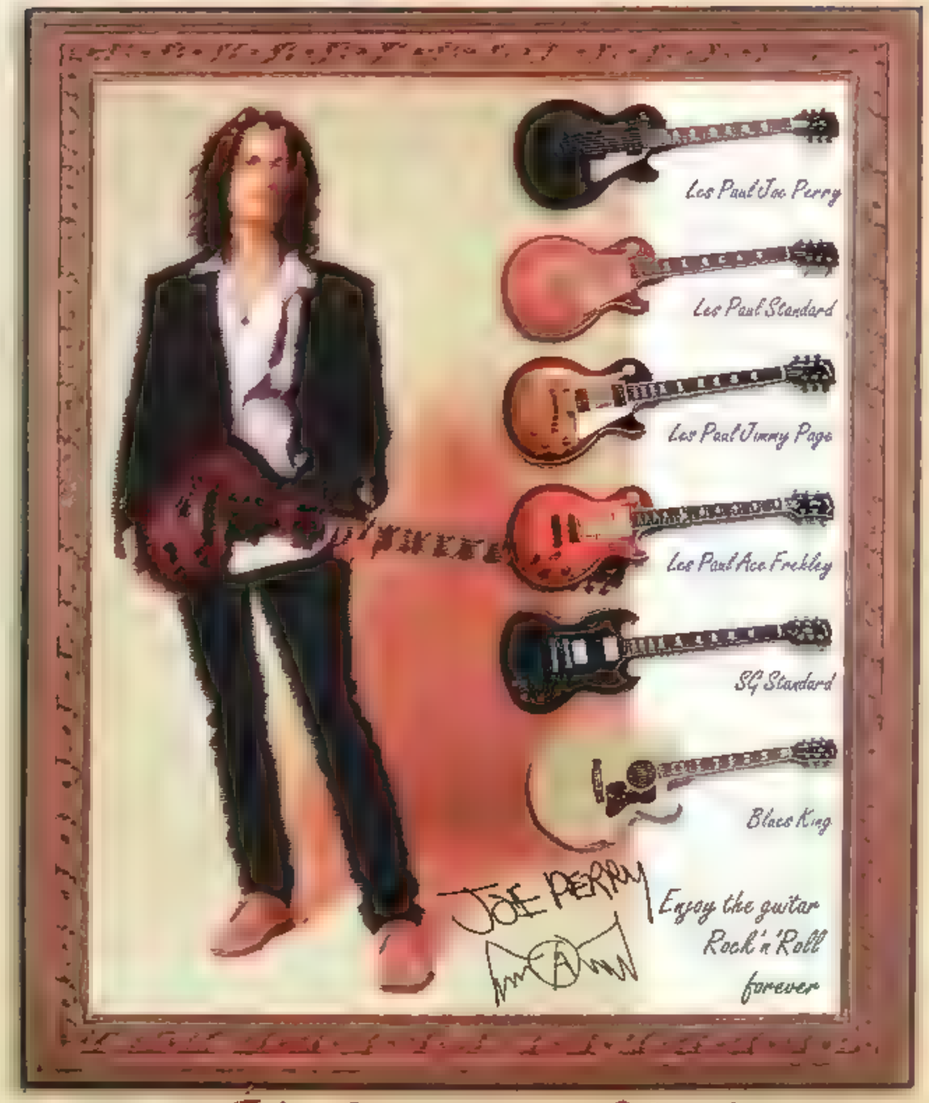
Ela tem a boca suja mesmo, está com os dentes avermelhados de tinta de bala. Está comendo uma jujuba comprida, 20 centímetros de comprimento, em forma de parafuso. Oferece aos entrevistadores uma igual Fim de papo, ela levanta a — surpresa, na parte traseira, a microcalcinha preta (olha o *delay* preeta) está acima, totalmente acima (cima-cima), da linha da calça

Nic e Shaznav se juntam à Melanie Blatt (que tem uma boca capaz de inspirar instantaneamente centenas de piadas grosseiras) e Natalie Applegate (lourinha, irmã mais velha de Nic). Acabou a maratona de entrevistas do dia. A produtora, uma inglesinha que deve ter a mesma idade que elas, faz uma piada. Todas riem como colegiais e, enquanto esperam o elevador brincam de esfregar as tais balinhas com pridas no rosto umas das outras. Nicole e a produtora se atracam e caem no chão, brincando de luta

Bingo. Menos um jornalista louco no mundo. Shaznav e Mel, duas meninas de bairros pobres londrinos, fundaram o grupo quando tinham 16 anos. As irmãs Appleton entraram há três. Todas jantavam mojo quatro vezes por semana antes do sucesso chegar. Merecem ser admiradas só por sua música. (Há-lám).

Santa Natalie, Santa Melanie, Santissima Nicole e Santa Shaznay: o pecado esta na sua cabeça

Gibson USA



É fácil comprar sua Gibson!
Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...

TEL..(011) 3061 3131

BIG FAT MUSIC-6
TEL. (021) 236-7168 236-3280

CASA BEVILACQUA
TEL..(011) 671 2919 671 4100

VOGUE
SANTOS SP
TEL. (013) 225-4660

P.A.
RUA TEODORO SAMPAIO 770
TEL. (011) 3061-0404
P.A. ABC R. Alvarez da Azevedo 155
Centro Santo André SP
TEL. (011) 444-5877

AOS MESTRES, COM CARINHO

LIGADOS NAS RAÍZES JAMAICANAS E NA GERAÇÃO INGLESA DE 79, OS TOASTERS SÃO O MAIOR NOME DO SKA ATUAL

por BRUNO LANCELLOTTI

Tudo começou em 1982/83. Eles adotavam nomes como The Bouncers e Not Bob Marley – com os quais apareceram em algumas coletâneas. Mas eis que um dia surge a idéia de utilizar algo referente ao background cultural jamaicano: o toast, aquela forma de canto falado utilizada por DJs como Prince Buster, U-Roy etc. Surgem então, em Nova York, os Toasters.

Rob "Bucket" Hingley, o líder do grupo, é um inglês que não acredita no fim da geração 2 Tone, a mistura de ska e punk que sacudiu a Inglaterra no final dos anos 70. Levou demos a diversos selos americanos, recebendo em troca declarações do tipo "o ska nunca vai ser grande nos EUA". Diante das portas fechadas, resolveu dar o primeiro passo para a ebulição dos Toasters. Fundou a Moon Records (hoje Moon Ska Records). A gravadora funcionaria como rampa de lançamento para os discos de sua banda – e futuramente para várias outras. Foi assim que começou o movimento ska de Nova York.

Com os Toasters liderando a gangue foram lançados os primeiros singles e EPs pela Moon. Curiosamente, o selo não lançou os dois primeiros discos da banda. *Skaboom!* (1987), produzido pelo consagrado Joe Jackson, e *Thrill Me Up* (1988) saíram pela Celluloid, que deu um grande colote nos meninos. Bem mais espertos e empenhados em conseguir seu lugar ao sol, os Toasters, depois de algumas turnês pela Europa, apostaram suas fichas na Moon. Ali eles eram donos do próprio nariz. E, como dizia Tim Maia, a gravadora "pagava às sextas, sábados e domingos depois das 21h".

A maturidade da banda veio a partir do terceiro álbum, *New York Fever* (1992), um trabalho pulsante, com grooves de fazer cair os cabelos. Temas como "History Book", "Shebeen" e "Ploughshares Into Guns" reverenciam os ídolos da 2 Tone, porém com uma roupagem totalmente anos 90. Até hoje o álbum é considerado um marco da terceira onda do ska.

Mas versatilidade do ska dos Toasters seria colocada à prova apenas em *Dub 56* – trabalho ao vivo com altas doses de soul, R&B, jazz e todos os outros estilos mais dançantes do planeta. *Dub* foi endossado por gênios do passado – Lester Sterling, saxofonista dos lendários Skatalites, participou na faixa "Dancin'". Outras músicas como "A Night In Tunisia", de Dizzy Gillespie, e "In The Midnight Hour", de Wilson Pickett, abriram novas perspectivas para o gênero. *Hard Band For Dead* (1994), o álbum seguinte, trouxe uma homenagem ao mestre Prince Buster (pioneiro jamaicano, autor do "Oh Carolina"), que já havia emprestado seus dotes às bandas da 2 Tone. Outra célebre presença é a do *godfather of ska* Laurel Aitken.

O mais recente disco dos caras é *Don't Let The Bastards Grind You Down*, que chegou arrebentando nas paradas reggae e ska dos EUA. Com sua fórmula inteligente e pouco óbvia de incrementar o gênero jamaicano, o álbum é uma lição para aqueles que arriscam perambular um terreno alheio usando apenas riffs de guitarra e temas de uma Califórnia feliz – e chamam a isso de ska. Mais que um som de verão ou de praia, o ska, quando bem executado, é um gênero musical que anda com as próprias pernas.

Rob "Bucket" Hingley e seus companheiros dos Toasters decifram o ska para a nova geração americana

10 motivos pra você gostar deste grupo

- Dá para dançar freneticamente
- Ele tem mais de 15 anos de estrada e 7 álbuns lançados
- Ele decifra e promove para o público mais jovem grandes nomes do ska como Skatalites e Specials
- A crítica especializada o considera o mais importante nome do ska dos anos 90
- Várias de suas músicas falam contra o racismo
- A formação é multirracial e multinacional (americanos, um jamaicano e um inglês)
- O vocalista e guitarrista, "Bucket", é dono da Moon Ska Records, gravadora que batalha pelo ska com todo o cuidado com a qualidade
- The Toasters já tocaram na Europa, nas duas Américas e no Japão
- Ao contrário de grupos como o No Doubt, os Toasters são 100% ska
- Eles devem tocar no Brasil no mês que vem

revista SHOW BIZZ

A ira do Rock, em sua mais completa tradução.

Nas bancas.

CONTRA OS MODISMOS

ATITUDE ROCK'N'ROLL É ISSO AÍ: O PRODIGY NÃO QUER SER VISTO COMO UM GRUPO TECNO

por ANDRÉ GORDIRRO

Depois que *The Fat Of The Land* vendeu mais de [illegible] milhões de cópias em todo o planeta e chegou ao primeiro lugar das paradas em [illegible] países, os boatos começaram. E quando o líder Liam Howlett declarou, [illegible] passado, que *The Fat Of The Land* é o último [illegible] [illegible] de [illegible], o fim do Prodigy foi dado como iminente. [illegible] o DJ e programador desmentiu, justificando ter dito isso num momento de cansaço [illegible] em torno de seu grupo. Agora, retomando os trabalhos, o quarteto inglês prepara o lançamento de um novo remix para a música "Voodoo People", feito em cima de uma versão dos Chemical Brothers, e [illegible] surpresa, [illegible] renega o rótulo "tecno".

Mas o que provoca tamanha obsessão em torno de uma banda que, diga-se, nem banda direito é? Liam é o faz-tudo do Prodigy, assim como Trent Reznor é o Nine Inch Nails; o resto do grupo é composto apenas por três sujeitos [illegible] se [illegible] no palco de tanto dançar: Keith Flint, o Bozo do Inferno; Leeroy Thornhill, um varapau de borracha; e Maxim Reality, uma espécie de Freddy Krueger negão.

Esses quatro sujeitos fascinam gente como o B[illegible]zard, que deve fazer uma »

Keith Flint, o Bozo do inferno, [illegible]

PLANO DE KEITH FLINT PARA 1998: COLOCAR UM PIERCING NO PÊNIS

No alto, Liam Howlett, Keith Flint, Maxim Reality e Leeroy Thornhill em foto de 1995, tirada pouco antes do sucesso. Logo abaixo, o Prodigy bem no começo de carreira e o sorriso de Maxim Reality. Vai um beijinho aí?

cover de "Breathe" no próximo álbum, com participação de [illegible] dos Smashing Pumpkins e Tom Morello, guitarrista do Rage Against The Machine. Este último, aliás, promete voltar a colaborar com o Prodigy depois da experiência [illegible] Man Arm[illegible] da trilha sonora de Spawn.

A aceitação desses [illegible] por parte [illegible] se reflete [illegible] de rock. "Eles [illegible] dustrial do rock e o lado mais hardcore do tecno", diz o editor da revista [illegible] inglesa *Kerrang!*, Phil Alexander.

O fenômeno Prodigy faz a banda parecer nova, mas [illegible] 8 anos [illegible] praça antes de *The Fat Of The Land* estourar.

Tudo começou em 1988, quando o então adolescente Liam Howlett entrou [illegible] Grafiteiro e integrante de um grupo de hip hop chamado Cut To Kill, ele largou o rap assim que descobriu o ecstasy e o acid house. [illegible] operário de construção [illegible] para comprar [illegible] Sua meta: ser DJ.

Numa de suas festas, [illegible] o hippie-ciclista Keith Flint, um doidão que há 8 meses percorria a Europa em sua bike. Animados com a discotecagem de Howlett, os dois [illegible] uma fita cassete [illegible] O DJ [illegible]

tro faixas próprias [illegible] o lado B e assinou como The Prodigy [illegible] sintetizador Moog Prodigy e com a ambição de ser conhecido como um DJ prodígio. Logo ficou [illegible] sempre que tocasse, Howlett [illegible] Sharky [illegible] Leeroy e Keith como dançarinos. O terceiro cara, Maxim Reality, MC [illegible] chamado para integrar a [illegible] Prodigy em 1990.

Quando o single "Charly" [illegible] seguinte, o Prodigy começou a fazer turnês pelos clubes ingleses. Sharky, que não queria compromisso profissional, deixou o grupo. Com [illegible] publicitária [illegible] "Charly" diz: "Sempre [illegible]" — a faixa transformou as raves em *Vozes do Xuxo*, criando uma insana propagação de musiquinhas com samples [illegible] nas festas.

Mesmo criticado, o Prodigy começou a fazer shows para mais de 10 mil pessoas e até excursionou nos EUA com Moby. "Charly" está em *The Prodigy Experience*, aclamado como o primeiro [illegible] de álbum da cena rave. O trabalho resgatou o breakbeat [illegible] que se transformaria [illegible] jungle [illegible] nos guetos underground ingleses [illegible] disco de platina, recorde para um título [illegible]. O sucesso deu a Liam maturidade para explorar uma sonoridade ainda mais [illegible] em *Music For The Jilted Generation*, segundo álbum, lançado em 1994.

Esse disco quebrou o molde dos álbuns [illegible] acrescentar guitarras, como na faixa "Their Law", e acabou vendendo mais de 1 milhão de cópias em todo o mundo. "O rock precisava do ritmo e funk", aprendeu Liam.

Ainda mais radical, *The Fat Of The Land*, de 1996, [illegible] Flint [illegible] rock [illegible] queira e dando cara para o tecno, [illegible] Keith Flint ganha um microfone [illegible] "Firestarter". O single e o clipe provocam repúdio. Tablóides ingleses estampam a manchete "Proíbam esse disco doentio". Enquanto isso, Flint, o Bozo do Inferno, [illegible] para 98 colocar um piercing no pênis.

Hoje, o Prodigy é tão bem sucedido que [illegible] cultura clubber [illegible] usa recursos eletrônicos. "Tecno talvez [illegible] da Alemanha. Nós somos uma banda dance com uma atitude rock. É o que nos distingue dos demais. [illegible] a postura [illegible] rock. Esse é o som do Prodigy", cospe Liam [illegible] que começou e sepultando de vez [illegible] rock.

Led Zeppelin nunca mais

EM COMPENSAÇÃO, JIMMY PAGE E ROBERT PLANT INAUGURAM UMA NOVA FASE NA TERRA DE MAOMÉ

REPÓRTER BIZZ

por SÉRGIO MARTINS e fotos de JORGE ROSENBERG, de Istambul

Jimmy Page e Robert Plant convidam: duas apresentações em Istambul, entrevista exclusiva e a oportunidade de ouvir antes do mundo todo *Walking Into Clarksdale*, primeiro disco com material inédito da dupla em 18 anos (a última vez em que isso aconteceu foi em 1979, quando eles ainda eram do Led Zeppelin e lançaram *In Through The Outdoor*). Segue o convite uma série de imagens e suposições que ocuparam a imprensa mundial nos últimos meses. *Walking Into Clarksdale* teria um sabor mestiço, entre o acarajé e o kebap, fruto das experiências de Page com a música baiana (ele se encantou com o berimbau e quer trabalhar com um grupo de capoeira) e do eterno fascínio de Plant por culturas muçulmanas e orientais. As cantoras Natacha Atlas (de origem egípcia) e Najma Akhtar (indiana) participariam de algumas faixas e o produtor Steve Albini envenenaria a receita com toneladas de guitarras.

Istambul, na Turquia, seria um lugar dos mais propícios a esse tipo de miscigenação. Situada entre dois continentes (a Europa e a Ásia), ela um dia se chamou Bizâncio, depois Constantinopla, e representou o Império Romano no Oriente. Conquistada pelos mouros em 1453, abraçou a religião islâmica, mas ainda conserva resquícios dos tempos de catolicismo. E, para a alegria de Page & Plant, é celeiro de excelentes cantores religiosos e de endiabrados percussionistas.

Na real, o disco novo de Jimmy Page e Robert Plant remete aos primeiros lançamentos do Led Zeppelin, em que a pauleira falava mais alto do que qualquer experiência musical. "É basicamente o que eu fazia com o grupo, sentava com a guitarra num canto do estúdio e esperava pelas idéias e letras de Robert", confessa Page, no lobby do hotel Merique Antique, na Velha Istambul, em meio a cantos de pássaros. "Eu adoraria ter Natacha Atlas, mas é um disco de Page e Plant."

Há faixas em que a pauleira come solta ("Walking Into Clarksdale", "Burnin' Up") as velhas referências mitológicas ("Sons Of Freedom", "Upon A Golden Horse"), baladas e rockabilies ("Blue Train", "Heart In Your Hand"). Boas canções, superiores ao material dos trabalhos *off*-Zeppelin dos dois. "Eu sempre achei meus antigos discos datados porque buscava o som feito na época. Isso acabou por estragar a força de certas canções", emenda Robert Plant.

A colaboração de Steve Albini se resumiu ao trabalho como engenheiro de som. "Ele é um dos poucos caras que eu conheço que sabe »

Saudades do acarajé

gravar uma banda ao vivo, com o peso exato que ela precisa", baba Page. "Foi muito rápido: gravamos tudo em 35 dias." E Albini saiu dos estúdios de Londres direto para uma biboca em Chicago, onde produziu o disco da banda punk Traitors.

Se as novas composições de Page e Plant retomam o método Zeppelin, algumas atitudes também estão de volta. A dupla possui um empresário resmungão, xerox raquítica do mastodonte Peter Grant (figura-chave na conquista do mundo empreendida pelo Led, fulminado por um ataque cardíaco em 1995). Olha feio, fala entre os dentes e adora economizar. "Quatro músicos no palco é o ideal, não gasta tanto dinheiro. Eu sonho com o dia em que pudermos tocar apenas com um cara."

Rex King, o tour manager é o gente boa cuida de todos os detalhes logísticos da excursão (hotéis, datas) e apara as arestas entre a banda e a imprensa. "Calma, eu trago o Jimmy Page para você." "Robert deve estar descendo." "Cuidado que hoje eles não estão de bom-humor!"

Uma das razões para os *moods* esfiagados da dupla somos nós, os jornalistas brasileiros. Robert, em particular, não ficou nada satisfeito ao ser elicado durante uma apresentação inteira. "Ele não quer aparecer suado e muito menos que registrem qualquer sinal de calvície de Page", vociferou Ross Halfin (fera que já fotografou turnês de Metallica e Megadeth. "Pior Robert está ME acusando de ter liberado vocês para tirarem essas fotos!"

Jimmy Page esqueceu os problemas ao longo da conversa (*confira ao lado*). Robert Plant, dispersivo, deixou um papo pela metade para ouvir as orações numa mesquita. "É sexta-feira, um bom dia para rezas", justificou. Depois, deu calo na entrevista seguinte. Com direito a um "*I don't cuuuare!*" ("Eu não me importo!") afetado. "Robert te sacaneou, não?", perguntou, consolando, Ross Halfin. "Ele é do tipo que te convida para um show, mas 'esquece' de colocar seu nome na lista de convidados."

Maquiada com a assinatura Page & Plant a nova encarnação dos *zeppelins* tenta reviver os tempos de glória criativa no grupo. Depois de anos e anos de trabalhos equivocados (Page no The Firm, alguns álbuns ruins de Plant), eles chegaram à conclusão de que não vivem um sem o outro. E, se o revival dos anos 70 engordou as contas dos integrantes do Kiss e Fleetwood Mac, por que não dar mais uma chance para os comandantes do trovão?

JIMMY PAGE CONTA POR QUE NÃO PODE MAIS MORAR NA BAHIA E GARANTE QUE O NOVO SHOW VEM AO BRASIL. MAS EXIGE TOCAR EM SALVADOR...

Bom dia, como vai seu português?
Muito mal (*risos*). Não tenho tido tempo para praticar.

Você nunca mais voltou à sua casa em Lençóis (a 425 km de Salvador, BA)?
Eu não posso mais morar em Lençóis! Não consigo andar na rua sem que as pessoas apontem para mim. "Olha, é o Jimmy Page!" Outros chegam à cidade e vão direto para a minha casa, esperando que eu apareça. Não tenho mais o sossego que eu tanto procurava quando fui morar lá. Mas eu amo o Brasil.

Ouvi dizer que você chorou depois de seu primeiro show no Brasil (em janeiro de 1996, no Hollywood Rock). É verdade?
Sim, é verdade. Foi tão emocionante! Eu havia visitado o Rio nos anos 70, mas não consegui sair do hotel. Em minha segunda ida ao Brasil, fui à Bahia e conheci pessoas maravilhosas. Esses meus amigos de Salvador vieram para o Hollywood Rock de ônibus – o que é uma viagem e tanto. Depois do show, eu os encontrei no camarim e chorei. Muito.

Como está sendo esta turnê pelo Leste europeu?
(*Risos*) Preciosa. O público dos concertos é composto por fãs que tinham de adquirir nossos discos no mercado negro – eles eram proibidos pelos governos comunistas. Grupos de 30 pessoas faziam uma vaquinha e ouviam os álbuns escondidos, com medo de serem pegos pela KGB.
Dá para imaginar como estão sendo as apresentações, velhos fãs da gente – não tão velhos, velho sou eu! – chorando. Porque os grandes sucessos do Zeppelin os fazem recordar daquela época. Foi assim em todos os países que nos apresentamos até agora: Croácia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária e Romênia.

O show de vocês está num formato mais diet. Quatro ou cinco músicos no palco, poucas misturas étnicas e muito rock. Por quê?
Eu gostei da experiência de tocar com orquestra. Mas ela também me deixava meio constrangido, porque eles tinham de ler as partituras – o que não dava muito espaço para a improvisação. Agora temos mais chances para improvisar.

Há planos de trazer esta turnê para o Brasil?
Devemos tocar no Brasil em novembro ou dezembro. Eu gostaria imensamente de tocar em Salvador. Pena que seja tão complicado, porque os promotores de show pensam apenas no Rio e em São Paulo. Pensando bem, acho que só tocaremos novamente no Brasil se reservarem uma data para Salvador.

Hoje vocês estão pensando mais em grupo? Eu vi que o disco novo tem créditos para Charlie Jones (baixista) e Michael Lee (bateria). Qual foi a colaboração deles?
Na verdade, foi muito mais uma gentileza minha e de Plant (*risos*). Nós basicamente compusemos o disco inteiro. Em "When I Was A Child", por exemplo, eles adicionaram uma ou outra batida. Não, vou falar a verdade: eles escreveram as letras (*nsos*).

O fato de vocês trabalharem juntos com uma banda fixa sepulta de vez uma volta do Zeppelin com John Paul Jones e Jason Bonham?
Quanto mais eu toco o novo projeto, mais me conscientizo de que não existe a mínima possibilidade de voltar com o Led Zeppelin. John Bonham foi, sem dúvida alguma, o maior baterista da história do rock. E John Paul Jones era um músico legalzinho (*nota do editor: tás brincando!*), mas eu não me dou muito com ele – e Robert Plant também não.
Jason não é John Bonham. Não traz nada de novo para a banda. Ele apenas quer tocar rock'n'roll, como os Rolling Stones. Não é o que eu quero para a minha vida. Não queremos ficar presos ao passado. Sim, tocamos música daquela época, mas procuramos nos manter ligados com o que acontece. É melhor para mim e para Robert continuar nossa parceria.

Você se interessa pela música produzida hoje em dia? Tecno, drum'n'bass...
Gosto de todos esses estilos. Adoro Transglobal Underground (*grupo inglês que mistura dance com música étnica*), Natacha Atlas. Eu até ia tocar com eles num festival. Só que meu filho, que vive com a mãe em Nova York, foi me visitar em Londres. E não tive tempo para os ensaios.

Está sendo produzido um filme sobre o Led Zeppelin...
Não, ele nunca será lançado. Eu tenho direitos sobre as músicas da banda e não vou liberá-las. É como poderão fazer um filme sobre o Zeppelin sem as canções da banda?

A que ponto as biografias sensacionalistas sobre o Led Zeppelin deixaram você chateado?
Você quer dizer aquelas mentiras? Há muitas verdades ali, mas contadas de uma maneira suja. Quando eu morrer, não gostaria que as pessoas lessem aqueles livros e pensassem que fui daquele jeito. Não sou pior do que ninguém. O mesmo pode ser dito em relação aos ex-integrantes da banda.

O fato de Richard Cole, ex-tour manager do Led Zeppelin, ter colaborado com esses livros deixou você ainda mais aborrecido?
Sim (*batucia*)... Este homem... Este homem... Ele foi viciado em heroína durante anos e agora resolveu contar as histórias sobre a banda. E sabe o que ele fez? Uma espécie de Alcoólicos Anônimos movido a dinheiro. Nessas instituições, você se apresenta para as pessoas e conta o que aprontou como a coolatra. Richard Cole simplesmente falou, "Eu trabalhei com o Led Zeppelin! Me dê algum dinheiro que eu te conto uma bazófia de Jimmy Page! Me pague um pouco mais que eu falo sobre Robert Plant!"
Eu fiquei bastante chateado com o primeiro livro (*The Hammer Of The Gods*, de Stephen Davis, para o qual Cole foi a fonte principal). O segundo – *Stairway To Heaven* – foi pior: como ele teve coragem de contar aquelas coisas sobre John Bonham? A mulher de Bonzo está viva, imagine-a lendo aquelas histórias!

Bem, eu entrevistei Richard Cole e ele disse que tem amizade com sua ex-esposa, Charlotte. E que volta e meia liga para ela!
Ah, sim! Ele liga para Charlotte dizendo: "Por favor, dê o telefone da minha casa para Jimmy Page! Peça para ele conversar comigo!"

***BBC Sessions* foi lançado recentemente para comemorar os 30 anos do Led Zeppelin. Você gostou do resultado?**
Aquele CD é fantástico. É uma prova da força do Led Zeppelin ao vivo. Pegue as três versões de "Communication Breakdown". São todas diferentes entre si e foram gravadas num curto espaço de tempo. Eu fiquei bastante feliz com aquele disco. Mesmo porque não há muitos registros nossos ao vivo.

***The Song Remains The Same* não é exatamente seu disco predileto, é? Já foi dito que os próprios integrantes do Led Zeppelin repudiam esse álbum.**
Ah, eu não ligo para o que os outros caras da banda dizem! Acho *The Song Remains The Same* fabuloso, uma mostra do quanto conseguimos retrabalhar o material de estúdio. De como sempre tentamos nos superar ao vivo. »

Posso perguntar algumas coisas para Jimmy Page, a lenda? Como, por exemplo, o que você tocou em "You Really Got Me", dos Kinks? A guitarra ou o tamborim?
Essa eu não respondo. A próxima, por favor.

***Little Games*, o último álbum dos Yardbirds, foi uma espécie de rito de passagem para o que seria o Led Zeppelin?**
Não exatamente. Eu acho *Little Games* um disco legalzinho, mas estragado pelo produtor. Uma das faixas, "Drinking Muddy Water", tem o Ian Stewart, pianista dos Rolling Stones. Ele era meu amigo na época, tocou com o Led Zeppelin em "Rock & Roll" e em "Boogie With Stu".
Ian chegou, gravamos e o produtor disse: "Próximo!" Nem deu chances para Stu fazer outra coisa. O produtor também nos obrigou a gravar "Little Games", que acho horrível.

Você tocou num disco de Burt Bacharach, *Hit Maker – Burt Bacharach Plays His Hits*?
Sim, aquela guitarra é minha!

Por acaso, assistiu ao filme *Austin Powers*? É sobre um espião dos anos 60 que passa 30 anos congelado. Com aquele disco!
Verdade (risos)? Tocar com Bacharach foi uma das coisas mais memoráveis da minha vida. Há diversos tipos de músicos de estúdio. Os guitarristas e os bateristas são geralmente novinhos, o pessoal dos metais pertence àquela turma de veteranos que adora jazz e os das cordas são de uma geração mais antiga – e esnobe –, que não gosta de nada.
O pessoal dos metais adora beber e falar de mulheres, o das cordas conversa sobre jardinagem e a turma da seção rítmica troca idéias sobre rock'n'roll. Mas tudo muda quando Bacharach entrava no estúdio. Conseguia unir todos os músicos. Ele dizia: "Senhores, é assim que eu quero a minha canção". Sentava no piano, cantava – olha que a voz dele nem era tão poderosa – e acontecia algo maravilhoso. O pessoal das cordas tocava com um vigor nunca ouvido. Trabalhar com Burt Bacharach foi uma das maiores honras que eu tive como músico de estúdio.

Qual é a melhor performance do Zeppelin em disco?
Eu não sei. Fizemos vários discos, um diferente do outro. Acho *Physical Graffiti* um belo trabalho porque tivemos mais tempo para fazê-lo. Gosto também de *Presence*, mesmo não sendo um álbum tão popular – porém, é tão vivo! Prefiro fazer qual o disco que menos aprecio do Led Zeppelin. É *In Through The*

Existe um boato de que você está preparando um vídeo com grandes performances do Zeppelin ao vivo. Para fazer companhia a *BBC Sessions*...
É possível, mas não tenho tempo para nada! Olhe para mim, estou dando entrevistas. Minha vida é shows, entrevistas, show, entrevistas, mais shows, mais entrevistas... Talvez no futuro eu arrume mais tempo para mim. Belo final para uma entrevista, não? Quem sabe essa fique como minha última frase....

Rock é rock mesmo... até em Istambul

O local dos shows foi o mesmo, o impronunciável Bostanci Göstari Merkezi. O repertório também, apesar de Jimmy Page jurar que "ele muda todo dia". Mas, sem dúvida, a passagem de Page e Robert Plant por Istambul resultou em duas apresentações completamente diferentes, numa das maiores manifestações de irreguaridade desde que Luis Felipe Scolari assumiu a direção da equipe do Palmeiras.

O Bostanci fica no lado asiático de Istambul, numa região considerada privilegiada. É ali, por exemplo, que fica a sede do Fenerbahçe (com cê-cedilha mesmo), o time de futebol mais rico e poderoso do país – e que se deu ao luxo de pagar uma dinheirama ao técnico Carlos Alberto Parreira para tê-lo como treinador logo depois da Copa do Mundo de 1994.

A platéia da primeira apresentação era formada por gente capaz de bancar as 8 milhões de liras turcas (exorbitantes 40 dólares), mas pouco afeita ao rock. "Vim pela importância deles. Mas prefiro o Prodigy", confessa Duek Iren, 19 anos, que passou parte da apresentação na lanchonete. A frieza dos mauricios da Turquia proporcionou momentos maravilhosos aos roqueiros mais fanáticos. Via-se Page solar de um metro de distância, Plant parecia rebolar só para nós. A dupla, porém, sentiu falta do aplauso e da histeria. Foi um show profissional, mas aquém do potencial de uma banda que, como escreveu o crítico inglês Nick Kent, passava por cidades como "Gêngis Khan e seus camaradas em missão de pilhagem".

No dia seguinte, o clima que rodeava o Menque Antique, hotel em que a dupla estava hospedada, era pessimo. O empresário comunicava-se por grunhidos, o baterista Michael Lee passeava pelo lobby de cara amarrada. E Page se desculpou. "Às vezes, eu acho o público daqui mui-

to preso às suas tradições. Eles não vibram tanto quando deveriam com artistas de outros países."

O desabafo do guitarrista foi para o espaço horas antes da primeira apresentação. O Bostanci (que parece um circo, mas é mais bem equipado) recebeu um pessoal selvagem que ouvia Page e Plant desde os primórdios do Led Zeppelin. "Curto eles desde a minha adolescência. Passei muita fossa ao som de 'Thank You'", desabafa Ibrahim Ozden, 38 anos.

É basicamente tudo aquilo que a gente leu (ou assistiu em *The Song Remains The Same*) sobre o Led Zeppelin, mas nunca teve a chance de conferir ao vivo e em cores. Robert Plant e Jimmy Page entram com fogo no rabo. O primeiro gasta o seu repertório de biquinhos, bicotas e agudos que vêm do fundo da garganta combalida. Page estende ao máximo os solos de "Heartbreaker" e "Bring It On Home". Estupra a guitarra com o arco de violino na execução de "How Many More Times", cospe aquela baba que ficou no cantinho da boca para alcançar notas impossíveis em "No Quarter" e em "Baby I'm Gonna Leave You" – que um dia serviu de teste para Plant entrar no Led Zeppelin – brinca com o theremin durante "Whole Lotta Love".

O show inclui um set acústico que começa com "Ramble On" (em que o baterista Michael Lee assume uma percussãozinha) passa por "Going To California" (Plant a anuncia como "uma canção de esperança" – mas essa não era "Stairway To Heaven"?) para desembocar em "Tangerine" e "Gallows Pole". Quando surge "Thank You" no bis, seguida por "Rock'N'Roll", posso jurar que o grandalhão Ozden resfolegou mais forte.

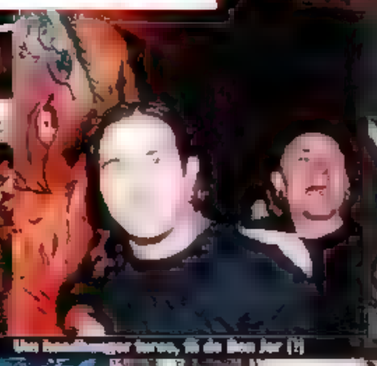
Em pouco mais de 24 horas, o Led Zeppelin (ou "Zêplin", como pronunciam os turcos mais animados) passou de uma apresentação besta para um show bestial! Total aprovação para a atitude de colocar a culpa na torcida.

A fã mais roqueira do Led Zeppelin (acima) contrasta com a falta de interesse de Dilek (ao lado). Abaixo, o vendedor Ibrahim Ozden recebe as namoradas despachadas ao som de "Thank You". E outra fã entra em transe com os solos de Jimmy Page.

Você já foi à Turquia, nega?

Chamou muçulmano nas ruas de Istambul

Mega Vision, a principal loja de discos da cidade


Um headbanger turco, fã de Ben Jor (!)

O som ao vivo do Kemanci Rock Bar

Axl (à dir.) e sua turma agitam as noites de Turquia

Entrada do Kemanci

DJ alegrado do Hassiktir Rock Bar

O K. Alá ainda é Deus e Maomé seu profeta. Mas, em Istambul o rock vem desviruando mais e mais adolescentes, muçulmanos ou não. Eles batem ponto todo fim de semana em Taksim (também conhecida como Nova Istambul), região que concentra o maior número de bares e lojas de discos dedicados ao gênero.

O bairro é uma espécie de centrão da cidade, mas com um charme Vila Madalena (ou Baixo Gávea, ou qualquer outra zona de agito). De dia, funciona como sede das melhores lojas de grife e de CDs (a mais bem equipada é a Mega Vision), com direito a bondinhos turísticos e pedintes nas ruas.

À noite, o cenário muda radicalmente. Em cada ruela, beco ou quebrada há pelo menos dois botecos de qualidade com música ao vivo regada a cerveja ou Raki – a aguardente local, feita à base de anis.

Aqui é um dos poucos lugares onde os homens não me olham como um animal. Não corro o risco de ser estuprada", desabafa a universitária Avse Yureli, 22 anos.

De todos os clubes, o Kemanci Rock Bar é o mais badalado. Foi também a opção mais barata para os fãs menos endinheirados de Jimmy Page e Robert Plant. "Pelo menos, tocou Led Zeppelin a noite inteira", desabafou Didem, de 25 anos. O Kemanci tem três ambientes, que se dividem em bandas ao vivo (a maioria delas manda versões de Doors, Free e U2 melhor do que muita banda nacional), uma discotecagem que vai de hard rock a thrash metal e cerveja nacional a 1 dólar.

Os adoradores de heavy metal, por sua vez, preferem o Hassiktir Rock Bar, localizado numa rua paralela. Chamar o local de clube é boa vontade. Ele mais parece uma garagem, onde o DJ (um clone oriental de Beavis & Butt-Head) e os frequentadores desafiam as leis da Física – aquela que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço. O proprietário é uma figuraça que atende pelo nome de Fuck Off. "Você nunca entenderia meu nome turco", justifica ele.

Um dos freqüentadores mais assíduos do clube é Ugurxan Altaq, 23 anos. "Brasileiros? Meu pai já foi a São Paulo e me trouxe um disco do Jorge Ben Jor. Que sonzeira!", comemora o cabeludo. Altaq é um dos primeiros a detonar o preconceitos dos muçulmanos mais radicais contra o heavy metal. "O rock é música de estudante universitário ou gente com um pouco mais de grana. Mas ele também é hostilizado. Inclusive existem escolas tradicionais que proíbem a entrada de alunos cabeludos."

Mais duas ruas para a frente e você cai de cara no Turnacibassi, uma mistura de clube de rock e ponto de encontro. "É o local de quem não tem namorado. Eu deixo o tédio da minha casa e sempre acabo arrumando alguém", manda outra menina, que não quis se identificar – muito menos ser fotografada.

Istambul também reserva espaço para os amantes de techno e drum'n bass: o Magma, localizado num beco escuro e pouco convidativo. Os horários também são pouco ortodoxos: o clube só abre depois das 2h da manhã.

Em geral, o turco fã de rock não tem preconceitos (pode-se chacoalhar ao som de U2 para em seguida engatar um Exodus sem problemas), são cordiais e cumprimentam-se com beijos no rosto. Um retrato bem diferente daquele pintado em filmes como *Expresso Da Meia-Noite* ou daquele terrorista fanático das fitas de Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger.

Axl Rose, quem diria...

O nome dele é aquele palavrão complicado, que dá câibra na língua. "Me chama de Nick que tá limpo", amacia. Mas para os frequentadores da região de Taksim, o rapaz de tatuagem, cabelos oxigenados, camiseta do Poison e sotaque de caipira de Indiana, EUA, tem outro apelido. "Aqui todos me chamam de Axl Rose."

Nick – perdão, Axl – não tem emprego fixo. Trabalha de roadie para bandas gringas – "já carreguei equipamento do Metallica, dos Scorpions" – e vive de cantar nos clubes da cidade. "Eu sou adorado pelo público daqui. Quando o público fica entediado, me pedem para subir no palco. E eu arraso!"

Este Axl do kebap também já sofreu nas mãos de intolerantes. "Fui muito surrado quando era punk, tinha cabelo moicano e alfinete enfiado no nariz", lamenta. E hoje a situação não está muito diferente. "Esses torcedores de futebol são uns animais. Os caras saem da partida do Fenerbahçe caçando cabeludos para dar porrada!"

Por enquanto, Axl não pretende gravar disco. Prefere remar em Taksim, onde é tratado como rei. E faz o convite. "Vou cantar hoje à noite no Kemanci, tá a fim de ver? Sempre rola uma cerveja, um Jack Daniels e umas garotas para animar a noite!" Ficou para a próxima.

Oriente-se em Istambul

ENCARAR UM KEBAP é o famoso churrasquinho grego, mas preparado com carne de primeira qualidade. O cliente escolhe entre frango, cordeiro e vaca. Com uma Coca gelada, dá vontade de agradecer a Alá. O melhor da cidade é o do Çardak, no Grand Bazaar.

VISITAR O TOPKAPI PALACE fica no Sultan Ahmet. Moradia dos sultões mais poderosos de Istambul, é cercado de jardins belíssimos e guarda tronos de ouro e adagas de diferentes tipos e tamanhos – uma delas é decorada com esmeraldas. É sua chance de entender o significado da frase "viver como um sultão". O harém – que tem de ser pago à parte – também vale uma conferida.

PASSEAR NA UNIVERSIDADE DE ISTAMBUL o ponto de encontro da mulherada. O prédio onde funcionou o antigo Ministério da Guerra Otomano virou templo de saber e de paquera. A quem possa interessar, uma dica do funcionário do hotel: "Não dê muito mole para elas, as meninas daqui pensam que são a Cindy Crawford".

PECHINCHAR NO GRAND BAZAAR o local é uma espécie de shopping da era otomana. São mais de 6 mil lojas que vendem de narguilés (usado para se fumar tabaco ou outras coisinhas, com preços a partir de 15 dólares) a pulseiras e colares de ouro. Mas o que vale é debater com o vendedor sobre o preço da mercadoria.

À vontade com a brotolândia

E uma pena, porque você vai falar mal deste novo album de Madonna pelos motivos errados. E, se gostar de alguma coisa, até se achar o disco bom, provavelmente também será pelos motivos errados. De qualquer jeito, a cantora será injustiçada.

Primeiro, os defeitos: você deve achar que o disco é ruim porque, a essa altura, Madonna chegou na fase de produzir álbuns fracos. Virou mãe, deixou de chocar todo o mundo, então, é legal falar mal dela. O mundo praticamente espera isto: que ela se dê muito mal com esse trabalho – e, confesse, você está nessa torcida.

Ray Of Light tem outro tipo de defeito, não quer ser ambicioso. Sem entrar nessas bobagens de que é um disco "experimental" (musicalmente, *Like A Virgin* era até mais provocante), a ousadia de Madonna nas novas músicas é ser egoísta. Como se sussurrasse em cada faixa: "Achou que essa última não era o que você esperava de Madonna? Então, ouça isso!"

A mensagem é clara: "Gravei porque gostei, se você não curtiu...". Bom, ela não está mais falando tantos palavrões, mas você captou.

Agora, os motivos pelos quais você vai gostar do disco: coros irresistíveis ("Candy Perfume Girl", "Nothing Really Matters"); indução ao transe ("Skin", "Frozen"); baladas perfeitas ("The Power Of Goodbye", "Substitute For Love"); pop inconsequente ("Swim"). Mas o verdadeiro prazer de *Ray Of Light*, o álbum, é o cuidado artesanal de cada canção. E a produção esperta de William Orbit atualiza seu som para os tempos de Beck, sem os resultados desastrosos de experiências recentes como as de David Bowie ou as dos Rolling Stones.

Madonna não dá a impressão de que é uma amiga dos pais da casa dançando na festa da brotolândia. Tudo ali está no lugar certo. A batida de "Nothing Really Matters", os sons estranhos de "Shanti/Ashanti" (sim, sânscrito), a voz da cantora em "Frozen", o detalhe oriental de "Skin", o toque disco-retrô de "Ray Of Light", a eficiência de "Sky Fits Heaven" nas pistas – tudo é muito bom. Claro que, num trabalho calculado assim, o risco é perder a naturalidade. Porem, como já foi dito aqui, Madonna não está ligando muito para isso. E nem deveria. Se você gostar dela ou não, pelas razões certas ou erradas, tanto faz. Lá do alto, bem lá de cima, com a pequena Lourdes no colo, ela ri dos modernos cá embaixo.

(Fora o que ela está bonita!) *Zeca Camargo*

MADONNA
Ray Of Light

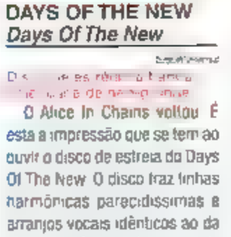
DAYS OF THE NEW
Days Of The New

O Alice In Chains voltou. É esta a impressão que se tem ao ouvir o disco de estreia do Days Of The New. O disco traz linhas harmônicas parecidíssimas e arranjos vocais idênticos ao da banda de Seattle. Isso puxado pela voz de Travis Meeks, um sujeito que canta com o timbre de Layne Staley e com o sofrimento de Eddie Vedder.

A diferença é que o garoto não se faz de atormentado: é atormentado. Com apenas 19 anos, ele passou boa parte da sua adolescência em clínicas de tratamento psiquiátrico. E, sim, isso parece influenciar a sua obra. Quase todas as músicas do disco são envolvidas por um tremendo sentimento depre e a única canção mais animadinha só surge na quinta faixa do CD.

O resto do álbum é inteiro de baladas, com grande destaque para o guitarrista Todd Whitener. O cara tem estilo dedilhados (na verdade, alguns deles feitos com a palheta, o que é muito mais difícil) precisos e alma pegada.

Para a rapaziada que usa camisa de flanela, é uma ótima pedida. *Robert Halfoun*



ERIC CLAPTON
Pilgrim

Tem vaga para Deus no reino das guitarras. Eric Clapton, a divindade das seis cordas dos grafitados muros da *swinging London*, abandonou o posto para gravar *Pilgrim*. E deixou-o definitivamente vago com os resultados obtidos. As mãos de Eric Clapton já produziram alguns dos riffs mais referenciais da história do rock. Agora tratam de carregar prêmios Grammy decorrentes de babas de concurso como "Change The World" – uma parceria com o enjoado produtor Babyface.

Em *Pilgrim*, Clapton emite sons comedidos de guitarra com pouca vibração e engarrafados entre programações pasteurizadas de bateria eletrônica, camadas poderosas de teclados e backing vocals perfeitos para programas radiofônicos noturnos do estilo meia-cuecas.

Primeiro trabalho com canções inéditas do guitarrista inglês desde 1989 (*From The Cradle*, de 1995, era uma coletânea de blues antigos), *Pilgrim* é uma sucessão patética de baladões, rocks para tocar em comerciais de cigarro ("She's Gone") e releituras caretas ("Born In Time", de Bob Dylan). Decadência com a elegância de um Armani. *Marcelo Ferla*

IRON MAIDEN
Virtual 11

Sexto disco do grupo [illegible] com Bruce Bayley, segundo a banda de heavy.

Este é o segundo álbum do Iron Maiden com o vocalista Blaze Bayley. Os fãs dos tempos de Bruce Dickinson vão reclamar tanto quanto no lançamento de *The X Factor* (1995), a estréia de Bayley no grupo. Nada, porém, que chegue perto das queixas que o próprio Dickinson teve de ouvir quando substituiu Paul Di Anno, em 1981.

Dessa vez, não é o vocalista que compromete a performance ordinária do Iron Maiden em *Virtual 11*. O problema é tentar ser fiel a um gênero – o heavy metal – que se encontra num estágio de decomposição ainda mais avançado que Eddie. Claro que ninguém tinha esperança de que eles gravassem um disco tão bem-sucedido quanto *The Number Of The Beast*. Mas também não precisava ser tão decepcionante assim.

Faixas longas e repetitivas demais, como "The Angel And The Gambler", "The Clansman" e "Lightning Strikes Twice" não fazem jus à barulheira melódica que fez o Iron famoso. "Don't Look To The Eyes Of The Stranger", "Futureal" e "The Educated Fool" são toleráveis. O resto é ofensivo, chega a ser inafiançável para uma banda que já foi pesada. Bem, pelo menos, eles não absorveram nenhuma influência techno. *Fernando Luna*

VÁRIOS
Casa Da Mae Joana

Coletânea, com as últimas [illegible] da Mãe Joana, a [illegible] casa de samba do Rio.

Nenhum motorista de táxi se espanta mais quando lhe dão o destino: "Toque para Casa da Mãe Joanna". Do velho sobrado com ares imperiais, na rua São Cristóvão 73, Rio, jorra samba. O CD que traz os principais sambistas que lá se apresentam não nega as tradições do lugar.

No comando, Monarco, a melhor voz do gênero. Duas cantoras da nova geração: Helô e Donna, que pela amostra, já fazem por merecer um disco solo. A oportunidade rara de escutar a bela voz de Guilherme de Brito interpretando seus versos: "Eu não sei bem por que/ Mas foi melhor assim/ Eu saí de você/ Ou foi você quem saiu de mim".

Ainda se ouve a magnífica prosódia musical de Argemiro (repare como ele pronuncia a palavra mente). Como se tudo isso fosse pouco, Nelson Sargento mostra mais uma obra-prima, na qual explica por que a Mangueira é a cara do Brasil. *Álvaro Da Costa E Silva*

Baticum pretensioso

Este é o segundo álbum de Goldie, o *big boss* do drum & bass. A enorme expectativa fomentada pela imprensa britânica pôs o álbum num pedestal intangível antes mesmo de ser lançado. Pena que *Saturnz Returnz* seja ambicioso, desigual, longo e não-comercial.

O CD tem mais de 2 horas e meia de música, divididas entre 12 faixas. A maior dela se chama "Mother", de 1 hora, que é mais peça sinfônica do que canção. Uma orquestra repete *loops* soturnos, em meio a efeitos e vocais gritando "mamãe" em inglês, seguindo a dinâmica minimalista de compositores contemporâneos como Penderecki ou Gavin Bryars. Tudo soa chato e pretensioso, até o momento em que entra um eloquente *free style* de batidas drum & bass, precisamente aos 25 minutos da música.

As faixas feitas com os colaboradores ilustres David Bowie, KRS One e Noel Gallagher soam como jam sessions pouco inspiradas, com guitarras e vocais maquiados por ecos, distorção e efeitos de som. E qual seria o sentido da faixa "Chico-Death Of A Rockstar", em que Goldie cozinha um sopão intragável de batidas e guitarras distorcidas, aparentemente sampleadas da versão de "Maracatu Atômico", feita por Chico Science?

Saturnz Return é um album inchado, do tipo que se faz cheirando quilos de cocaína e se achando Deus. Por outro lado, há faixas impressionantes que confirmam que Goldie, apesar de tudo, ainda merece crédito: a popíssima "Crystalclear" e "Dragonfly", um funk quebradaço, com percussão estupenda do brasileiro Luís Jardim, que canta, em português, versos como "voa, libelula, vá buscar o pirilampo". *Thomas Pappon*

GOLDIE
Saturnz Returnz

Viva a canção!

Ao fundar em 1987 a Bridge School, em São Francisco, Neil Young transformou a dor de ter um filho deficiente mental em ato nobre. Outro gesto elevado do *highlander* canadense foi lançar este *The Bridge School Concerts*, cujas gravações, sem samplers, nem loops nem jams extensas, fazem a celebração da canção. Canção que ainda é a base da música popular em todo o mundo e que, para o bem da humanidade, deve continuar sendo.

A emoção começa quando o anfitrião toca a linda "I Am A Child". Bowie em "Heroes" ao violão, com Gail Ann Dorsey no contracanto, também é de arrepiar. E ha ainda Patti Smith interpretando sua melhor canção pós-anos 70 ("People Have The Power"), o Pearl Jam mostrando o que sabe em "Nothingman", Elvis Costello... e duas supersurpresas: Lovemongers, o duo das maletas irmãs Wilson (ex-Heart) cantando "The Battle Of Evermore" de um jeito que Robert Plant não segura mais hoje em dia; e o Ministry unplugged respeitando uma incrível "Friend Of The Devil" do Grateful Dead. **Pedro So**

NEIL YOUNG & FRIENDS
The Bridge School Concerts

ADAM F.
Colours

Depois de vê-lo com sua trupe dançando num show de raio laser em pleno Free Jazz não fica difícil acreditar que Adam F. foi backing vocal de Barry Manilow e tecladista da banda de rock progressivo Moody Blues. Caça-níquel da modernidade sonora, ele mistura acid jazz, drum'n'bass, hip-hop e techno estilo FM em *Colours*.

A pajelança, porém, não garante a esse músico inglês o primeiro escalão da nova geração do jungle londrino. Adam deixa a desejar em originalidade. Investindo em teclados com timbres de gostos mais do que duvidosos. Das 11 faixas salvam-se apenas "Circles" com seus 11 hipnóticos minutos de duração. E quem viu o mermo ao vivo sabe: os melhores momentos de Adam F. ficam por conta do show de raio laser *mucho loco* que o acompanha em sua apresentação.

Claudia Gregori

CÁSSIA ELLER
Veneno Vivo

O show de Cássia Eller cantando basicamente Cazuza, *Veneno Antimonotonia*

Cassia Eller tem muita personalidade. Por exemplo, ela não esconde de ninguém que prefere seus trabalhos ao vivo aos de estúdio. Assim, depois de homenagear o compositor Cazuza no celebrado *Veneno Antimonotonia*, ela correu para o palco e transformou o show em disco ao vivo.

Para quem gosta da mistura de MPB, blues e rock brasileiro, *Veneno Vivo* tem a medida certa, com um repertório bem escolhido. O destaque do álbum é a seqüência inicial, com "Brasil" (Cazuza/George Israel/Nilo Romero), "Amor Destrambelhado" (Márcio Mello/Lan Lan) e "Obrigado" (Cazuza/Ze Luis). Cassia também regravou "Nós", de Tão Carvalho, que estava em seu primeiro disco ao vivo. E se auto-homenageou em Eu Quero Ser Cassia Eller, do poeta Pericles Cavalcanti.

Pedro Falcão

KEMURI
Little Playmate

Disco da estréia da banda japonesa que faz ska com influências hardcore

É impressionante o poder de absorção cultural por parte do povo da terra de Godzilla. Nem bem o ska se tornou a palavra de ordem entre as novas bandas americanas, representantes do estilo começaram a pipocar no Japão. Dessa turma, a banda que mais se destacou foi o Kemuri (fumaça em japonês, entendeu?). Boa parte da popularidade deve-se à iniciativa de seu vocalista Fumio Ito que embarcou para os EUA com um pacote de demos debaixo do braço, ignorando as poderosas grandes gravadoras baseadas em Tóquio. O motivo da esnobada das majors é manjado: o Kemuri vai na contracorrente dos tradicionais roqueiros de lá, canta em inglês e isso não agrada muito à japonesada. Qualquer semelhança com um país na América do Sul não é mera coincidência.

As influências de ska e reggae de Fumio e punk e hardcore do baixista Tsuda são os responsáveis pelo som pesado e ao mesmo tempo alegre e positivo dos japas fumacentos. Se estivéssemos fazendo equações, seria algo como Shonen Knife de cuecas + Bob Marley com shoyu x Bad Religion anos 80 = Kemuri. Toda essa matemática também pode ser resumida na filosofia da banda, a PMA (Positive Mental Attitude ou Atitude Mental Positiva), expressa em "New Generation", a faixa de abertura do CD. O resultado é garantido, no?

Renato Yada

É um CD para agradar a deuses e troianos, pois viaja do techno europeu ("For Paula" do DJ Mau Mau) e do industrial ("Make Yourself", de Loop B, outro veterano das noites paulistanas) até o big beat. Nitrogene, de Alpha 5) e o jungle ("Na fumaça Do Gongo", do Friendtronik). Como convidado especial o DJ brasileiro radicado nos EUA, Carlos "Soul" Singer (que esteve recentemente no Brasil e deu uma palhinha na festa "Febre" no Rio de Janeiro), dá uma mostra de seu drum'n'bass com influências tropicais.

Luciano Vianna

VÁRIOS
Eletronic Brasil

Coletânea de dance music brasileira organizada pelo pessoal do Mundo Mix

Produzido pelo Mundo Mix Music (do mesmo pessoal que organiza as famosas festas de moda), *Eletronic Brasil* se propõe ser uma radiografia da música eletrônica feita no Brasil. E mostra que, em muitos casos, os projetos brasileiros não deixam nada a dever ao que é feito lá fora.

Sergio Martins

SLY & ROBBIE
Friends

Como um Coutinho das quatro cordas, Robbie Shakespeare manda grooves açucarados sob medida para as caceteadas do Pelé das baquetas, Sly Dunbar. Este, por sua vez, agradece o presente e solta de trivela os ritmos mais originais da história do reggae. Essa rotina vem sendo mantida há mais de 20 anos, seja em discos de Peter Tosh, Black Uhuru ou mesmo nos projetos dub de Sly & Robbie, dois mestres do reggae.

Friends, o novo lançamento da dupla, tem diversos convidados especiais, mas a essência continua a mesma: ritmos de frequências abissais, que parecem saídas das entranhas da Jamaica. O resto que vem é lucro, seja a guitarra porca de Keith Richards em "Satisfaction", primeira canção que Robbie aprendeu no baixo), os vocais embebidos de soul de Mick Huckmall ("Night Nurse", clássico do mestre Gregory Isaacs) ou os vocais descompromissados de Ali Campbell (UB40) e Max Priest (na bela "Friends").

Sergio Martins

Para chamar gnomos

O amor faz mesmo coisas que a razão desconhece. E este novo disco de Ritchie Blackmore é um exemplo disso. Caso contrário, qual seria o motivo para que um dos maiores guitarristas da história do rock lançasse um álbum acústico esquisito, em duo com uma cantora desconhecida?

Shadow Of The Moon, na verdade, não passa de um mimo que o Ritchie apaixonado resolveu fazer à sua noiva Candice Night. Aqui, enquanto a amada desfia a voz suave, ele aproveita para liberar toda sua verve erudita num CD que, embora revele a veia Blackmore, está mais para uma espécie de Enya da floresta. Algo entre o estilo da irlandesa e as viagens do Jethro Tull. Aliás, falando no duende, Ian Anderson, líder do JT, participa do disco tocando flauta em duas faixas. Há ainda trompetes e outros sopros e um time de cordas com cellos, violas e violinos. Tudo isso seguindo as melodias barrocas do violão de 12 cordas de Blackmore. O resultado? Você põe o disco e tem a impressão que gnomos começarão a surgir saltitantes do seu jardim. Nada comparado ao trabalho genial que Ritchie desenvolveu no Deep Purple e em toda a sua carreira. Mas, cá pra nós, com uma loura dessas, deslizes como esse são facilmente perdoáveis, não?

Robert Halfoun

BLACKMORE'S NIGHT
Shadow Of The Moon

Perto demais das capitais

Para melhor compreender o som do Comunidade, vamos tentar, em poucas linhas, descrever o rock gaúcho das últimas duas décadas.

1 - Toda banda gaúcha tem por obrigação um nome esdrúxulo, tipo Colarinhos Caóticos, Graforreia Xilarmônica e o submamonas Maria Do Relento.

2 - Os músicos não se prendem a apenas um grupo. Numa mesma noite, em meio a cervejas em botecos, a mesma pessoa forma até cinco bandas.

3 - As bandas costumam não ensaiar nem compor previamente. Tudo acontece em cima do palco.

4 - O excesso de referências gauchescas nas letras tornam inviáveis a compreensão para quem não mora em Porto Alegre ou torce pelo Grêmio.

Se você é gaúcho e tem uma banda que não se classifica nos padrões acima, não está divulgando seu trabalho devidamente.

O Comunidade Nin-Jitsu foge de pelo menos três desses tópicos relacionados e soube divulgar muito bem esse trabalho, que com certeza está anos-luz acima da média. As composições de *Broncos Legais* são bem idealizadas e nota-se uma atenção toda especial aos pequenos detalhes de cada música. Vinhetas supersacadas, riffs emprestados de clássicos identificáveis e covers descaradas passeiam por todo o disco. O tema de Beavis & Butt-Head floreia o hit "Detetive", Eric Clapton empresta a tablatura de "Sunshine Of Your Love" para a ótima "Merda De Bar", a versão *criolla* de "Boys Don't Cry" (batizada como "Boisdoncrai") é cortesia do Cure, o karaokê de "Der Kommissar" do finado alemão Falco virou "Meió Do Trago" e o reggae-de-um-tema-só aparece em "Just", que foi "bolada" em cima de "Kaya" de Bob Marley. A referência direta aos bailes funks do Rio é uma constante, chegando ao ponto de não se saber mais se é homenagem ou puro deboche. Cabe a você desvendar esse enigma ouvindo "Meló do Analfabeto", "Rap Dos 9 Meses" e "Patricinha De Prosa", músicas que renderam ao CNJ o título de "A Mais Carioca Das Bandas Gaúchas".

Os bailes funk bem que poderiam tocar "Quero Te Levar", com refrão num clima de Tim Maia ressuscitado, e "Sweet Charme", em que acontece um inesperado crossover de Axl Rose com Boyz II Men. Os pontos altos de *Broncos Legais* são os remixes. A versão *poperô* de "Detetive" em espanhol e a derradeira "Montagem Do Mano" enchem os olhos de quem já havia perdido as esperanças no rock gaúcho e achava que Engenheiros Do Hawaii e Nenhum De Nós seriam o primeiro e último grito (?) dos pampas, já que não podíamos contar com a estabilidade do DeFalla.

Renato Yada

COMUNIDADE NIN-JITSU
Broncos Legais

VITOR RAMIL
Ramilonga

O irmão mais novo da dupla [illegible] tradições gaúchas [illegible] CD

Vitor Ramil fez o disco mais regional e, ao mesmo tempo, mais universal de sua carreira. *Ramilonga* é uma versão aperfeiçoada de seus discos anteriores e também um registro sonoro de grande importância da moderna música gaúcha.

Vitor retoma suas origens musicais formadas nas Californias — tradicionais festas nativistas realizadas no Rio Grande do Sul. Ele se apropria de vocábulos (bagualê, china, gaudério, pago, querência), ritmos (a milonga, principalmente) e temas (a herança Guarani, a valentia, as planícies) tão caros à cultura gaúcha e devolve numa amadurecida forma poética e melódica poucas vezes vista na música nativista do Sul.

A qualidade cresce também pelas ousadias instrumentais — com tablas e cítaras —, pelos neologismos (Satolep, para se referir à cidade natal, Pelotas) e por fazer na faixa-título um mapa de Porto Alegre que há muito a capital merecia.

Marcio Pinheiro

VÁRIOS
What's Up Matador

CD duplo [illegible] clássicos e faixas inéditas [illegible] independente dos EUA

O que dizer da coletânea de uma gravadora que lançou nos EUA nomes como Teenage Fanclub, Bettie Serveert, Pizzicato Five, The Fall, Pavement e Jon Spencer Blues Explosion, entre outros? E se essa mesma seleção viesse acompanhada de um disco somente com faixas inéditas ou não-lançadas comercialmente? Pois essa maravilha existe e se chama *What's Up Matador?*

No primeiro disco estão as faixas favoritas do pessoal da Matador. Clássicos alternativos como "Tomboy", do Bettie Serveert, "Motor Away", do Guided By Voices, "Twiggy Twiggy", do Pizzicato Five e "Catholic Education", do Teenage Fanclub dão a tônica do CD.

Mas é no segundo álbum que a coisa esquenta, com versões raras imperdíveis, como a cover de "Killing Moon", do Echo & The Bunnymen (e uma das melhores canções compostas pelo quarteto de Liverpool) feita pelo pessoal do Pavement, a demo de "Don't Say A Word", do Yo La Tengo, "Dig My Shit", do Jon Spencer Blues Explosion, e "Stuck On An Island", de Liz Phair.

Com 44 músicas, o CD duplo tem a melhor relação custo (grana)/benefício (alegria para ouvidos e corações) já vista a muito tempo. Compre, roube, peça emprestado, grave, mas não deixe de ter essa verdadeira preciosidade em casa.

Luciano Vianna

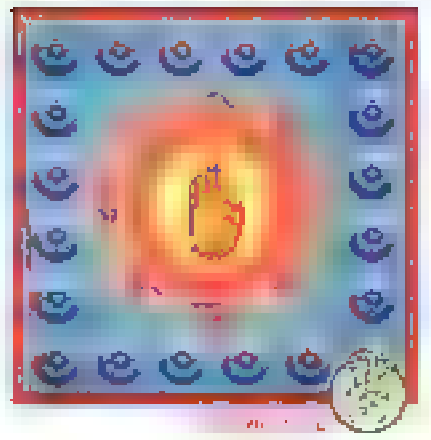
SNFU
FYULABA

Novo [illegible] hardcore [illegible]

Numa pista de skate no Canadá em 1981 nascia o SNFU, uma das mais conceituadas bandas de punk rock fora do circuito californiano. Em 17 anos de carreira e 7 álbuns lançados, *Fyulaba* é o terceiro pela Epitaph e mantém o bom humor nas letras que mais parece uma colagem de manchetes de tablóides.

Músicas rápidas sacaneiam a doença da vaca louca em "Don't Have A Cow" e relatam uma extração peniana em "Bobbit" (homenagem tardia ao machão John Bobbit, que foi castrado pela ex-mulher). São assuntos datados, mas tudo se resolve quando decidem pegar no pé do cara do Pearl Jam em "Better Than Eddie Vedder" e homenagear um simpático super-herói e dono do talk-show mais legal do mundo em "Spaceghost The Twins And Blip".

R.Y.



NUSRAT FATEH ALI KHAN & MICHAEL BROOK
Star Rise

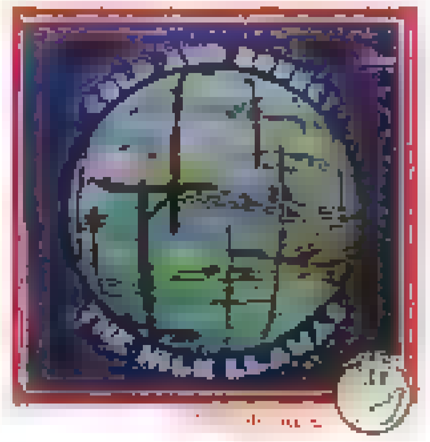
O [illegible] recentemente [illegible]

A onda de remixes não perdoou nem o magnífico cantor paquistanês Nusrat Fateh Ali Khan. Ainda bem. *Star Rise* é um disco genial, ainda que irregular. Coerente porque reúne apenas DJs de origem asiática. Genial porque captura pra dentro do universo eletrônico a força expressiva da voz de Ali Khan. Irregular porque essas coisas são, às vezes, meio chatas.

Mas é impossível não se render, por exemplo, às leituras de Talvin Singh e do Asian Dub Foundation, dois dos maiores expoentes da música asiática moderna. Ou à balbúrdia tribal comandada pela Dhol Foundation & Fundamental. Enfim, trata-se de um disco para quem está cheio de ouvir as mesmas coisas.

Infelizmente, Nusrat Fateh Ali Khan, adorado pela comunidade artística, de Eddie Vedder (com quem gravou um dueto na trilha de *Dead Man Walking*) a Peter Gabriel, não teve tempo de saborear a homenagem. Morreu no ano passado, por causa de uma pneumonia.

Daniel Benevides



THE HIGH LLAMAS
Cold And Bouncy

Novo lançamento da banda inglesa [illegible] Beach Boys, Burt Bacharach e MPB

Sean O'Hagan, líder, cantor e compositor dos High Llamas (em português, "Lhamas Ligadonas") teve uma banda de guitar pop nos anos 80 chamada Microdisney — cujo álbum foi lançado no Brasil pela gravadora Stiletto. O'Hagan também escreve arranjo de orquestra para várias bandas inglesas (Stereolab, Terry Hall), sempre influenciado por gênios como Burt Bacharach e Enio Morricone (o pai do western spaghetti, autor de trilhas de filmes como *Os Intocáveis* e *Era Uma Vez Na América*).

Ele também é um especialista em Beach Boys e Brian Wilson (aliás, por pouco não chegou a gravar um disco com seu ídolo-mor, que está se recuperando de um forte tratamento psiquiátrico) e tem trabalhado com o grupo eletrônico alemão Mouse On Mars (chamado pela crítica especializada de o "novo Kraftwerk"). Mais: é um dos maiores fanáticos em música brasileira do pop britânico (às vezes, escreve sobre o assunto nas principais revistas de música da Inglaterra), apaixonado pelas canções de Marcos Valle, João Donato, Tamba Trio e Milton Nascimento.

Todas essas informações servem para dar uma idéia da música em *Could And Bouncy*, terceiro álbum do grupo e candidato a melhor disco do ano. São 16 canções, entre baladas bacharianas (de Burt Bacharach) e vinhetas eletrônicas, em que a instrumentação composta por vibrafone e banjos, coros à lá Beach Boys, abrasivos ruídos sintéticos, arranjos de corda melífluos e uma certa dureza e falta de balanço britânicas convivem em paz & amor, harmonia e esquisitice. Em resumo, este *High And Bouncy* é um CD maravilhosamente inquietante.

Thomas Pappon

CD's POR ENCOMENDA
STUDDIO MUSIC SHOPPING
CD's • LD'S • VHS e Acessórios
Qualquer título por encomenda, nacionais e importados.
Enviamos para todo o Brasil via correio e na cidade de São Paulo, conforme a região entregamos sem custo de frete.
Consulte-nos!
Tel/Fax: (011) 6128-0041
E-mail: luizmor@mandic.com.br.
Visite Nossa Pagina
pessoal.mandic.com.br/luizmor/studdio.htm

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS
ACEITAMOS CARTÃO
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD'S
Tel/Fax:
(011) 223-5300

Ry Cooder, mestre em temas obscuros, fez a música incidental de *The End Of Violence*

Violência ao alcance de todos

A trilha sonora de *The End Of Violence*, o mais novo filme do diretor alemão Wim Wenders, é dividida em dois CDs que são vendidos separadamente. Um traz canções de vários artistas e o outro tem a trilha propriamente dita, composta pelo mestre em climas etéreos Ry Cooder. Em ambos, o ecletismo é flagrante: há blues, música eletrônica, salsa, folk etc. O resultado, com algumas exceções, é bem criativo.

No CD de canções, os destaques são a bela balada do desconhecido Spain, as colagens eletrônicas do DJ Shadow e de Howie B e a dupla formada por dois dos maiores compositores do folk-rock e country-rock contemporâneo: Michael Stipe e Vic Chestnutt. O lado chato ficou por conta dos inevitáveis U2 e Tom Waits. Nada é perfeito.

Já o CD com a música incidental (só instrumental) de Ry Cooder varia do curioso ao quase sublime, com um ou outro momento entediante. Com as participações especialíssimas do DJ e produtor Howie B e do trompetista John Hassell, a trilha surpreende pela ousadia nas misturas, pela pesquisa de timbres e ritmos e pela carga dramática. Pena que não traga nenhum tema marcante como o de *Paris, Texas*, da mesma dupla Wenders-Cooder. Mas tá valendo.

Daniel Benevides

RY COODER & FRIENDS
The End Of Violence

LUCIANA PESTANO
Luciana Pestano

Estréia em disco da cantora

Luciana Pestano faz parte de uma estratégia de dar um destaque nacional ao pop gaúcho. Cantora e compositora, ela escancara uma voz rouca que remete a Angela Ro Ro dos primeiros discos. Seria uma boa ajuda se alterasse também a fixação meteorológica da moça (três músicas falam em calor e/ou frio) e na insistência em batizar canções com a mesma palavra, que tanto pode significar excremento como a saudação de boa sorte no meio teatral. **Marcio Pinheiro**

KENNY WAYNE
Shepherd Band
Trouble Is...

Segundo álbum do jovem

O primeiro álbum deste grande talento da guitarra, *Ledbetter Heights*, é um disco de blues clássico, recheado de canções de primeira linha. Em *Trouble Is...* ele trouxe peso ao tradicional do gênero, pontuando o CD com o verdadeiro rock'n'roll.

Slow Ride, do próprio, com Danny Tate e Mark Selby, e "I Don't Live Today", do mestre Hendrix, fazem parte da linha de frente. Um ataque do nível de Rona d'olho e Romário (com ambos em forma). Na retaguarda, o blues verdadeiro, inspirado em Stevie Ray Vaughan, Robert Cray e nos grandes mestres. E ainda "Everything Is Broken", de Bob Dylan.

Pedro Falcão

PRIMAL SCREAM
Echo Dek

Vanishing Point, o álbum anterior, iniciava um namoro limitado do Primal Scream com o dub, tanto nos climas do baixista Mani como na escaleta mágica do jamaicano Augustus Pablo. Pois bem, como em todo namorico de portão, chegou a hora de avançar o sinal.

Concebido com o produtor inglês Adrian Sherwood, *Echo Dek* aumenta ao máximo o nível de THC das canções de *Vanishing Point*, com baixões estalando no ouvido e vozes que parecem flutuar no espaço. Como bônus, mais uma participação brilhante de Pablo – "Wise Blood" – e a colaboração espírita do DJ rasta Prince Far I, morto a tiros em 1998. **Sergio Martins**

JUDAS PRIEST
Jugulator

O grupo ganha vocalista novo, "Ripper" Owens, [illegible]

O tão aguardado novo trabalho do Judas Priest não é o máximo, mas está longe de ser ruim. Difícil é reconhecer nesta banda as qualidades que tornaram o Judas adorado pelos adolescentes. *Jugulator* soa exatamente como um disco de metal tradicional deve soar nos dias de hoje. Seu problema é ser excessivamente comum.

O grupo utiliza a estréia do vocalista "Ripper" Owens como divisor de águas musical. Ele até bate sua bola com personalidade, mas é arroz-com-feijão demais para garantir o padrão Priest de qualidade. OK. Glenn Tipton e K.K. Downing ainda formam um duo de guitarras infernais (as famosas "gêmeas"), e Scott Travis (bateria) e Ian Hill (baixo) apavoram na sessão rítmica. Só que, à exceção de "Abductors" e "Cathedra: Spires", é muita tachinha e couro para pouco Priest. Se é certo de headbangers ultramentados vão fazer a festa, triste mesmo é concluir que, após uma folha corrida de primeiríssima, o grupo caminha para ser verbete de enciclopédia.

Carlos Eduardo Oliveira

O dinheiro traz felicidade

Keith Richards abençoa esses anjinhos jamaicanos

Keith Richards não pode reclamar de falta de dinheiro. A turnê de *Bridges To Babylon* foi uma das que mais faturou em 1997 e os Rolling Stones venderam pela bagatela de 3 milhões de dólares os direitos de execução de "Brown Sugar" para a Pepsi.

Mas, enquanto seus companheiros de palco investem em ações (Ron Wood), filmes (Mick Jagger) e cavalos (Charlie Watts), Richards prefere gastar preciosos trocos com os jamaicanos dos Wingless Angels. O grupo natural de Ocho Rios é formado por gente de ponta da canção caribenha (o vocalista Justin Hinds foi astro do ska nos anos 60, o percussionista Blackskull tocou com Bad Brains e Talking Heads) e só agora chega ao primeiro CD.

As músicas de *Wingless Angels* remetem aos primórdios da filosofia rastafári, muito antes de Bob Marley adicionar um baixão e bateria aos seus discursos. São missas e discursos acompanhados por tambores nyabinghi e a eterna devoção a Hailé Selassie. Richards produz e atua como um "irmão albino" da trupe, colocando uma ou outra guitarra durante as canções. Pena que tenha sido vagaroso demais para tocar o projeto: ele conheceu os "anjos sem asas" em 1973, durante as gravações de *Goat's Head Soup* e só agora investiu no talento dos jamaicanos. S.M.

WINGLESS ANGELS
Wingless Angels

VÁRIOS
GLS Classics

O que é música para gay? E para lésbicas? E simpatizantes? Pode ser desde maracatu até *acid trance*? Vai saber! Aqui no Brasil, a sigla GLS tem uma conotação que serve para tudo o que é dito moderninho.

Na verdade, este *GLS Classics* reúne alguns dos hinos que rolavam nas festinhas – mesmo porque ninguém ouvia isso em pista de dança – das barbies caricatas. Resumindo: quase o mesmo som que rola durante as aulas de aeróbica do *Domingão Do Faustão*. Tem desde verdadeiros clássicos que marcaram a época pré-techno, como "I Love The Night Life (Disco Round)", de Alicia Bridges, "Where Is My Man", de Eartha Kitt, e "In The Ghetto", remix de David Morales para a música de Crystal Waters. E os *paperó* carne-de-vaca que agradam tanto os agroboys de Barretos (serão eles simpatizantes?) quanto os garotões sarados de Ipanema: casos de "Love Commandments", de Gisele Jackson, e "I Feel So Alive", de Iguana.

Com a disseminação e quase massificação da música eletrônica de vanguarda (pelo menos nas pistas), este *GLS Classics* fica não só com sabor de velho como também de cafona demais. O pior é que os remixes chegam a durar até 7 minutos. Nem o Robin aguentaria! **Claudia Gregori**

WHISKEYTOWN
Stranger Almanac

[illegible]
alternativo americano

A revista americana *Rolling Stone* apeou de Nirvana do country alternativo. Crocos ingleses compararam a Replacements e R.E.M., embora de para entender tudo que o vocalista David Ryan Adams pronuncia. Nas palavras do próprio, porém, o Whiskeytown tenta apenas ser "The Eagles entupidos de bolinhas". Ex-skatista e fã de Husker Du, Adams encorpa a formação de seu grupo (guitarra, violão, baixo, bateria e violino) com Hammonds, wurlitzers e pungentes pedal steel. Não espere barulheira: o tom geral das canções é desiludido, como o do magistral *Being There*, do Wilco, anete desta discreta revolução caipira. Ouça a bela "Excuse Me While I Break My Own Heart Tonight" e aliste-se, *man*. **Pedro So**

Robert Carlyle rebola aos sons dançantes de *Full Monty*

Delícias do lixo reciclado

A discoteca na verdade nunca saiu de cena. Faixas como "Hot Stuff" (by Donna Summer) e "We Are Family" (das Sisters Sledge, recentemente covenzada em shows pelas Spice Girls), presentes em *Full Monty* (no Brasil, *Ou Tudo Ou Nada*), são coringas de qualquer DJ de casamento há muitos e muitos anos. O mesmo vale para "Ain't No Stoppin' Us Now" (hit de McFadden & Whitehead, tambem hit com George Michael) e "Best Of My Love" (The Emotions), incluídas em *Boogie Nights*. Mas estas duas trilhas vao alem-disco, içando da lata de lixo dos anos 70 deliciosos dejetos pop, rock e soul.

De *Full Monty*, a grande iguaria trash é "Rock'n'Roll, Part 2", de Gary Glitter, recentemente perseguido só porque gostava de ver uns garotinhos pelados na Internet. Igualmente imperdível é "Come Up And See Me, Make Me Smile", único hit decente do inglês Steve Harley (que o Duran Duran regravou em lado B nos anos 80).

O sucesso de *Boogie Nights* é tanto que nos EUA já saiu uma trilha #2, bem pior, mas incluindo a irresistível "You Sexy Thang", do grupo multiracial inglês Hot Chocolate, que também está em *The Full Monty*.

Em *Boogie Nights*, entre as consagradas "God Only Knows" (Beach Boys), "Got To Give It Up" (Marvin Gaye), "Spill The Wine" (Eric Burdon & War) e "Machine Gun" (Commodores), brilha "Livin' Thing", da outrora execrada Electric Light Orchestra de Jeff Lynne – se o cara fosse ruim, não estaria trabalhando com os Beatles hoje. Mas a pérola porca é "Jungle Fever", do grupo mexicano Chakachas, recheada de orgasmos e gemidos cucarachas: "Ay, ay, ay que fiebre, ay!"

Pedro Só

Boogie Nights 1 & 2
VÁRIOS
The Full Monty

VÁRIOS
A Life Less Ordinary

VÁRIOS
Twin Town

Trilha de dois filmes da nova geração britânica

Assim como *A Life Less Ordinary*, novo filme do escocês Danny Boyle não está no mesmo nível de *Trainspotting* (e de *Cova Rasa*), sua trilha também

perde na comparação. Infiltrando Elvis Presley ("Always On My Mind"), Bobby Darin, autor de "Splish Splash", e um *oldie* dos Squirrel Nut Zippers num escrete de modernminhos, o repertório tem seus acertos: Deadweight (Beck) e "It's War" (Cardigans) são dois deles. Mas as faixas de Prodigy, Underworld, Sneaker Pimps e Luscious Jackson rendem pouco.

Comparado com *Trainspotting* por causa do alto consumo de drogas de seus protagonistas e do humor impiedoso, *Twin Town* reúne o melhor do jovem cinema britânico: tem a porra-louquice dos personagens de Irvine Welsh (o autor de *Trainspotting*) e é tão engraçado quanto *Ou Tudo Ou Nada*. Sua trilha mistura DJ Shadow (com sample do Nirvana dos anos 60) e dois hits sixties de Petula Clark com trip hop e bons rocks dos ingleses Super Furry Animals e Manic Street Preachers.

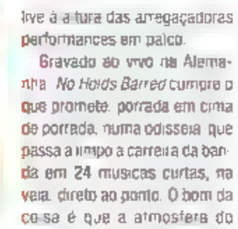
Mas vale mesmo é pelo brit pop em estado de graça do Doodgy ("Good Enough" é perfeita) e do Catatonia, nova sensação britânica com vocais docemente espevitados de Cerys Matthews.

Pedro Só

BIOHAZARD
No Holds Barred

Disco pesado com generosas doses de heavy metal

O Biohazard é um paladino do barulho, que se vale do hardcore para desancar racismo, corrupção política, poluição, mazelas terceiro-mundistas e bradar libelos pacifistas. Musicalmente só faltava mesmo um



hive à altura das arregaçadoras performances em palco.

Gravado ao vivo na Alemanha, *No Holds Barred* cumpre o que promete: porrada em cima de porrada, numa odisseia que passa a limpo a carreira da banda em 24 musicas curtas, na veia, direto ao ponto. O bom da coisa é que a atmosfera do show é radiografada crua como sashimi, sem alegorias de estúdio – o poder de fogo das guitarras de Rob Echevarria e Billy Graziadei permanece intocado.

Entre as pauladas, clássicos como "Authority", "Urban Discipline", "Tales From The Hard Side" e ainda a releitura da "After Forever", do Black Sabbath. Um trabalho brutal no melhor sentido do termo.

Carlos Eduardo Oliveira

RÁPIDO & rasteiro

Passando em revista as coletâneas que chegaram à Redação... A primeira delas é **Abril Pro Rock** (Sony Music), que traz alguns dos destaques do festival – que atualmente está em sua sexta edição. Entre boas faixas de **CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI** ("Maracatu Atômico"), **PLANET HEMP** ("Mantenha O Respeito"), **RAIMUNDOS** ("Putaria Em João Pessoa") e **SKANK** ("A Cerca") há de se lamentar apenas o fato de essas versões não serem ao vivo. Pelo menos, tem uma inédita em disco do **CASCABULHO** ("D. Clementina de Jesus No Morro Da Conceição").

Root's Reggae (Stiletto) traz uma porção de veteranos do ritmo jamaicano em gravações mais que especiais. A coletânea traz à tona o lado romântico do gênero em gravações emocionantes de **GREGORY ISAACS** ("In The Heart Of The City", "Brothers Don't Give Up"), **DENNIS BROWN** ("Lovers Paradise"), além de **JOHN HOLT**, **PARAGONS** (antiga banda de Holt e do mestre Bob Andy) e **HEPTONES**.

Skabadabadoo! (Moon Ska Brasil) apresenta os grandes destaques da Moon Records, gravadora especializada em ska. Os destaques são a presença do veterano **LAUREL AITKEN** ("Rudi Wedding") e as bandas **TOASTERS** ("I Wasn't Going To Call You Anyway") e **SLACKERS** ("Tonight"), ambas com um pique mais tradicional. Já a coletânea **Disco Club** (Stiletto) garante outro tipo de sacolejos, com a presença de convidados ilustres (**TINA CHARLES**, em "I Love To Love", a exmusa do cinema pornô americano **ANDREA TRUE CONNECTION**, em "More, More, More") um certo excesso de **K.C. & THE SUNSHINE BAND** (quatro faixas, sendo que uma delas – "Give It Up" – foi lançada muito tempo depois da febre disco). O deslize, porém, não chega a comprometer a honesta seleção.

Os charmeiros provavelmente amam **SYBIL** – que se apresentou anos atrás na quadra da Portela. Agora tem seu **Greatest Hits** (Roadrunner) lançado por aqui. Sybil canta bem e é dona de um bom gosto musical. Regrava Burt Bacharach ("Don't Make Me Over", "Walk On By") em versões dançantes e manda bem em canções românticas como "My Love Is Garanteed" e "Falling In Love".

Sérgio Martins

bolsa de discos

		Carlos Marcello	Fernando Souza Filho	Hagamenon Brito	Kid Vinil	Paulo Cavalcanti	Sérgio Martins	Silvio Essinger	Tatola	Thales de Menezes	Zeca Camargo
8.0	RONI SIZE & REPRAZENT *New Forms* *Mercury/PolyGram*	•	•	9	10	6	8	9	7	6	9
7.7	FINLEY QUAYE *Maverick A Strike* *EpicSony Music*	8	•	10	10	3	8	8	7	7	9
7.4	BOOTSY COLLINS *Fresh Outta P University* *WEA*	8	•	6	8	7	8	9	8	6	7
7.1	WU-TANG CLAN *Enter The Wu-Tang (36 Chambers)* *BC/BMG Brasil*	•	•	7	10	1	9	7	8	9	6
6.5	SUBLIME *Second Hand Smoke* *Interscope/Universal*	5	9	7	5	4	7	8	8	4	8
6.4	MOBY *I Like To Score - Music From Films Vol.I* *Elektra/WEA*	6	7	8	6	5	7	6	7	8	4
5.9	NOFX *So Long And Thanks For All The Shoes* *Epitaph/Farolux*	6	9	6	6	1	6	7	7	5	6
5.1	DURAN DURAN *Medazzaland* *Virgin Records*	6	5	5	6	5	5	6	2	6	5
4.8	GILBERTO GIL *Quanta Gente Veio Ver* *WEA*	5	3	7	8	0	4	7	•	3	7
4.2	FUNK FUCKERS *Baixo Classe A* *Plug/BMG Brasil*	•	6	3	7	2	5	5	4	0	6

POSSESSO POR SKATE

EMPURRÕEZINHOS PARA VOCÊ ARREPIAR DE CARRINHO

CAMISETA
Vai o toque: a movimentada indústria de skate-wear raramente idealiza estampas que misturam manobras com imagens ou bandas de rock. Qual é, rapaziada?

CAPACETE
Pode salvar da morte. Este da Tracker é nacional, tem espuma reforçada e camada protetora para o impacto. A "casca" é de fibra – fuja do plástico, que se detona rapidinho.
R$ 48

VÍDEO
Para entender cada manobra passo a passo.
R$ 19

JOELHEIRA
OK, o sujeito fica com uma pinta meio Michael Jackson, mas é muito útil tanto para não deixar que a palma da mão fique em carne viva como para não detonar o pulso.
R$ 22

COTOVELEIRA
Outro equipamento básico. Muita gente não usa, mas aqui ninguém vai ficar dando aulinha de skate politicamente correto.
R$ 59

SHAPE
Folhas de madeira de 2mm são fundidas, camada por camada, com resinas especiais e depois prensadas. A lixa auto-adesiva é grudada na parte de cima. O resto (os *silks*) é grafitagem...
R$ 25

EIXO
É o que dá dirigibilidade ao skate.
Pode ser regulado de acordo com seu estilo ou o tipo de manobra que você quer fazer. Importante: na hora de afixar o eixo no *shape*, escolha parafusos temperados, que não entortam nem "soltam as tiras"...
R$ 34

RODAS
Vendidas em jogo de quatro, as famosas rodas Spit Fire, feitas com poliuretano, desenvolvem mais velocidade e são mais resistentes. **R$ 39**
Para completar, prefira os rolamentos importados – há várias marcas disponíveis no Brasil.
R$ 1,50 a 2,50 (unidade)

CALÇA
Calça de skatista é sempre largona e as bermudas, abaixo do joelho. A da foto é superprática: no meio da perna, tem um zíper que a transforma em bermuda.
R$ 56

TÊNIS
Pisante que se preze tem reforço na sola, na costura e na camurça. A sola é bem mais baixa – o intuito é dar a impressão de que o tênis é uma extensão do pé. O da foto é nacional, da Alva.
R$ 45

SKATE MONTADO
Só para pregos – vulgo principiantes. A vantagem é que já vem completinho e não se tem o trabalho de escolher peça por peça. Mais tarde, aprenda a escolher os acessórios que melhor se adaptam ao seu estilo.
R$ 65

ONDE ACHAR
São Paulo
Brand-X Av. Jabaquara, 1.477 (011) 578-4239
Rio de Janeiro
No Limits Galeria River - Rua Francisco Otaviano, 67 - loja 40 (021) 287-4529
Curitiba
Maha Shopping Miller - Piso Top Miller - loja 13 (041) 224-5625
Belo Horizonte
Adrenalina Rua Anita Garibaldi, 73 - sala 13 (0462) 23-6691
Brasília
Fun House SDE, bloco E - loja 15 (061) 225-7489
Salvador
Jan Skates Rua Macapá, 401 (071) 381-7022
Recife
Luz Skateshop Galeria Olímpia
Rua do Hospício, 302 - loja 07 (081) 222-2046
São Luís
Radical Skateshop Rua Grande, 589-B
(098) 221-2004

ONDE PRATICAR
São Paulo
Porão No Book Av. Álvaro Machado Pedroso, 544, Tucuruvi
Araribá Estrada do M'Boi Mirim (ao lado da rua Vilar de Figos)
Rock Rua Galatéia, 1.000
Pista da Saúde Rua Dom Villares, altura do nº 400
São Caetano
Júnior Ski Park ASSCS Av. Fernando Simonsen, 100
São Bernardo do Campo
Pista do Paço Municipal Paço Municipal
Rio de Janeiro
Rio Sul Pista em frente ao Shopping Rio Sul
Bowl do Arpoador Praça Garota de Ipanema
Porto Alegre
Snake Parque da Marinha Parque da Marinha do Brasil
Ilha da Pintada Praça Dr. Salomão Pires Abrahão
Curitiba
Ambiental Jardim Ambiental II
Florianópolis
Varial Skate Park Rua José G. R. Lima, 198
Blumenau
Prainha Margens do Rio Itajaiaçu
Belo Horizonte
Bowl do Anchieta Praça Julian Rian
Banks Nova Floresta: Praça Nova Floresta

Agradecimentos especiais à Fabio Bolota e Revista Tribo Skate

Fotos: Thomas Kremer

Estilão

camuflagem

ESCONDA-SE NA LINHA DISCRETA E LARGADA DA GRIFE BRASILEIRA QUE DOMINA O CENÁRIO NOTURNO DE NOVA YORK

"Minha roupa é um meio de as pessoas se comunicarem e isso transcende a música", define o DJ e estilista Carlos Slinger. Paulistano, ele mora há 10 anos em Nova York, onde comanda a Liquid Sky Design (duas gravadoras e uma grife) e dá as cartas nos figurinos da cena clubber local. "A nova cultura quer quebrar valores ultrapassados do rock, figuras como a do ídolo. O DJ deve ser de preferência invisível", proclama. Camufle-se quem puder...

1 A calça modelo básico tem microbolso escondido (para malocar coisinhas...) e braguilha olho-de-gato.

2 A bermuda estampada com o avesso de um tecido camuflado também traz faixa refletora no bolso. "É pra deixar o sujeito bem visível quando ele sai à noite. Ajuda a evitar atropelamentos", explica Slinger. Ou seja: é roupa à prova da loucura de quem a pilota.

3 Nas camisetas, as estampas vão além de uma simples imagem bacana. O desenho da boneca Astro Girl empunhando a espada de Luke Skywalker, por exemplo, representa "uma guerreira que viaja pelo espaço em busca do desconhecido".

4 Clubber de verdade dança até não agüentar mais. Por isso, precisa repor o líquido que ficou na pista. A bolsa, projetada para ser um porta-discman durante o dia – com furo e tudo para passar o fio do headphone –, tem o tamanho ideal para carregar uma garrafa de água.

5 Criada há 9 anos, a calça com porta-celular na braguilha é um clássico da Liquid Sky. Ligação direta.

6 O modelo traz também um superbolso na parte de trás e um sistema que permite que a mesma vire bermudão. Conversível.

7 Inspirada no snow-board wear, a calça de moletom é extremamente grossa, feita na medida para encharcar de suar.

ONDE ACHAR

São Paulo: Mambo Bazar (Av. Paulista, 1.919) – mercado alternativo sem data definida. Fique atento a jornais, flyers ou ligue para (011) 3064-2935
Rio de Janeiro: Fone (021) 558-3972
Recife: Makossa – Av. Herculano Bandeira, 513 – Loja 10.
CEP 51110-131. Fone: (081) 465-6039
Nova York: 241, Lafayette St - Soho
New York, NY Fone: 212-343-0532
Internet: http://www.liquidskydomain.com

Produção: Lara Gerin • Fotos: Jaques Faing

Teste

O que você tem a ver com esses Smiths?

A banda mais cultuada dos anos 80 continua fazendo amigos e influenciando pessoas. Veja se seu nome está ou não na lista deles...

1 ***Em 1982, o grupo foi fundado em Manchester. Como iniciou-se a associação do cantor Steven Patrick Morrissey com o guitarrista Johnny Marr, o baterа Mike Joyce e o baixista Andy Rourke?***
a) Indicado por um amigo, Marr bateu a porta da casa de Morrissey
b) Todos foram "sobrinhos" do ator Jonathan Harris, o Dr. Smith da série *Perdidos No Espaço*
c) Marr e Morrissey se conheceram numa clube de pocha de Manchester
d) Morrissey avistou Marr em Piccadilly Circus, Londres, e muitos depois entregou-lhe a letra de "This Charming Man"
e) Indicado por um amigo, Marr bateu a porta da casa de Morrissey e entrou pelos fundos

2 ***Em 1983, os Smiths lançaram seu primeiro single, "Hand In Glove", pelo selo independente Rough Trade – que os acompanhou por toda a curta carreira – e surgiu a primeira polêmica:***
a) O clipe da música mostrava Andy Rourke se masturbando com o pênis numa luva dentro de um double-decker bus
b) O primeiro sensacionalista *The Sun* insinuou que as músicas "Handsome Devil" e "Reel Around The Fountain" incitavam a molestar crianças
c) Johnny Marr acusou Michael Jackson de entar molestá-lo no camarim da cerimônia de entrega dos Brit Awards
d) Gugu Liberato, João Kleber, Tonta e o apresentador americano Pee-Wee Herman baniram a banda por concorrência desleal na pedofilia
e) Mike Joyce foi preso com pó-de-anjo

3 ***Antes de fundar os Smiths, Morrissey encabeçava o fã-clube britânico de uma banda americana da era glitter, antecessora direta do punk. Qual?***
a) New York Dolls
b) Bay City Rollers
c) The Big Consolations
d) The Stooges
e) The Sweet

4 ***Tendo abandonado a escola aos 16 anos, Morrissey ficou muito tempo desempregado. Além de ter escrito um livro sobre a banda cujo fã-clube ele chefiava, também preparou a biografia de um ator que admirava. Quem era o ator?***
a) Ronaldo Reseda
b) Jesse Valadão
c) Rock Hudson
d) James Dean
e) Montgomery Clift

5 ***O álbum Meat Is Murder, de 1985, marcou o engajamento dos Smiths na causa vegetariana. O clipe de "Interesting Drug" mostrava:***
a) Johnny Marr doidão depois de encarar um rabanete cru
b) Morrissey acariciando dois simpáticos porquinhos
c) Focas ensanguentadas e estudantes mundos de estiletes batendo porquinhos-da-índia
d) Crianças fantasiadas de mamíferos sendo comidas por Morrissey e Joãozinho Trinta e Gugu Liberato dando uma garfada em seu próprio amarelo

6 ***The Queen Is Dead traz letras menos melancólicas e mais sarcásticas como "Bigmouth Strikes Again" e "Some Girls Are Bigger Than Others". Um famoso ator de cinema está na capa do disco. Quem é?***
a) Divine Brown
b) Rock Hudson
c) Ronald Reagan
d) David Cardoso
e) Alain Delon

7 ***Em 1986, a banda quase sofreu duas baixas. O que aconteceu?***
a) A empresária Pam Smith decepou o braço em Morrissey, que retribuiu de canivete e Johnny Marr decepou o braço da guitarra ne a
b) Johnny Marr sofreu um sério acidente de carro e o baixista Andy Rourke deixou temporariamente o grupo por problemas com drogas
c) Morrissey saiu dançando como um louco pelo palco e atropelou Marr, e os dois caíram do palco
d) James Dean sofreu um sério acidente de carro e Oscar Wilde foi preso por sodomia
e) Marr foi atropelado e Mike Joyce teve um furúnculo maligno

8 ***Em 1987, durante as gravações de Strangeways, Here We Come, último disco de estúdio dos Smiths, a parceria Morrissey/Johnny Marr começou a desandar. Qual foi a gota d'água?***
a) Morrissey roubou a roupa de baixo da namorada de Marr
b) Morrissey roubou a roupa de baixo do namorado de Marr
c) Marr aceitou um convite para gravar com o Culture Club
d) Marr, após um dia de trabalho, tomou um avião para Nova York para gravar com os Talking Heads
e) Morrissey encontrou marcas de batom na lingerie de Marr

9 ***Com o fim dos Smiths, Johnny Marr fez participações em álbuns de vários artistas. Quem foi seu colaborador mais freqüente e qual o nome do projeto em que os dois trabalharam juntos?***
a) Jose Roberto Marr, Almost Brothers
b) Neil Tennant, Fag Shop Boys
c) Peter Hook, Hydrophobic
d) Bernard Sumner, Electronic
e) Brett Michaels, Suicidas

CONFIRA O SEU LUGAR NA FAMÍLIA

Pontos

OSCAR WILDE – Sem essa de sobrenome! A família é uma instituição falida e você pode resistir a tudo, menos a tentação, não é, Salomé?

ADAM SMITH – Ah, liberal dando dinho. Você entende quase tudo de Smiths e de economia, faz o balanço, fica com o líquido e sai por aí falando da riqueza das nações.

ADRIAN SMITH – Continue pegando heavy para ficar igual ao Zé Dalessandro e o Miguel Falabella. Bonzeza de farra!

WILL SMITH – Qu'ótica da Silva, conforme o sexo e a nacionalidade, não é minha nega? Deixe de Smiths. Axé pra você.

AEROSMITH – Caminhe por aquela direção e suma. Você não é da tribo.

BRAHMA Chopp

O IRRESISTÍVEL SABOR Nº1 APRESENTA: PROJETO AGITA BRASIL.

Temos aqui tudo o que brasileiro mais gosta: futebol, música e coisas de graça.

Só mesmo a Placar e a Sony Music para fazer um golaço desses: Placar Especial Agita Brasil. Uma edição mostrando que música tem tudo a ver com futebol e futebol tem tudo a ver com música. Você compra a revista e a revista-pôster e ganha inteiramente grátis o CD "Agita Brasil": Um CD com as melhores músicas sobre futebol, em gravações inéditas de uma seleção do pop. Clássicos como "Pra Frente, Brasil", "Filho Maravilha", "Camisa 10" e uma nova versão de "É uma Partida de Futebol" interpretadas por um timaço formado por: Gabriel, o Pensador, J.Quest, Skank, Daniela Mercury, Jorge Benjor e muitos outros. Placar Especial Agita Brasil. Um documento histórico que você não pode deixar de ter.

Somente nas bancas, a partir de 19 de março.

ONZE PERGUNTAS

RICHIE SAMBORA

AOS 38 ANOS, O FIEL ESCUDEIRO DE JON TENTA UMA ESCAPADELA E LANÇA SEU SEGUNDO ÁLBUM SOLO

(*irônico*) Não creio que vai haver disco novo do grupo este ano... Jon está muito ocupado sendo um... (*faz uma careta*) ator.

Não sei se é bom ou ruim... Mas estou aproveitando para fazer algo que eu sempre quis. Tenho muita paixão pelo meu trabalho e não pretendo jogar todas as expectativas da minha vida em cima do grupo.

Muita gente me pergunta: "Por que você não canta mais no Bon Jovi?". Eu respondo: "Não sei". (*Cruza os dedos sobre a boca, irônico*) Não sou eu quem decide.

Sim, deveria começar no fim de abril. Mas estou tão empolgado fazendo showcases acústicos promocionais, que já adiamos para maio o princípio da excursão. Os sets acústicos convencem os outros de que eu sei cantar. Não me conhecem como cantor e eu surpreendo todo o mundo. Todo o mundo menos eu, afinal, fui cantor a vida toda.

Nos EUA, o Bon Jovi perdeu, por alguns motivos, parte da popularidade. E o Don Was é um produtor cheio de credibilidade... Trabalhou com Dylan, Rolling Stones, Elton John, Willie Nelson, produziu todo o mundo. Acho que não era muito fã do Bon Jovi. Ele esperava um rock star, tudo menos um cantor e compositor genuíno. Sabe, "aah, Bon Jovi, aquela banda de cabelinhos armados dos anos 80..."

Ele viu duas coisas. Primeiro, que eu sabia cantar.

Segundo, as canções eram boas.
E elas são as fundações desse business. Sem canções, não haveria rádio, não haveria MTV.

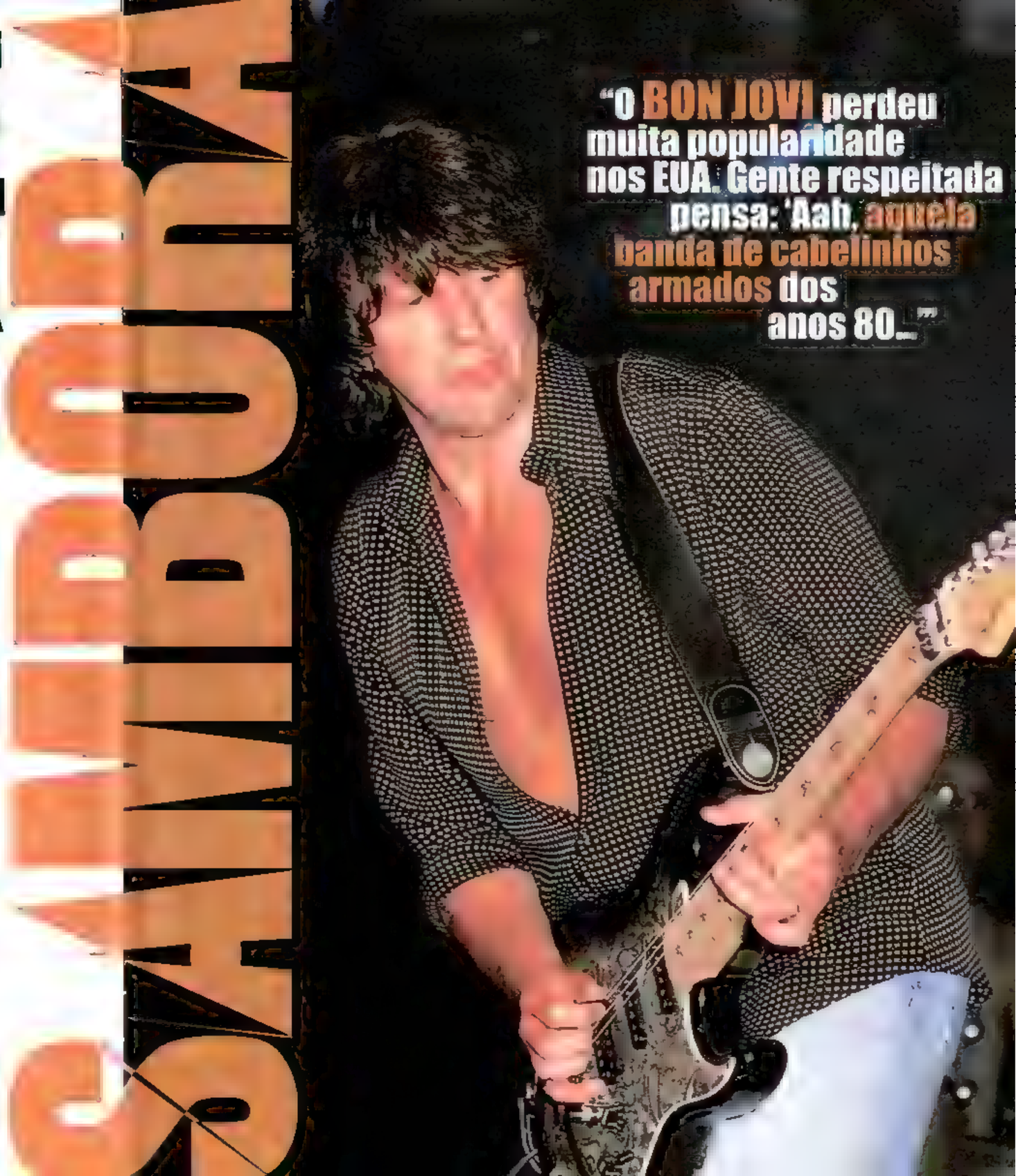
Para ela e para vários amigos. Afinal, você precisa saber se não é um grande m... Estou orgulhoso do trabalho hoje, mas a opinião de quem sabe do negócio é sempre importante.

Sim. Nos encontramos, ele mostrou algumas coisas dele e eu mostrei as minhas. Ele gostou e deu força.

Eu entendo. Se leio alguma coisa muito ofensiva vinda de uma revista de heavy metal, por exemplo, não tô nem aí. (*Imita um flato*) Não fiz o disco para crítico nenhum. Quando saiu *Slippery When Wet*, alguém escreveu que o Bon Jovi era uma cópia vagabunda do Quiet Riot. E foi o que se viu

Desde o estouro do grunge, o rock parou de criar astros, há um sentimento meio anti-heróis. E isso deu em quê? Artistas descartáveis, substituídos a cada ano.

O Bon Jovi tem um estilo bem fixo e eu estou numa transição na minha vida. É quase como um divórcio. Mas, depois de vender 75 milhões de discos, ainda estou aprendendo. E isso é muito bom, aprender é uma diversão.



TITÃS

Ginásio do Ibirapuera – São Paulo, 14/03

Nem banquinho nem gravata: mal começa o show e os Titãs agitam como se estivessem plugados. A postura rock'n'roll de Branco Mello (no detalhe) é um bom exemplo de performance acústico-radical

Recorde de público, música de Roberto Carlos e homenagem a Tim Maia no show de comemoração de um ano da turnê de *Acústico*

Ainda falta uma hora para o início do espetáculo e não cabe mais ninguém no Ibirapuera. Mais de 15 mil pessoas lotam o local para ver uma das últimas apresentações de *Acústico*, o mais bem-sucedido show da carreira dos Titãs. Tem gente até nas arquibancadas atrás do palco e, segundo a administração do ginásio, o show registra o recorde de público do local. Alheios a tudo isso, já com a cabeça voltada para o novo disco que começam a gravar este mês, os Titãs estão descontraídos no camarim. Fromer conversa com a sra. Bellotto, Malu Mader, e o amigo, ator e ex-Malu Taumaturgo Ferreira; Miklos desfila seu novo modelito glitter; Branco dá autógrafos; Nando pede ao Juizado de Menores para liberar a entrada de sua filha Sophia de 9 anos e Sérgio Britto, cervejinha na mão, engata "Sr. Delegado", um samba de Germano Mathias, que é tocado antes de "Polícia" no show.

No palco, o clima tranquilo dos bastidores vai para o espaço. Nenhum titã se segura nos banquinhos, as gravatas vão parar no chão e os meninos dançam. A galera também. É incrível o nível de popularidade que a banda atingiu. Não há música que passe despercebida pelo povo, adolescentes na sua maioria. Desde "Comida", a primeira canção, a galera canta todos os versos e vírgulas em uníssono com a banda. Não há grandes novidades no set list (*veja quadro*), exceto a canção "É Preciso Saber Viver", da dupla Roberto e Erasmo Carlos, em que Toni Bellotto empunha uma bela guitarra Gibson semi-acústica e dá uma sonoridade meio country ao sucesso. Sabendo da crítica situação de Tim Maia, uma música é dedicada ao cantor, que viria a falecer no dia seguinte. Na seqüência, Paulo Miklos referese ao gordão como "A maior voz do Brasil".

Duas horas depois, incluindo seis músicas no bis (com direito a "Bagulho No Bumba", dos Virguloides, engatada num medley entre "Não Agüento" e "Polícia"), a festa encerra-se com "Pra Dizer Adeus". A galera não sossega e eles tentam voltar para um segundo bis. Inútil: as luzes do Ginásio são acesas e os freiam já no começo da rampa entre os camarins e o palco. "Eu queria tocar mais umas quatro músicas", comenta Bellotto, sorriso largo, feliz com tanto sucesso.

Danilo Monteiro

O QUE ROLOU

"Comida"
"Go Back"/"Stir It Up" (Bob Marley)
"Pra Dizer Adeus"
"É Preciso Saber Viver"
"Família"
"Cegos Do Castelo"
"O Pulso"
"A Melhor Forma"
"Marvin"/"Nem Cinco Minutos Guardados"
"Palavras"
"Hereditário"
"32 Dentes"
"Televisão"
"Não Vou Me Adaptar"
"Diversão"
"Homem Primata"
"Flores"
Bis:
"Sonífera Ilha"
"Bichos Escrotos"
"Sr. Delegado"/"Não Agüento"/"Bagulho No Bumba" (Virguloides)/"Polícia"
"Pra Dizer Adeus"

Antes do show, no camarim, clima de absoluta tranquilidade: Marcelo Fromer bate-bola com o ator Taumaturgo Ferreira e Malu Mader, a sra. Toni Bellotto; Paulo Miklos faz pose para a fotografia; Nando retoca o risual e Britto manda um pagodinho bacana

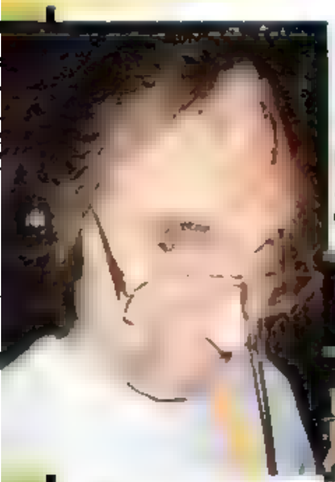
vai rolar

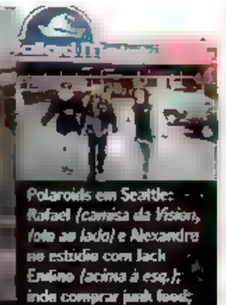
SUGAR RAY
Abril
29 – São Paulo (Palace)

FAT TOUR – turnê com as bandas punk americanas Lagwagon e Strung Out
Maio
15 – Brasília
16 – Goiânia
17 – Londrina
19 – Santos
20 – Rio de Janeiro
21 – Vitória ES
22 – Salvador
23 – Belo Horizonte
26 – Curitiba
27 – Joinville
28 – Porto Alegre
29 – São Paulo

Dez dias com Jack Endino

O BABA CÓSMICA foi mixar o novo disco *Fomos Comprar Cigarro e Demoramos Um Pouquinho...* com o lendário produtor do Nirvana, em Seattle, e o baterista Rafael escreveu um diário da aventura para SHOWBIZZ





Polaroids em Seattle: Rafael (camisa da Vision, foto ao lado) e Alexandre no estúdio com Jack Endino (acima à esq.); inda comprar junk food; petiscos de Jack, incluindo a devastador pimenta com açúcar; Alexandre tocando na guitarra do produtor; cabeças viradas e saladinhas

16/02

Estamos na casa de Jack, cheia de CDs espalhados pela sala e discos de ouro pendurados na parede. Entre eles, aquele que comemora a venda de 500 mil cópias de *Bleach*, do Nirvana. No porão, encontramos a mesa de oito canais em que ele gravou a maioria dos álbuns da vida dele e um computador com e-mails da banda TAD, convidando Jack para um show na sexta-feira.

17/02

Jack foi nos pegar no hotel com uma van amarela muito louca. Foi nela que o Skin Yard (banda que ele tocou desde o fim dos 80 até o início dos 90) fez suas turnês nacionais. Hoje, ela está velha e decrépita, mas funciona bem pra carregar seus equipamentos e alguns brasileiros idiotas como nós. No estúdio simples Hazek Audio, Jack começou a mixar "Pau-Pereira" e, rapidamente, mexeu nos timbres dos instrumentos fazendo o som engordar nitidamente. Trabalhamos na música o dia todo e ficou alucinante.

18/02

Demos um rolê próximo ao hotel e descobrimos que Seattle não tem nada pra fazer! De volta ao estúdio, Jack mixava "Eu Te Odeio" e achou que o som do baixo estava sem pressão. Tentou usar um distorcedor que usava no Skin Yard, mas ficou sujo demais. Então, disse que este pedal é melhor para usar na voz. Aí, falei: "Oba, então vamos usar". Ele retrucou: "Você quer levar o pessoal do seu selo à loucura?". O clima começou a ficar mais descontraído e roubamos petiscos dele como uma espécie de gengibre com açúcar. É bom demais, mas dá uma caganeira desgraçada.

19/02

Neste momento, estou ouvindo o CD do Fitz Of Depression, disco que Jack produziu em 1995. Punk rock de primeira... Antes de ir para o estúdio, ele nos levou à sua casa para mostrar a *rough mix* de "Ela". Soou muito bem nas caixas dele. Neste dia, comi muita m... e quando cheguei ao hotel vomitei a vera. O troço era uma mistura de Chee-tos com Fanta Laranja... Aliás, me deu vontade de vomitar agora.

20/02

Jack comeu comida mexicana de café da manhã. Depois gastou seis horas para terminar "Sua Falta" e começamos a trabalhar em "Estoure Sua Cabeça". Falamos pra ele que essa música nunca seria um hit e a queríamos bem porrada, sem preocupação com o lado comercial. Então, ele disse: "É assim que eu gosto!". Ah, não fomos no show do TAD porque era para maiores de 21 anos (!).

23/02

Dia inteiro fazendo *tour* por lojas de instrumentos e comprei um bateria DW. À noite, Jack nos levou ao show do Dub Narcotic, boa banda de garage funk.

24/02

Passamos na loja da lendária gravadora Sub Pop. Chegamos atrasados no estúdio e pegamos Jack fazendo microfonia em "Nem Com Tiro Eu Me Calo". Neste dia, Jack nos colocou apelidos: eu virei o Chupa-Cabra e o Alexandre, o Tucano-Ramone, por causa do nariz e do cabelo.

26/02

Último dia e Jack pegou "Borogodó". Disse a ele que essa música era forte candidata a single. Ele respondeu "Saiam daqui e só voltem quando eu chamar. Não quero olhar para a cara de vocês". 45 minutos depois ouvimos uma versão irretocável. Na despedida, ele declarou seu amor pelos Titãs e falou que gostaria de voltar ao Brasil. Então, bandas, chamem o Jack Endino para produzir seu disco. Vocês só precisam que ele goste do seu som e ter algum dinheiro disponível.

Emma Townshend: ao capricho

SANGUE BOM

Sim, a dona do belo par de olhos azuis ao lado é filha de Pete Townshend. E **EMMA**, de 28 anos, não nega a herança genética. Depois de passar [redacted] Ph.D em história da ciência, ela agora estreia na carreira artística. Esta [redacted] de boas letras e canções. A admiração de alguns críticos, aliás, vem rendendo fortes elogios a Emma. "A menina herdou o talento do pai e dá dignidade à arte de compor", diz um deles.

Muito artístico, hein, Michael?

FAZENDO ARTE

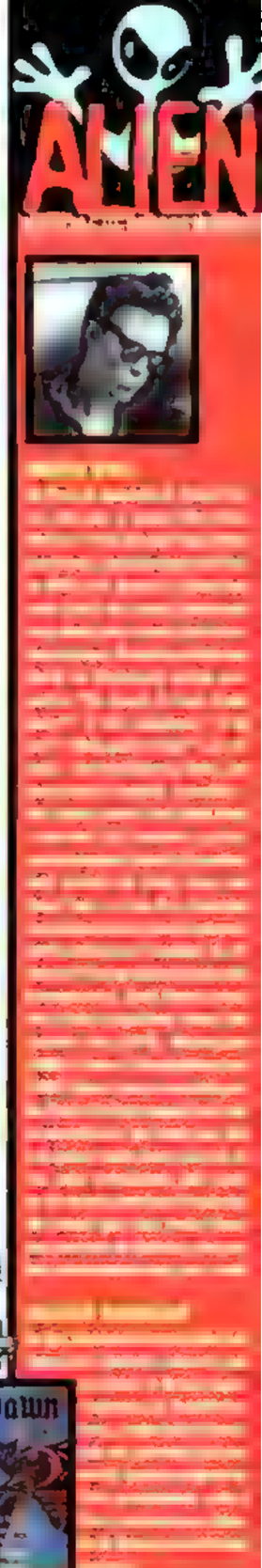
Enquanto o R.E.M está no estúdio, já com o novo baterista Barrett Martin, ex-Screaming Trees, **MICHAEL STIPE** ataca em outras áreas. Está lançando nos EUA *Two Times Intro: On The Road With Patti Smith*, livro de fotografias, em que ele clicou a turnê de 1996 da poetisa punk americana e libera seu olhar crativo em imagens que [redacted] os pés das pessoas (!). Ainda mais controverso, ele se prepara para dirigir um longa baseado no livro *American Psycho*, de Brett Easton Ellis. A história é sobre uma série de assassinatos bárbaros cometidos por um yuppie louco e será filmada sob o ponto de vista do *serial killer*.

VOCÊ NÃO PERRY POR ESPERAR

Gobbolee é a nova banda do inquieto **PERRY FARRELL**. O líder do Porno For Pyros anunciou oficialmente o fim do grupo, deu um tempo indefinido na turnê que fazia com a re-formação do Jane's Addiction e agora já está num estúdio em Los Angeles gravando o álbum de estréia do seu novo projeto. Participam com ele nessa empreitada o batenista ex-Porno, Stephen Perkins, e os guitarristas Tom Morello, do Rage Against The Machine, e o genial John Frusciante, ex-Red Hot Chili Peppers.

Gobbolee, Gobbolee, hurra!

GUITARRAS DE DOER



Bizzes

Repossuído

Mais pesado do que João Gordo, o Slayer faz novo pacto com o diabo e ataca Max Cavalera

PARADÃO DA REDENÇÃO

Sete músicas homenagens para lembrar dos 30 anos da morte de Martin Luther King, dia 4 de abril

"I Have A Dream" – Martin Luther King
Ninguem melhor do que o proprio pastor para defender suas idéias. A musica nada mais é que o discurso proferido por Martin Luther nos anos 60 em defesa dos negros, a canção virou disco por obra do produtor Berry Gordy – o dono da gravadora Motown.

"People Got To Be Free" – The Rascals
Influenciados pela luta anti-racismo de Martin Luther King, o grupo de soul americano fez concertos beneficentes para o pastor e exigiu bandas de negros abrisse seus shows. Depois da morte do pastor, em 1968, eles lançaram esta canção em homenagem ao mártir.

"Happy Birthday" – Stevie Wonder
Uma das grandes canções de *Hotter Than July* (1980), ela foi adotada como campanha para que o aniversário de Luther King virasse feriado nacional.

"Tributo A Martin Luther King" – Wilson Simonal
Em 1968, o cantor conclamava os "meus amiguinhos de cor" a saudar o pastor americano. Um dos maiores sucessos da carreira de Simonal.

"Pride (In The Name Of Love)" e "MLK" – U2
Duas musicas de *Unforgettable Fire* (1984). Na primeira, Bono Vox faz alusões a Judas e ao assassinato de Martin Luther King. Já "MLK" soa como uma canção de ninar, tendo apenas teclados ao fundo.

"Abraham, Martin & John" – Marvin Gaye
Regravação do sucesso do cantor Dion, fala de três nomes importantes na luta pelos direitos dos negros nos EUA. Além de Luther King, refere-se aos ex-presidentes Abraham Lincoln e John Kennedy.

"Fight The Power" – Public Enemy
Luther King não é o tema principal, mas ganha os versos mais respeitosos da canção, um funoso tratado contra o racismo ("Elvis foi um herói para muitos, mas, para mim, ele não passava de um branco racista", ataca Chuck D)

"INCRÍVEL COINCIDÊNCIA"

Nao se assuste se voce topar brevemente com um Verve pelas ruas. Nao, nao é a banda. Trata-se do novo modelo do belo 306, da Peugeot. Na cara dura, a fabrica francesa não so tomou o nome "emprestado" como usou as imagens psicodelicas de *No Come Down (B-Sides And Outtakes)*, álbum do Verve, de 1994, na campanha publicitária. Indignado, o grupo inglês está processando a multinacional de automóveis, enquanto os advogados da empresa alegam que tudo não passou de uma "incrivel coincidência". "Nós simplesmente achamos a expressão The Verve (o entusiasmo) a melhor palavra para definir o novo carro" declaram.

VESTIDO PARA MATAR

Anthony Kieds, dos Chili Peppers, careca? Não, o bonitão ai ao lado é o neto de Herman Melville, autor de *Moby Dick*, e o homem que ficou por trás de Axl Rose em parte da pré-produção do novo disco do Guns. Sim, o nome dele é Moby, um dos papas do tecno. O cara que recentemente lançou *I Like To Score*, disco com baticuns que fez para o cinema, como a releitura do tema de *James Bond*. Porque diabos ele fez essa foto? "Minha mãe tomou ácido quando estava grávida de mim. Isso explica muita coisa que faço", escapa.

RESGATE

Buckley: novo CD

Antes de morrer afogado em 29 de março do ano passado, Jeff Buckley era considerado a grande nova promessa do rock mundial. Com pinta de gauá e talento de sobra, herdado do pai Tim Buckley, a morte interrompeu uma carreira promissora, retomada agora pelo amigo Chris Cornell. O ex-cantor do Soundgarden está selecionando o material que Jeff deixou gravado e um CD duplo, *Sketeches (For My Sweetheart The Drunk)*, sera lançado em maio.

SPACE INVADERS

Música Popular Do Espaço. É nesse termo pra lá de criativo que o vj e guitarrista Gastão Moreira vem se dedicando quando não está na MTV. Por quê? É o novo concerto de sua banda Hip Monsters

Gastão e os Hip Monsters: viagem relax

Que história é essa de espaço sideral? Você é um cara ligado em Ufologia, Gastão?
Falo do espaço só para escapar da realidade mesmo. Tem tanta banda escrevendo sobre desgraça! Prefiro viajar...

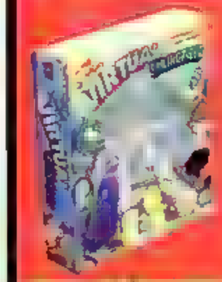
Você está lançando um CD independente produzido por Edu K e Dudu Marote. Dá para definir o som atual do Hip Monsters?
A temática é absolutamente espacial, fala de discos voadores, coisa e tal. Quanto ao som, estamos fazendo um tipo de rock mais acessível, com refrão e musicas mais curtas. Enxugamos os riffs complicados do primeiro álbum.

Qual foi o motivo da mudança?
A gente não ouvia rádio, não gostava de bandas populares... Agora estamos mais abertos. Oasis, por exemplo, é um bom exemplo de musica simples e eficiente.

Parece que vocês andam tocando uns covers...
É, gravamos "21th Century Schizoid Man", do King Crimson, "Arnold Layne", Pink Floyd, e "Take It As It Comes", do Doors.

Por que trocou Rip por Hip?
Hip com H é uma referência aos hippies dos anos 70. Agora estamos numa fase mais relax...

ALIEN



COM FORÇA

e com Vontade

mundo livre s/a, Catapulta, Pavilhão 9 e uma boa safra de bandas novas mandam bem na segunda edição do Boom Bahia, em Salvador

mundo livre s/a (no alto), Catapulta (acima), Dead Billies, Dois Sapos e Meio e Messias, do brincando de deus: vários sons e estilos reunidos num mesmo festival. O Boom Bahia revelou ainda bons nomes como o soteropolitano Inkoma e o paulistano Loop B

Se a batalha no underground é ingrata até em Nova York, imagine na Bahia. No estado com a média de salários mais baixa do país (dados do IBGE), onde a pelancuda axé music cada vez engorda mais, insistir no rock'n'roll requer heroísmo. Este segundo Boom Bahia, realizado nos dias 14 e 15 de março, numa pista de kart indoor, recebeu apenas 600 pagantes no primeiro dia e 900 no segundo, mas mostrou que talento lá não falta.

Desfalcada de seus nomes mais pops, Maria Bacana (recolhido para preparar o segundo disco) e Penélope Charmosa (gravando o álbum de estréia), a cena soteropolitana exibiu o vigor do Catapulta, a eletrizante performance dos Dead Billies, o indie exportação do brincando de deus, boas canções da Saci Tric e uma forte surpresa punk: o grupo Inkoma, despertado por Priscila, uma cantora bonita e irada que poderia estar ganhando dinheiro em cima de um trio elétrico.

Houve também apresentações de mundo livre s/a (que começou tardíssimo no sábado e teve de terminar na marra, para que fosse respeitada a lei do silêncio naquela área da Avenida ACM – que nome, hein?), Pavilhão 9, Lacertae (experimentalismo de Lagarto, SE), Snooze (indie boys de Aracaju) e Cigarettes (noise boys do Rio). O eletronicamente percussivo e alucinadamente performático paulistano Lourenço Brasil, o Loop B, foi o choque dentro da previsibilidade dos sons apresentados.

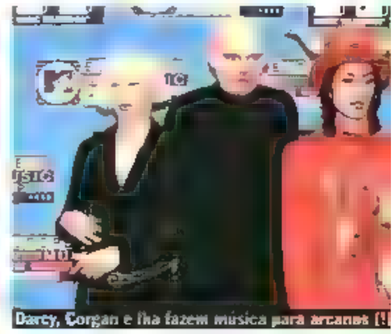
Os prejuízos dos organizadores deixam evidentes alguns becos sem saída nos caminhos do rock que se faz no Brasil hoje. Derivados de My Bloody Valentine com letras em inglês e timidez no palco de um lado; do outro, bandas unidimensionalmente pesadas e agressivas com uma preguiça melódica que as conduz aos famigerados "elementos de rap". Seria ótimo se uns aprendessem com os outros. E melhor ainda se tentassem se comunicar melhor com quem não é da tribo. Os índios estão em número reduzido.

TURMA DO FUNIL

Virgulóides, Raimundos e Bezerra: sem dormir no ponto

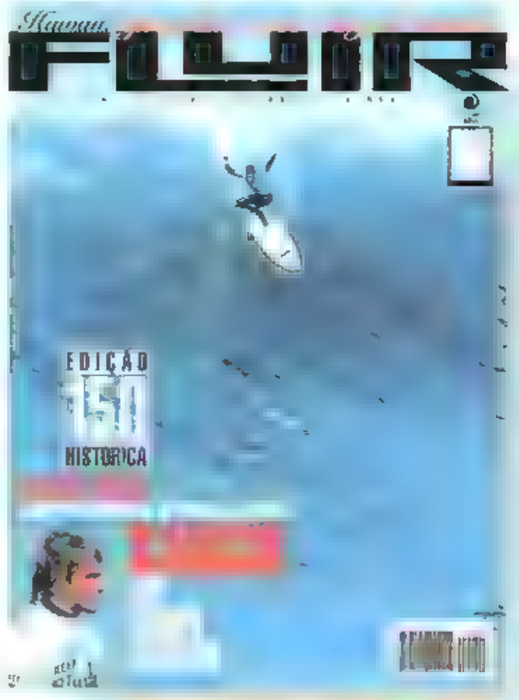
TIO CHICO E AS ABÓBORAS SOMBRIAS

"*Adore* é uma mistura de blues sombrios com música noturna para arcanos." Esta é a definição dos Smashing Pumpkins para seu novo disco que será lançado em maio, bem no meio de uma batalha judicial com a gravadora Virgin. A multinacional está processando a banda alegando quebra de contrato, já que os abóboras só entregaram apenas três dos sete álbuns prometidos para a companhia. Isso, porém, não deve atrapalhar na promoção de *Adore*. O tão aguardado sucessor do retocável *Mellon Collie & The Infinite Sadness* (1995) tem produção do guitarrista Billy Corgan e conta também com a mãozinha de Rick Rubin na faixa "Let Me Give The World To You". A mixagem geral ficou por conta de Flood.



Darcy, Corgan e Iha fazem música para arcanos

Para a gravação da bateria, vaga desocupada desde a saída de Matt Walker, no fim de 1996, a banda contou com a ajuda de um integrante que não toma drogas: uma *drum machine* pilotada pelo guitarrista James Iha e pela baixista D'Arcy. As partes mais "humanas" de percussão ficaram por conta de Matt Cameron ex-Soundgarden, e Joey Waronker (da banda de Beck).



Nas bancas

GRÁTIS
chaveiro
alucinante

REVISTA
FLUIR
SURF E FLUIR

pipoca moderna

por JOSÉ EMILIO RONDEAU, de Los Angeles

ANTES TARDE DO QUE NUNCA

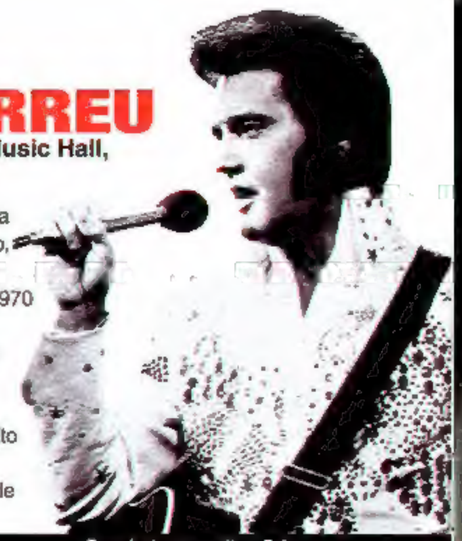
Ringo repara erro

Não é novidade para ninguém que a gravação do primeiro hit dos Beatles, "Love Me Do", não conta com a participação de **Ringo Starr**. A contragosto, o baterista foi substituído na última hora por um músico de estúdio, a pedidos do produtor George Martin. Mas agora, mais de 30 anos depois, chegou a hora da revanche: Ringo gravou sua própria versão do hit para seu novo álbum solo, *Vertical Man*. Os ex-companheiros de Liverpool, Paul McCartney e George Harrison, também participam do disco, junto com convidados especiais como Brian Wilson, Alanis Morissette, Scott Weiland e Steven Tyler. A All Starr Band, grupo que Ringo montou para acompanhá-lo em shows, também participa do CD. E mais: aporta para shows no Brasil ainda este ano.

ELVIS NÃO MORREU

Show do Rei lota o Radio City Music Hall, em Nova York, por três noites

Ele não estava lá em carne e osso, é claro – a esta altura, seria osso em pó, se tanto –, mas em vídeo, no show multimídia **Elvis-The Concert**, para o qual foram editadas apresentações do Rei entre 1970 e 1973 e exibidas num telão de quase 30 metros quadrados. Tudo isso com o acompanhamento ao vivo de uma orquestra de 16 músicos. Depois de Nova York, o show partiu para excursionar pelos Estados Unidos, com paradas programadas em oito cidades. Nos planos dos organizadores estão eventos semelhantes, destacando performances de Janis Joplin e Jimi Hendrix.



Tecnologia ressuscita o Rei

DOBRADINHA ALTERNATIVA

Os fãs do superindie **Fugazi** poderão curtir duas fases distintas da banda – o passado e o presente – graças ao lançamento simultâneo de um novo álbum, *End Hits*, e de um EP, *Black Light Panthers*. Este último sai exclusivamente em vinil, contendo gravações feitas em 1982 pelo guitarrista Guy Picciott e o baterista Brendan Canty apenas um ano depois de terem se conhecido. Com uma tiragem limitada a somente mil cópias, o miniálbum trará ainda a inédita "Golden Vanity", gravada ano passado.

ATAQUE À PIRATARIA

O **Metallica** abriu fogo contra os distribuidores do CD pirata *Bay Area Thrashers*, lançado em Londres e nos Estados Unidos. Com trechos de uma fita-demo gravada em 1982 por uma versão pré-histórica da banda – ainda com Dave Mustaine (hoje no Megadeth) na guitarra e Ron McGovney no baixo –, o bootleg fez tanto sucesso que sua tiragem esgotou-se em apenas alguns dias nas lojas.

Quem tem medo de Hetfield?

LOU NO CAPRICHO

Berlin, o clássico terceiro álbum solo de **Lou Reed**, será relançado com som remasterizado para os anos 90 e embalagem mais caprichada que as edições anteriores em CD. Ao mesmo tempo, sairá *Perfect Night*, novo trabalho de Lou, gravado ao vivo no Royal Festival Hall.

E eu com isso?

Mick Jagger, do alto dos seus 24 anos, prometeu que antes de chegar aos 40 já teria parado de cantar "Satisfaction". Não cumpriu a promessa: a música abre os shows da atual turnê *Bridges To Babylon*, e Jagger, vovô, já passou dos 55. Mas o fato de Mick não manter a palavra reforça a teoria da indestrutibilidade dos Rolling Stones. Algo em que todo o mundo aposta.

Um bom exemplo é o resultado de uma pesquisa feita entre a população universitária norte-americana com formatura marcada para 2001. Encomendada pela seguradora Northwestern Mutual Life, a pesquisa fez a pergunta: há mais de 30 anos os Rolling Stones vêm tocando Rock' n' Roll. Quais artistas pop ainda estarão ativos daqui a 30 anos?

Não houve um único nome escolhido por maioria esmagadora, mas os artistas com maior número de votos foram Boyz II Men e Dave Matthews Band. Dentre os demais apontados, figuram U2, Metallica, Phish e Pearl Jam e... Rolling Stones! O que significa que, para os malucos que votaram, Mick Jagger ainda estará cantando "Satisfaction" em 2028, quando tiver 85 anos.

OLHO NELES

AIR Trata-se de uma dupla francesa – Jean-Benoît Dunckel e Nicolas Godin *(foto)* – especializada numa intrigante mistura de sons espaciais modernhos e pop/jazz antigo, vintage. É tão intrigante que está conquistando legiões cada vez maiores de fãs americanos com seu novo álbum, *Moon Safari*. Dê uma conferida no hit "Sexy Boy" e diga se aquilo não é a cara, mas a cara mesmo, de algo que os Mutantes poderiam ter feito nos anos 60.

RATOS DE PORÃO

CARNICERIA TROPICAL. OUÇA AQUI, VEJA LÁ.

Lançamento Mundial R.D.P. World Tour'98

04/04 RECIFE (ABRIL PRO-ROCK)
10 E 11/04 PORTUGAL
14 A 19/04 ESPANHA
22/04 FRANÇA
23 E 24/04 BÉLGICA
25 A 30/04 ALEMANHA E HOLANDA
01 A 17/05 ALEMANHA
18/05 AUSTRIA
19 A 25/05 SLOVÊNIA E CROÁCIA
26 A 31/05 ITÁLIA
01 A 03/06 ITÁLIA

JÁ À VENDA

PARADOXX music

Discoteca básica

Foi o álbum que marcou o início da era *disco*, mas também trouxe o que havia de melhor em música negra. *Saturday Night Fever* tem músicos excelentes, produção impecável e canções eternas, como "Stayin' Alive", "Night Fever" e "How Deep Is Your Love". *Dudu Marote, produtor*

SATURDAY NIGHT FEVER

Vários

Certos discos capturam o espírito de uma época e de uma mudança social. Em 1977, isso aconteceu com a trilha de *Saturday Night Fever* (aqui no Brasil, *Os Embalos De Sábado À Noite*). O filme estrelado por John Travolta retratava o universo dos jovens nova-iorquinos do Brooklyn que viviam vidas banais, mas tinham seu momento de glória nas pistas das discotecas.

A gênese de *Saturday Night Fever* foi um artigo escrito pelo crítico Nick Cohn chamado "Os Ritos Tribais Do Novo Sábado À Noite". Publicado em junho de 1976 na revista *New York*, ele acabou ganhando as telas de cinema pelas mãos do diretor John Badham. O produtor Robert Stigwood (ex-empresário do power trio Cream e responsável pelas óperas-rock *Evita* e *Jesus Cristo Superstar*) sentiu que aquilo era uma mina de ouro e chamou os Bee Gees para compor a trilha sonora para o filme.

> A trilha foi feita por encomenda, mas os Bee Gees já estavam superfamiliarizados com a linguagem disco

Barry, Robin e Maurice Gibb já estavam experimentando com sucesso ritmos dançantes e não foi difícil para eles entrar no clima. A primeira música criada foi "Stayin' Alive", um dos grandes hinos dos anos 70. Os críticos da nostalgia disco não conseguem negar a força da cena inicial do filme, em que John Travolta – vivendo Tony Manero, o personagem principal da história – trota pelas ruas de Nova York ao som dessa grande canção. Depois, os irmãos Gibb escreveram a bela "How Deep Is You Love", balada obrigatória para o momento romântico do filme. Outra canção mais climática era "If I Can't Have You", que eles fizeram especialmente para sua protegida, a cantora Yvonne Elliman (ela também trabalhou em *Jesus Cristo Superstar*, no papel de Maria Madalena).

Os Embalos De Sábado À Noite deveria se chamar apenas *Night Fever*, mas Stigwood achou que muita gente poderia pensar que se tratava de uma produção pornô. A música "Night Fever" aparece num dos momentos cruciais do filme e retrata a ferveção que rolava nas pistas de dança. "More Than A Woman", que segue a linha sensual de "Night Fever", surge em duas versões: uma com os próprios Bee Gees e a outra com o grupo soul Tavares.

Os mais antenados estranharam a inclusão de "You Should Be Dancing", canção que os Bee Gees tinham lançado em 1976 no álbum *Children Of The World*. Ela só entrou por insistência de John Travolta. O ator tinha ensaiado a música para se preparar para o filme e não queria rebolar ao som de outra canção. "Jive Talking" foi outro antigo hit dos Bee Gees que entrou no álbum, embora tenha ficado de fora do filme.

Além dos Bee Gees, o disco também trouxe outros importantes nomes do soul e da disco, como Kool & The Gang, M.F.S.B., K.C. & The Sunshine Band, Walther Murphy e The Tramps. Estes últimos cantam "Disco Inferno", que virou sinônimo da era disco – e é tão marcante quanto as criações dos irmãos Gibb. A trilha ainda incluía duas criações do maestro David Shire.

Os Embalos De Sábado À Noite está vivo. Recentemente, uma badalada rádio de Nova York comemorou os 20 anos da trilha, com a participação de todos os artistas presentes no disco. Os Bee Gees estão sendo reconhecidos e a tão difamada disco music ganha homenagem até do U2. Em matéria de nostalgia, os Bee Bees carecas são tão ou mais dignos do que qualquer ex-punk em busca de alguns trocados.

Paulo Cavalcanti

Performance

Lançamento: novembro de 1977
Produção: Vários
Faixas: "Stayin' Alive" • "How Deep Is Your Love" • "Night Fever" • "More Than A Woman" (Bee Gees) • "If I Can't Have You" (Yvonne Elliman) • "A Fifth Of Beethoven" (Walther Murphy) • "More Than A Woman" (Tavares) • "Manhattan Skyline" (David Shire) • "Calypso Breakdown" (Ralph MacDonald) • "Night On Disco Mountain" (David Shire) • "Open Sesame" (Kool & The Gang) • "Jive Talking" • "You Should Be Dancing" (Bee Gees) • "Boogie Shoes" (K.C. & The Sunshine Band) • "Salsation" (David Shire), "K-Jee" (M.F.S.B.) • "Disco Inferno" (The Tramps).

Saturday Night Fever chegou ao primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos e Inglaterra e vendeu mais de 30 milhões de cópias. "Stayin' Alive", "How Deep Is Your Love", "Night Fever", "If I Can't Have You", "You Should Be Dancing" e "A Fifth of Beethoven" foram lançadas como single e também chegaram ao primeiro lugar. O disco atualmente está disponível no mundo todo em CD duplo pela PolyGram.

SHOWBIZZ

STOLICHN

COOL BEFORE DRINKING

KEITH FLINT

prodigy

"A reencarnação existe.
Ou não?"

Yankee Street

YANKEE
STREET
AGORA OU NUNCA